

vila, bons companheiros com quem me dei muito bem.

Do regressar a Coimbra fiz até um soneto que conservei e aqui deixo copiado para lembrança:

. « Andar na boa paudega co' o Oliveira
Arrotando champagne e o bom tabaco;
Aprender a jogar co' o fino taco
Melhor um pouco, até, q' o major Pereira;

. Comer do atum a boa petisqueira,
Da lagosta picante em belo máco;
P'las bilreiras sentir um certo fraco
E com pena de não quererem pagodeira;

. Ter jejum absoluto e mal contido
Do q' se chama o "futo proibido",
E apauhar nos jarmais um grande espiche;

. Não dar de ganho ao baldas em tostão,
Aturar do Cardoso e presunção...
... eis o destacamento de Berniche!

Coimbra = 26 - jan.º - 1806.

Para compreensão do soneto deve dizer-se que o Oliveira do primeiro verso era o farmacêutico de 1.ª classe José Soares de Oliveira, dono da única farmácia da terra e consensual na hospedaria onde eu comia, e chamada hospedaria «do Barnabé»; alegre e dessem-

que... foi... a... de... a...



...de... a... a... a... a...

...de... a... a... a... a...

...de... a... a... a... a...



...de... a... a... a... a...

...de... a... a... a... a...

esta, bono auspicio...
dei...
...

da...
...

...

...

...

...

...

procurado, foi excelente companheiro. Gostava de jogar a roleta na Assembleia local e usava muito a palavra absoluto a propósito de tudo e de nada.

O major Pereira cit.º era o administrador do concelho, major reformado de Infantaria Albino Estêvão de Vitoria Pereira, homem dos seus cinquenta e tal anos. Jogava muito o bilhar na Assembleia.

O Baldas era o homem da roleta em do monte na dita Assembleia ainda, por principio, nunca joguei. E o Cardoso era, salvo erro, o recebedor do Concelho, creatura sempre muito bem posta, impertinente, que falava a paucos, cheio de prosopias.

Aquella Soares de Oliveira fez 36 anos a 10 de Janeiro; os concensais da hospedaria ofereceram um banqueté; e em li-the, no final, o seguinte soneto com allusão ao Cardão do absoluto e ao vicio da roleta:

« Não lamentos, Oliveira, a tua idade
 Já que tres duzias cartas tees contado!
 Tudo neste mundo desgraçado
 É relativo, é vão... é só vaidade!

É relativa a falsa inocidade,
 É relativo o amor tão procurado;

É relativo o dinheiro bem usado

É relativa a própria virgindade ...

Só não é relativa esta alegria
Que me faz delirar tão fria
Para te desejar, que d' hora avante

O cinco, o desasete e o trinta e dois
Se façam já p'ra hoje ou p'ra depois
Um absoluto bresão triunfante!

(Perniche: 10 - Jan.º - 1906)

Os números 5, 17 e 32 eram os preferidos na roleta por ele, nos quais sempre jogava. O soneto foi aclamado.

Creancieiros que não fizeram mal a ninguém e que sempre davam momentos de certa alegria.

Este Soares de Oliveira veio a morrer poucos anos depois.

É já que acima falei no major Vitoria Pereira, sempre quero contar um caso a seu respeito que não deixa de ser curioso.

Um dia eu e o capitão Baudeira fomos á administração do Conselho não me recordo já por que motivo e estivemos no gabinete do major com quem conversámos largamente. O Vitoria Pereira era homem alto, boa figura; falava com desembaraço, era bom

cavaguedão e tinha certo grau de cultura geral. Pertencia ao partido progressista, era um liberal e aubijo maçom. E na palestra desse dia mostrou, com alguma exuberância, os seus sentimentos anti-clericais.

A certa altura, o continuo anunciou o Superior do collegio de S. Bernardino, das proximidades, do lado sul, se não sei quem dos franciscanos; o Vitoria Pereira não gostou da visita, de mais a mais a seguir a afirmações tão radicais, mas, é claro que mandou entrar o homem.

O frade era homem reforçado, mesmo, aspecto duro que contrastava com o ar melifluo, atencioso, naturalmente melthaco, que logo de entrada mostrou; mas o meu espanto foi grande ao ver a recepção que o administrador lhe fez... Todo ele era subservencia, quase humildade perante o frade que entre os seus modos tivesse a exterioridade a qual mostrava todavia certa superioridade de que aliás se justificava com a submissa presença do representante do Estado.

Foram apresentados mas pouco nos demorámos depois; e na sua comentámos com asperesa a duplicidade de maneiras do

administrador do Conselho: de farruca pas-
sou depressa ao pernilismo; o velho meçou
quase beijou a manga do habito monastico.
E dai a dias, na Assembleia, encontrando-
nos, quiz descarregar a consciencia e refe-
riundo-se á visita do franciscano, dizia-nos
um tanto ou quanto esustrapido, como ex-
plicando:

— Tem de ser assim...
e deante.

E assim entrou mais um ano, o de
1906 e com ele recomeçava a rotina regiun-
tal a que me não habituára ainda completa-
mente. Mas tinha de ser assim, como nos
disse o Vitoria Pereira...

Coimbrã:

15-Maio-1957.

IV

« E os anos correram, e os dias
cresceram... »

Antonio Nolere: Só, a pag.
... de 6.^a edição.

Escrevi acima que o espírito Dominguinho de Freitas era o unico oficial que tinha por ea comigo certo espirito de compreensão. E de facto assim era.

Apesar de muito agarrado ao partido franquista e com grande admiração pelo chefe João Franco com quem mantinha as melhores relações pessoais, era homem de grande tolerancia e levava a brincar o meu republicanismo que, aliás, o não incomodava.

Dava-se m.^{to} bem comigo e era excelente companheiro para umas fujas ás Touzadas á Figueira ou á Mealhada nos dias de festa á Senhora Santana, no ultimo do-

meingo de julho — a que se peguia sempre
jantar agradável.

E como tinha os meus amigos políti-
cos nos arredores e estes ás vezes o convidá-
vam para qualquer festança, o capitão levá-
va-me quase sempre e ao Bernardo Pedro
que, nessa altura, era apaixonado franquis-
ta. Teram tardes bem passadas de que me
lembro bastante e, não sei se diga, neste
momento cheio de preocupações e aborre-
cimentos, com algumas saudades.

Deixei escritas certas notas de algumas
deusas escapadas; não resisto a deixa-las
agora pois se não têm valor histórico, são
claras.^{te}, ao menos, um típico quadro
de costumes políticos do tempo narrados
com ligeireza e com alguma ironia inofen-
siva.

Éis uma dessas notas:

« Coimbra: 16 - Julho - 1905.

« Ontem, poriam umas duas horas
da tarde, á hora do maior calor, eu e o ca-
pitão Domingos de Freitas metíamos-nos
num carro suado, discretamente, iam escondi-
dos nos foguetes de tres respostas...

« O carro partiu por entre a jõeira da estrada e nós cerrámos as cortinas porque o sol apertava. Na estrada da Beira, entráramos mais dois: o Ernesto Mercier de Miranda e um rapaz negociante que pelo nome não sei.

« O carro seguiu, estrada da Beira fóra, por meio do reque de arvores quase contínuo que a arlam fritarescamente e ainda a cigarra cantava com indolencia, ao desafio do Loure, para cima, o campariário de Santo Antonio dos Olivais espreitava por entre as oliveiras e uma ou outra casa da Cumeada, com telhado á modorra, garridamente estrapava, á vista, o aspecto atraente da sua costa.

« Ora fóra o caso que um rapaz do lugar do Cabreco, freguesia de Beira, a uns sete ou oito kilometros de Coimbra, fóra á inspecção e livraria. Seu o apadrinhado foi o capitão por intermedio dum medico Antonio Lobo, amigo dele e franquista feroz; e o pai do rapaz querendo mostrar-se reconhecido, convidou o Freitas e quantos amigos este quizesse levar, para um jantar á larga, de festa.

« E aqui está a razão porque áquella hora eu ia no carro, por entre jacintha branca, caminho da Portela. Iria ser uma festa. Vagamente, na cidade, constau-nos que o jantar seria uma coisa nuestro, colossal; que o director da carreira das algibeiras deu do meu piedade; que tinha ido com esta com garrafas de champagne...

« Basta!... Não antecipemos.

« Quando, numa curva da estrada ~~em~~ ensombrada por amoreiras, o negociante foi com nos e primo dos donos da casa onde se dava a festa, nos apontou o lugar e disse "é ali!..." o Ernesto Miranda, discretamente, fez deslizar do fundo do carro dois foguetes e, peguidos, fê-los subir ao ar, estalando festivamente, para anunciar que estauamos chegados.

« De lá, duma casa rodeada de latadas ricasas, subiu um foguete, também, respondendo, auauel, ao nosso anuncio.

« Era do protocolo. Cartesia com cartesia.

« Apeármos. Pelo talude descia uma pequena estrada, com chaufros altos; um frontão de madeira, atravessa o rio beira por sobre os salgueiros pitaneses das mar

gens e em frente e em frente, no meio de um certo barbearinho apareciam calças espreitadas, homenes que iam e vinham, numa azáfama propria de grande festa.

« Estávamos no balauco. Pitoresco e interessante o tapejo, numa encosta aspera, cheia de oliveiros e batarãos de terrenos cultivados; as casas, sobrepostas harmoniosamente, com arte natural, dão um conjunto interessante; as vinhas, em latadas junto das paredes; o milho alto crescendo numa in-sua fertilissimas no sopé da encosta confinando com o rio... Borrito, m.º Borrito.

« Os joguetes, parem, anunciavam a nossa chegada. Plumeus de cara rapada, outros com peicás sibatejanas, fatos domingueiros esperavam gravemente os "senhores da cidade." Apresentações, mãos dadas, abraços: o pai, o filho, mais um primo, um sobrinho, um cunhado, o regedor, o feitor. E graves, solenes, formavam cortejo atrás de nós, silenciosamente, respeitosa mente.

« Depois, quando entramos em casa e nos sentámos, eles, passando uns grandes lenços pela testa, para limpar as camarinhas de suor, diziam enternecidamente:

« — Oh senhor Capitào! Aquilo é' que foi!... Os da Couraria terráram... mas não ganháram nada com os bérros. Quem pôde, pode!

« O capitào, pareceu, tinha os olhos sobre duas mesas já postas, prontas para o jantar. Seriam 4 horas. Na cozinha viaem-se panelhas de bracos rúis mexendo pratos, terrinas, colheres; a um canto, ao pé ~~de~~ de um lavatório, um esquadrião de garrafas de champagne, deitadas; um rapazinho enchiam uma mesa pequena com garrafas escuras cheias de vinho fresco trazido da adega. E o capitào dizia-me, passando o lenço pelo colarinho:

« — Oh meu alferes... Isto parece que são horas...

« Eu, pareceu, queria tirar umas fotografias. Continue a vontade de jantar do Freitas e ainda tirei uns grupos aquella gente, perfilada, expomada, em pose soléme, como no acto mais grave da vida. E o interessante é que, olhando a máquina diziam em voz baixa: "a gente sempre vê coisas..." Uma voz, então, retumbou, a do Dr. Lobo, o medico, a anunciar o jantar:

« — Vamos a isto !

« Levantámos - nos da eira e tomámos lugar numa das mesas, a mesa de honra. Começou então uma coisa gigantesca a que por ironia chamáramos jantar. Pratos por bre pratos : cozido, guisados, assados, galinha tostada, galinha cozida, leitões, pombos, vitela, carneiros... uma coisa horrível ! Depois das frutas, doces : pudings, rôtos de pão com ovos, ovos de fio, pasteis, crêmes, doces de castanha... medonhos ! medonhos !

« Tivemos de fazer as honras a tudo. Acantelámos - nos com água de Vidago, não houvesse alguma apoplexia... Mas tudo correu bem e pelo melhor.

« Os brindes, então, foram excelentes. O capitão começou ; o medico dr. Lobo seguiu - se ; os donos da casa agradeceram ; e começaram depois uns e outros a falarem de modo que já ninguém se entendia. Num desses momentos mais solenes, eu, com quatro taças de champagne já bebidas, impuz silencio... Já falar !

« — Meus senhores ! Eu não vou fazer um discurso politico !... Nada disso... Eu quero apenas...

« E continuei, com seriedade tal e tal ar de gravidade que vi em todos um movimento de agrado pelas minhas sinceras palavras. Por fim terminei por brindar aos donos da casa como á personificação do Trabalho, suas do Trabalho honesto, do Trabalho sério!...

« Todos beberam recolhidamente. O capitão dizia enternecido:

« — Está lançado! está lançado! Temos aqui honra para as Camaras!

« E um velhote, pai do medico Lobo e fãra feitor da marquessa de Pombares, berrava com grandes gestos:

« — Quando ele (este ele era o João Branco) quizer um deputado por Coimbra, nós não queremos outro! Este melhor ha de ser o nosso deputado!

« — Viva o nosso deputado!

« Sentimentalmente, modestamente, eu agradei reconhecido... A tarde caia serenamente. A encosta frondeira entristecia nos olivedos a luz do sol; ao longe passava um desautê.

« E a pouco e pouco tudo saiu para a serra. A tarde estava, verdadeiramente,

deliciosa, com ar de grandiosa pacífica pelo vale fértil e pelas ribas esbeltas de oliveiras. Seus foguetes estalejavam; o luar começava a aparecer na crista da Serra; e na escada que subia do jardim ouviram-se uns acordes de guitarra.

« Começava a dança.

« As raparigas saíram de casa; a Maria, uma linda morena que servira à mãe com grande avental branco, veio logo pronta para dançar.

« — O sr. não dança? perguntou-me alegremente.

« Eu não quis ser desmancha-frases; respondi-lhe que sim; e enquanto um campônio arranhava na guitarra um vira qualquer, eu dancei animadamente, no meio da admiração de todos.

« Animou-se, então, a festa. Ao vira seguiram-se outras danças: o vira de roda, a farrageira, o verde-gaio, o malhão, o estalado, a cana-verde, a polka (ao que as raparigas chamavam walsa). Um rapaz novo apareceu com um flautim feito de cana e, incansável, tocou toda a noite; depois veio outro com harmonium e aqui

estã como até as 11 horas da noite, meque-
la eira gritoresca se dançau, se cantau, se
beriucau sem descauço, sem fadiga, alegre-
mente, num rodopio doido em que me vi
envolvido.

« Uma rapariga dizia-me:

« — O sr. agora vai mestre!

« É era verdade, vinha mestre... O
capitão, porém, queria retirar-se e não hou-
ve quem fizesse a vontade.

« Despedi-me... e ao transpirar imen-
so, com o colarinho como um trapo, lá me
encaminhei com os deuses da casa até ao
carro, na estrada. Na eira ouviau-se
ainda o flautim e as palmeas cadenciadas
da dança. Os deuses da casa disseram-me
que eu podia contar com eles para os vo-
tos... Disseram-me os últimos adeuses. E,
quando o carro partiu, levantando poeira
em, agitei o chapéu, voltando-me para
traz e berrei ainda aos ecos do beira e das
lagoas:

« — Viva o sr. Couseheiro João Tra-
ço!...

« Os homens descalçaram-se com
respeito; e, em resposta, ao beize, curvi-

ram-se, com gravidade, uns "viva! viva!" O carro descia a ladeira largo pela estrada freixoada ... »

Eu divertia-me com estas escapadas á monotonia do serviço regimental. O Domingos de Freitas procurava converter-me ao franquismo; eu percia e achava-me graça á intenção sem aliás lhe dar a entender qualquer especie de simpatia pelo partido e, muitas vezes levava de brinde alguma exaltação que ele fazia das virtudes do grande chefe.

Todavia ele convidava-me quase sempre para estas funcões políticas com o velho criterio, talvez, da agua mole em pedra dura. E eu, francamente, divertia-me e fazia-me ás vezes estas partidas a que ele achava muita graça e que, afinal, não tinham consequencias.

Depois dum jantar daqueles, tão barroso e tão farto, e depois do rodizio alegre das danças á luz do luar, quem não se deixaria eleger deputado franquista pelo Cabouco? Quem não daria vivas convictos ao Messias?

Outra escapada em Outubro do mes-
mo anno de 1805 ficou narrada largamente
no vol.^o que intitulei Parreios e Viagens ⁽¹⁾ e
por isso não refiro aqui. Tratava-se do baptis-
tado dum filho do capitão, filho que veio a
morrer de pouca idade.

Embora fosse festa de familia, o Freitas
deu-lhe cunho politico; realisou-se o baptis-
mo e a festa no lugar do Chelo, freguesia de
Lervão. Foi um dia bem passado em q. me
encontrei com uns priores retribuidamente
frangueistas que, apesar da minha vivacidade
de despreocupada ficaram-me sempre com
certa estima.

Já morreram todos.

Dra no anno de 1806 tive mais duas
diligencias com tropas e um exercicio de qua-
dros. Deste exercicio de quadros deixei descri-
ção pormenorizada em notas e cartas de que
farei capitulo a seguir, especial, porque
dao para isso muito á larga.

Erão exercicios arduos pelo Vas con-
celos Porto então ministro da guerra do minist.

⁽¹⁾ No vol. I, pag. 127 - 162.

terio presidido pelo João Franco — e, deve dizer-se a verdade, foram exercícios bem orientados e até certo ponto proveitosos.

As duas diligências foram: ao Paiaõ, conc.º de Figueira da Foz, em Agosto; e pela terceira vez a Arpanil em Setembro seguinte.

A do Paiaõ foi devida a eleições para deputados. No sul do concelho da Figueira havia luta reuñida entre progressistas e regeneradores ou seja entre os potentados políticos Guimaraães Pedrosa (pelos primeiros) e os drs. José e Joaquim Jardim (pelos segundos). Daqui, a requisição de duas forças militares, uma para Lavos, outra para o Paiaõ, centros mais importantes da influencia dos dois partidos.

Eu fui mandado para este ultimo lugar onde cheguei á tarde do dia 16 de Agosto, dois dias antes, para metter medo... Andei na aldeia a radear na 6.ª feira e Sabado anteriores á eleição, até que no Domingo, o dia grande, estive de prevenção á espera do desfecho do acto eleitoral que correu com excitação e não sei se irregularidades, até ao declinar da tarde, demorado propositadamente.

te para não terminar nesse dia. Eu fui por
 verido de que o dr. Joaquim Jardim que diri-
 gia no sul do concelho a eleição, pretendia inu-
 tilizar a do Paião e de a maioria era, sem
 qualquer duvida, do adversario progressista;
 e parece que esperava pela noite para qualquer
 falcatrua.

Na verdade, ao anoitecer, recebi um
 officio para ocupar a igreja matriz e ficar de
 guarda á urna até á manhã seguinte. E as-
 sim foi.

Desse episodio deixei umas notas es-
 critas na occasião que vou transcrever porque
 deixam ver melhor o que houve e com mais
 verdade do que se recorresse á memoria.

« Paião : 19 - Agosto - 1906

« Escrevo na igreja matriz do Paião,
 nem mais nem menos, á meia-noite apro-
 ximadamente, em cima duma mesa e de, en-
 tre dois castiçais com velas de cêra de procis-
 são, está uma caixa de madeira com a urna
 quase cheia de listas — a pagada votação livre
 e, por isso mesmo, inviolavel!...

« Em volta da mesa quatro soldados,
 de baioneta armada; á porta principal, a

única aberta, outros três, igualmente armados; no espaço entre a teia e a capela-mór, sobre o duro solarado da igreja dormiu os restantes; e eu superintendo, acordado, em todo o serviço.

«A eleição não acabou hoje; foi renhida e deram-se desordens, umas por causa do vinho, outras por causa dos votos; foi uma maçada enorme desde as 8 h. e meia da manhã até às 7 e meia da tarde, hora a que me chepei a requisição para guardar a urna!

«Parti, entrei na igreja, esperei que tudo estivesse em ordem e só então tomei conta da urna selada e metida dentro duma caixa de madeira. E então é que foram elas! O povo não queria sair, foi preciso chegar uma coronhada e como já era noite, quando os soldados chegaram á porta atiraram-lhes pedras, no meio de vozeria.

«Eu cheguei e fechei as duas portas laterais e deixei ficar a principal e nesta altura uma pedra veio bater-me na testa e alguma areia entrou-me para os olhos. Gritei-lhes que ia fazer fogo; as pedras continuaram a cair e eu mandei o carneiro tocar a fogo. Serenaram então e todo o tra-

banho que tive foi para curar o meus soldados que mais ou menos magoados queriam atirar-se aos desordeiros.

« Serenado o caso, passei a revistar as portas com o sacristão; e depois disso dispuz as sentinelas e comencei a atender os políticos que me vinham meacar e que atendi á porta principal, do lado de fóra.

« Um desses políticos foi o dr. José Jardim grande influente regenerador que me perguntou se podia dormir descaucado, se eu não consentia que mexessem na urna, etc. etc. Persegui-o, disse-lhe que enquanto houvesse balas nas espingardas e os soldados estivessem vivos (isto foi dito á espanhola...) ninguém tocaria na sagrada urna! Depois o grande influente progressista, o dr. Francisco Lopes de Guimarães Pedrosa, veio também saber se podia contar com a minha honradez...

« É preciso notar nesta altura que em geral esta gente julga que os officiais são escolhidos conforme a politica e que são nomeados os affectos á politica governamental. Por isso eles vinham amavelmente, em grandes excellencias e cortêsias, saber se eu seria

capaz de me portar honradamente e não deixar Vocar na urna ou autorizar qualquer chapelada...

« 20 de Agosto; 6 horas da manhã.

« Estirado sobre quatro cadeiras, junto da mesa da urna, passei a noite dormitando aos poucos; de quando em quando levantava-me para rondar a igreja por fora em especial pelo lado do cemitério, por causa das dividas; outras vezes passeava no laço do templo para não arrefecer os pés e bocejava com sono — enquanto os soldados que não estavam de sentinela dormiam regaladamente, estirados pelo chão.

« As quatro horas começou a romper o dia, com uma alvorada formosíssima; em uma serra, ao lado da igreja, umas mulheres começavam a malhar milho e eu fui á Torre para ver o panorama: o planalto extenso onde ha um grupo de povoações, coberto por alguns pinhais, milheirais e vinhedos; ao longe, para norte e oeste, o mar, a serra da Boa-Viagem, o estuario do Mondego. Estava frio, desci e daí a pouco o sacristão, um velhinho calvo, melifluo, de frases ternas, entrou e veio deitar azeite nas lampadas e

oferecer-me agua para lavar a cara. De bom grado aceitei. O sol começava a fazer brilhar os dourados da igreja e eu, polinamente, tirei o capote e o dolman, e mergulhei as mãos numa grande bacia ~~cheia~~ cheia de agua fresca, ensaboei-me com o sabonete de tréfle do pecheiro prior e limpei-me a uma grande bacia de linho branco e macio das ablucões do ritual.

« Isto passou-me na sacristia, e' claro; e foi uma consolacão a terna agua fresca,



muito leve e fina e a toalha branca do padre prior... Depois, voltei a igreja e aqui a sucher este papel que encontrei sobre a mesa, resto

das actas ou notas do acto eleitoral, até á vinda dos cidadãos e autoridades para tornarem conta da urna.

« A' tarde, no apuramento:

« As nove horas da manhã voltou a mesa eleitoral e fiz a entrega do que elles antes me confiaram. Verificaram, deram-me o recibo e eu retirei com a força para aqui onde fiquei de prevençao até acabar tudo isto.

« E logo que termine o acto eleitoral que não será muito favoravel aos regeneradores segundo se nosna, marcho com a força para Lavos, reunir-me ao Tenente Bastos que, segundo noticias recebidas subtem teve tambem desordens e de entrar á força na igreja, quebrando varias cadeiras ~~em~~ conforme a versão que cá chegam. E logo que ele possa marcharmos para a Figueira e, naturalmente, amanhã de manhã, se o capitão quizer, iremos para Coimbra.

« E digo se o capitão quizer⁽¹⁾ porque ele tem a familia a laivos na Figueira e poderá arranjar meio de ficar mais um dia. Com «habilidades» tudo se arranja.

« E acabo estas notas. Na realidade, para exemplo de vindouros, merecem ficar lembradas. Talvez um dia, quem sabe! algum bardo popular, campesão eudechas revidadas ou rimances á antiga que fiquem na tradição popular e as velhinhas, contem enternecidamente aos netos... E até algum salio profundo do seculo XXII reuna em trabalho de reconstrução poética, com erudi-

⁽¹⁾ Era • José Coelho Correia da Cruz.

ção e subtilera, toda a lenda formada acerca do episódio e lhe dá o nome sugestivo e impressionante de . . . O herói do Paiaó que levou com uma pedra num olho!

Aqui está como eram as eleições desses tempos pacíficos. Hoje não há tais episódios meio-serios, meio-cômicos; apesar tudo corre admiravelmente, com a concorrência às urnas de quase 100% dos eleitores e sem qualquer desordem ou impedimento...

Ora vamos adiante.

Como disse acima, ainda fui pela terceira vez a Apanil com uma força para policiamento da feira de Montalto, notável no alto distrito noutros tempos quando as comunicações eram difíceis. Depois, foi decaindo, muito naturalmente; e quando lá fui em Setembro desse ano de 1906 era ainda de certa importância segundo me pareceu ~~de~~ bem que os velhos esbocavam com saudades as grandezas do certame antigo.

A feira coincide com a romaria de Senhora do Montalto que se celebra, com grande concorrência, num alto a poucos quilómetros da vila e é das mais concorridas

da região. Da romaria vem o nome que se dá a feira: a feira do Montalto.

Parti de Coimbra em 3 de Setembro para estar em Azparel em 4 á tarde pois a feira durava de 5 a 8 do mês. Era então administrador do concelho um antigo condiscipulo do Liceu, formado em Teologia, José Caldeira de Oliveira, natural do lugar do Alqueve, freguesia de Folques, do concelho.

Este José Caldeira olivou-me, um dia, a ir jantar com ele ao lugar de onde nasceu e onde vivia com os pais e um irmão padre — gente acolhedora e franca que me recebeu como velho amigo.

O padre, João Caldeira, dipa-se de rapazinho, pouco se interessava pela profissão; era, principalmente, negociante de gado cavalos e vacas e, segundo as minhas lições, bom padreador da freguesia; rapaz alto, forte, boa figura, andava normalmente de botas altas com esporas, chapéu de abas largas e varapau com chourpa... por causa das luvas. Era simpático, de aspecto muito franco e alegre.

Pois foi uma tarde excelentemente passada. O José Caldeira pediu ao irmão que me

mandasse um cavalo á vila para mim; e lá fomos, os dois, caminho de Folques e subimos á serra, para o Alqueive, por atalho largo, em curvas, que a cada volta descoleria panorama vasto e soberbo.

Havia calor e tumbro - me lembrei de que rebentara trovada quase repentina, violenta, com grande aguaceiro, que lançou uma faísca a dois passos do tyro sobre arvore antiga muito copada. Depois, serenada a tormenta, a atmosfera limpou e deixou para um lado e outro aver o imponente conjunto de serranias, cortada por vales fundos onde ainda se mantinham restos de neblina.

Sobre a noite, depois de jantar abundante á maneira beirão, regressámos a Argzil e nunca me esqueceu um episodio engraçado que se deu no caminho.

Ao aproximar de Folques, quando se larga a descida, passa-se junto do cemiterio para entrar na estrada municipal. Caeu os dois vinha um rapazito, creado da familia Caldeira, que no dia seguinte deveria levar o cavalo em que eu montava para o Alqueive. Ora o rapazito, antes de chegar ao cemiterio, declarou ao patrão que ia com medo

e contou que ouvira dizer que os mortos ás vezes levantavam-se da sepultura e vinham ao caminho falar aos viaudantes.

O José Caldeira riu-se e disse-me:

— Olha! agarra-te bem ao rabo da minha égua.

Na verdade, a égua que o Caldeira mencionava tinha os seus grandes e bonitos cauda; o rapaz agarrou-se logo a ela e assim passámos rês-rês do cemitério sem qualquer morto se levantar do coual. Na estrada, já á vontade e livre de receios tétricos, o José Caldeira perguntou ao garoto:

— Então ainda tens medo?

— Nada, não senhar... Agora já não tenho...

E aqui está como o rabo da égua serviu de amuleto contra o medo dos mortos. Não me recordo se averigui qualquer coisa acerca da superstição; mas nunca me esqueceu o episódio curioso que aqui conto e q. terá escapado aos etnógrafos.

O policiamento da feira era magador mas fez-se facilmente e como ela se prolongou mais dois dias, recebi ordem para ficar até final — o que me deu certa satisfa-

ção porque fiquei sempre gostando da terra e dos seus habitantes.

Acalada a feira larguei de Arganil com as minhas 16 praças em 10 do dito mês de Setembro; no dia seguinte fiz a ultima marcha e apresentei-me no regimento nesse mesmo dia.

Eravam estas fugidas que me confundiam da vida do quartel onde não havia estímulos nem compensações de qualquer espécie. A ideia de me afastar começou a tomar vulto e no verão de 1806 de 1806 principiei a architectar o plano de me matricular na Universidade, tirar cadeiras necessarias e ir cursar Eupheharia em Lisboa ou no Porto.

Tres annos de vida regimental de certo modo intensa, a fazer prevenções, guardas de honra, missas ao domingo, exercicios de quadros mal organizados e dos quais se não tirava proveito, instrucção de recrutas (trabalho pesado e muito nêr sem compensação no resultado) e varios pequenos nadaes que enfastiavam, tres annos, dizia, carreira sem deixar rasto; e com tudo isto que

eu cumpria honestamente e com a diligencia possível, não sentia a menor preocupação, por parte dos comandos que, com a excepção do capitão Domingos de Freitas, em regra tinham os seus protegidos e os seus serventuários.

Posso até dizer o nome de dois ou tres que eram os homens para tudo, acarinhados, exceptuados, etc. Quando cheguei ao regim.^{to} já lá estava bem instalado, em bom impedimento, o Francisco de Miranda Martins de Carvalho, do curso anterior ao meu; e do meu curso appareceram dois: o Luis José da Mota, e o Alberto dos Santos Pereira Monteiro, ho-mens indispensaveis, pára para toda a colher, especialmente o ultimo ~~sempre~~ sempre creatura que soube regular muito bem a sua vida — e creio que ainda a regula apesar de andar pelos do bem puxados e ter fortuna pessoal muito avultada.

O Mota, menos tortuoso porque era mais rude, tambem soube governar-se, se bem que com outras qualidades militares sem comparação superiores ás do Monteiro, o Tinturas de Torresol, sempre inferior em tudo e sem caracter — o q. era frioz.

Com o tempo e com a idade, os feitos foram-se modificando; já não havia tanta necessidade de conquistar posições vantajosas ou de adular superiores; o equilíbrio começava a fazer-se e manda a verdade que se diga que eu já não era tanto o alferes posto de lado e mal visto. Devo até dizer, epirroticamente, que durante o tempo de Caxias, no curso para o generalato, em 1938-39, o Luis Mota foi um bom e leal companheiro de trabalho. É certo que, nesta altura de Caxias, eu fazia certa pomboira; mas com pomboira ou sem pomboira, fomos excelentes companheiros. É a verdade.

É já agora...

Vou recordar dois momentos da minha vida, aproximadamente pelo tempo em que vou no relato dos sucessos.

Por Maio desse ano de 1906 o Ministério da Guerra mandou nova bandeira ao regimento de Infant.^o n.º 23; é claro que a dádiva meteu festa rija sem faltar a inevitável benção eclesiastica. Eu andava então doente com qualquer crise intestinal e, recolhido em casa, com tanto ou quanto mal humorado.

Reculero-me até, e muito bem, de que por essa época corriam zuno-zunos de agitação republicana de culto, resultante da revolta de marinhheiros no mês de Abril anterior, salvo erro; havia, como consequencia, varias precauções nas unidades e nas policias, com natural receio.

Estava então no regimento o alferes Cesario Almeida da Costa lateral, quem contém poraquo no Liceu e republicano em tanto ou quanto exaltado. Via sempre as coisas pelo lado pior e exagerava tudo no seu cerebro constantemente em eluciação; o seu temperamento era inquieto e, diga-se com verdade, pouco sensato. Vinha varias vezes a minha casa na rua de Tomar dizer-me nervosamente que se preparava a revolução, que a festa da benção da bandeira seria pretexto excelente porque a guarnição formava toda, etc. etc. e, por consequencia, eu devia apresentar-me ao serviço pois era necessaria a minha presença, ...

Eu acalmava-o, fazia-lhe ver a impossibilidade da revolução começar em Coimbra dessa maneira, e apresentava outros argumentos que julgava sensatos e terminava

por dizer que não estava ainda com saúde para voltar ao serviço.

De facto, eu não estava ainda resta-belecido a valer mas poderia apresentar-me para serviço moderado; todavia a festa da leucção e a intervenção episcopal não me agradava e entendi que era melhor ficar em casa e evitar alguma cena desagradavel em que eu me poderia meter ou não podesse evitar. Assim foi; a festa fez-se com certo espavento official⁽¹⁾; e eu regatei-me no meu quarto a ouvir a lauda de musica a frente do regimento na sua maxima força, passar na vizinha rua de Castro Matoso a caminho da Sé Nova.

No dia seguinte, 9 do mês de Maio, escrevi em umas notas curiosas que não resisto a transcrever; encontrei-as ao revulscar certos papeis antigos arremados numa gaveta em que ha anos não mexia. Nem já me recordava deles, tão bem guardados estavam ha tanto e tanto tempo!

⁽¹⁾ A festa foi a 8 de Maio e a leucção dada na Sé Nova pelo conego Prudencio Quintino Garcia que disse a missa solemne. Preçou o sermão o capelão do regimento Joaquim Mendes de Figueiredo.

« Coimbra: 9 de Maio de 1906.

« Está hoje um dia triste, triste como o aniversário que hoje temos na família do falecimento de minha Avó Leonor. Já lá vão cinco anos, estão eu na Escola do Exército.

« Mas adiante, nada de tristezas. As minhas passam negras, chuvosas; e há em tudo um ar pesado, desmaiado, melancólico. ~~É~~ É' dos tais dias em que eu gosto de estar em casa, metido entre os meus livros, estendido em uma cadeira, indolentemente. É' dos tais dias tristonhos. A luz tem qualquer coisa de pouco lenta, tem qualquer coisa de termo, de agradável.

« Estende-se um braço, reparosamente, uma perna, o outro braço... abriga-se a gente melhor na cadeira, procura lentamente outra posição e de novo se fica quieto, indolente, enquanto na rua se vê chover, devagar, sem fazer barulho.

« Estendi-me numa cadeira de braços a ler; daí a pouco deitava uma perna sobre um dos braços da cadeira; depois foi a outra perna; comecei a procurar, instintivamente, posição até que, por fim, com a mesa em frente, lancei-me, á americana, os pés para cima comodamente, deliciosamente, sem in-

terromper a leitura do Cauêes do nosso di-
vino Garrett. Lá fora tudo triste; eu via os
meus livros tristes, tudo triste... E estendido
assim, como qualquer milionario yankee, eu
sentia, afinal, bem.

« Melhor me sentiria com os meus li-
vros todos reunidos no meu quarto, com
o busto de meu avô Manuel Caetano a lem-
brar-me o trabalho e o retrato de Hercules,
severo, a aconselhar o estudo.

« Por isso hoje me sinto meio entarfe-
cido; a minha reclusão tem ajudado e eu só
espero, agora, que de novo o brilhante sol de
Maio (do qual a cantiga diz: "não ha sol como
o de maio...") volte brilhante e forte para eu,
de bandeira, solenemente, me vá apresen-
tar ao serviço.

« Em vespas da festa da leucção da no-
va bandeira do regimento, que produziu por
assim dizer uma revolução no quartel, eu que
fiz um trabalho enorme com as arnamen-
tações e preparativos, apresentar-me seria pa-
ra o meu modo de ser uma soberana tolice.
Eu, medido em tais coisas!

« Não tive pena nenhuma em não as-
sistir á festa. Para quê?

« O que foi a festa não foi uma exposição de charlateiras, de laudas mais ou menos mal postas, de bigodes mais ou menos frisados, de maçadas a aturar penhoras que quere riam ver o quartel, de zangas com o Xe' Povinho que quer ver tudo, mexer em tudo, meter-se em tudo ?

« E depois, o lunch de confraternização da oficialidade... que ganharia em em estar lá, em que não tenho (segundo julgo) amizades no regimento, a quem todos mais ou menos olham de rosário? Foi melhor assim, muito melhor.

« Deixarei passar dois ou três dias para aqui voltar ao estado normal; e depois, se o sol voltar, ir-me-ei apresentar.

« O capitão ⁽¹⁾ varias vezes me mandou dizer: "gostava imenso que você visse a nossa caserna; ao menos veja se tem um carro, né, e volta para casa." ⁽²⁾ Mas eu fiz avisos de mercador: que ainda não estava em condições de sair, estava m.^{to} fraco, etc.

⁽¹⁾ Domingos Ant.^o dos Santos e Freitas.

⁽²⁾ A caserna foi arrombada pelo Dr. Teixeira de Barvalho, amigo do capitão. Os jornais fizeram referencia especial a esta arrombação.

« E aqui está a minha triste vida de
há uns dias para cá.

« Podia ser pior... »

O outro momento que quero recordar
(como disse acima) e que deixou impressão
funda é bem diferente e devia passar-se por
esta altura. Não me recordo bem da data nem
vale a pena averiguar-la.

O caso passou-se no verão quando o
regimento estava quase sem oficiais e era co-
mandado interinamente pelo major António
Fernando do Rego Chagas - a quem já aqui me
referi. Um dia mandou-me ele chamar ao
gabinete e disse-me que o rei passava no dia
seguinte para Lisboa vindo não sei de onde e
recebiera ordem para ir cumprimentá-lo com
os oficiais do regimento. E depois de um introi-
to amavel em que me via a sua contrariede-
de, o Chagas convidou-me para o acompa-
nhar pois não havia oficiais disponíveis e te-
ria de ir ele apenas comigo e com outro que,
se me não enganava, era o Francisco de Mira-
da Martins de Carvalho.

Eu não tive outro remedio senão o de
dizer que sim...

E o major Chapas quase me pedia desculpa...

Entfim, no dia seguinte lá fomos à Estação Velha, num carro alugada, à espera de Sua Magestade. Muita gente, as autoridades, alguns leutes de capelo e barba, etc. etc. E a propósito de capelo e barba sempre conto aqui um ligeiro episodio que vale a pena lembrar porque evoca a época com certa verdade.

Entre os professores universitarios estava o Dr. Antonio Garcia Pileiro de Vasconcelos que, ao dar ~~o~~ com o Chapas e comigo, meiu falar-nos afavelmente, como costumava. Passadas as cortéias, o Dr. Vasconcelos com o seu ar melifluo mas não sei se com intima ironia, diz-nos:

— Aqui estamos a cumprir o nosso dever: eu o de professor e de padre; V^{os} o de illustres militares...

Eu e o Chapas fizemos ligeira e avelivel curvatura de assentimento; mas, como o Vasconcelos, logo a seguir, se desviasse chamado por alguém, o Chapas olhou para mim por cima dos oculos e disse-me muito baixo:

— Sue grandes narrotos!... Sue grandes narrotos!...

Excelente e verdadeiro comentário de que nunca me esqueci. É que o Dr. Vasconcelos sabia bem quais eram as m.^{as} ideias políticas e devia saber também que o Chagas não era suficientemente ortodoxo.

— Que grandes marotos!... acrescento eu, ainda hoje, passado meio século.

Chegou o comboio; não me lembro de quem dirigiu o protocolo da entrada no salão real; eu via, da plataforma da estação as curvas duras dos que entravam e via o vulto do Rei, insensível, com a cara papuda, vermelhusca, sem expressão. O que via era pouco, apenas as figuras dos ombros para cima e não parecia, apesar dos salamaleques, se havia beijações. O major também não via e não sabia dizer e notei que ele estava bastante nervoso.

Quando chegou a nossa vez, o Chagas puliu os degraus do varandim e entrou seguido do Jolo Martins de Carvalho; D. Carlos, impassível, enorme, vestido com traje de caça estava rodeado de aulicos de varia especie; era a figura dum verdadeiro solia que recebia a homenagem dos subditos... O Chagas, cotado, com a espada a estorvar-lhe os movimentos, disse qualquer coisa, curvou-se e beijou

a mão real; o Martins de Carvalho, com mais timidez, fez o mesmo; eu embatiguei e, apavorado de surpresa, pratiquei o mesmo acto de baixaria: toquei ao de leve na gorda mão real que me pareceu escamosa e realizei os beijos, num simulacro de beijo. Fiz ligeira néria e daí.

Vinha envergonhado e irritado! Lembra-me bem! Como é que eu fui na leva e, sem um protesto, quero dizer, sem qualquer movimento de inconformidade, me curvei e beijei embora ao de leve a mão real? Senti qualquer coisa que durante esses dias me irritou e ainda hoje me envergonha. É não exagero.

Quando regressávamos, compreendi que o Chapas vinha aborrecido; não dámos palavra ou, se falámos, não nos referíamos ao acto. Eu, porém, mentalmente, prometi a mim mesmo que me não apavorariam outra — e assim o cumpri. Quando acontecia passarem real e comparecia na estação se recebesse ordem para isso, mas não entrava na carruagem real. Assim fiz umas duas ou três nérias, sem vituperar — até que em 5 de Outubro de 1910 nos libertaram dessa abjeccção.

Este episódio ficou - me na memória
com insistência.

E por estas e por outras se fixou em
mim o pensamento de me livrar do exerci-
to. Tinha vivido a vida de subalterno, em al-
feres, com certa interioridade su, como dizia
o autor de qualquer notícia necrológica « em
toda a sua plenitude... »

E, francamente, estava farto.

Coimbra:

16-20 de Maio de 1957.

V

« No qual se lê muita coisa a va-
rios respeito... »

Carrilo Castelo Branco: Dois Ho-
ras de Leitura, 3.^a ed.^o, pag. 90

Exercícios de quadros:

1.^o

De como se viaja na Beira nem com
boio nem automovel. De como Infan-
taria 24 anda sempre atrás de Infant.^o
23. O aluoco na Mucela. Graves refle-
xões acerca duma invasão pelo vale
do Mondego.

(3-julho-1906)

Não há nada para mim como viajar.
O viajar é alegria é optimismo é uma das coi-
sas que eu considero até necessarias.

Por isso eu, periam duas horas e meia

da madrugada do dia 23 de Junho, vespera, no fim de contas, do dia de S. João, eu desci alegremente a Couraça de Lisboa, com o barual a tiracolo, com o capote embelhado, calça de linho por dentro das botas altas.

Em baixo, na estrada da Beira, havia grande tropel de cavalos; um carro, áquelas deshoras, parava no Largo da Parkapem e a cavalaria, ao entrar na ponte de parinnueto de madeira, fez um barulho surdo, forte, que retôu por todo o vale.

No Largo, á luz do gaz, por entre a ligeira neblina fria do rio, visem-se perpassar calças brancas de militares, e luzir espadas; um soldado impedido esperava com uma mala no chão e da ponte saía a longa fileira de soldados de cavalaria que paráram no começo da estrada da Beira.

Aproximei-me; no passeio do jardim sito central já estavam alguns officiais de Infantaria 23; mais adiante, uns do 24; a cavallo estavam uns officiais de Artellaria; e um char-á-bancs esperava os passageiros. Um outro moctinago parava, farejando; e os cavalos da força relinchavam ao sentir a aproximação dos outros que vinham do quartel de

Sautama para, sob o comando do tenente No-
reis, iram para Arpanil. Seriam perto de
uma centena para fornecerem montadas aos
oficiais de Infantaria e ardeuanças.

Nisto chegou o nosso carro, um grande
char-à-bancs do Jorpe alquilador, de Arpanil,
que um capitão mandára alugar. Estavam to-
dos: o capitão Ferreira, o tenente Bastos, os al-
feres Costa, Monteiro, Andrade, Brito Silva e
eu; o capitão Goulão entraria mais adiante
à porta da sua residência; o tenente-coronel
e o capitão Plomeu Cristó arranjaram um
automovel e iriam á tarde.

Carregaram as malas; e entramos: o
capitão, o tenente e o Costa, dentro; eu, o An-
drade, o Monteiro e o Brito e Silva, fora, na
imperial como lhe chamam os cocheiros. Ir
por uma estrada fóra, embora conhecida, nem
nem nada, não me quadra. Gosto de ver tudo,
apreciar a paisagem.

O carro partiu; na Arrepaça entrou o
Goulão e lá fomos por entre a neblina tenue
e fria, estrada fóra, enquanto que, para nas-
cente, o sol começava a aclarar.

Seriam tres horas e meia. Teu nada
dormira; deitara-me depois da meia-noite

e antes das duas já estava acordado, rolere saltado, para não faltar pois não havia, em casa, quem me chamasse. No entanto ia bem e o ar fresco da manhã estimulava; e lá fui tagarelando com o Andrade que ia com bem humor excepcional.

Este Gaetano de Andrade é casado; a mulher tem sobre ele um ascendente terrível e é má; era sentindo-se só, sem a mulher durante uma semana, era outro, alegre, extraordinariamente loquaz.

É assim o mundo...

Passou-se a Partela, a Ladeira de Beira, desceu-se para o Cabeço e sempre pela estrada em zig-zagues, seguindo o vale fundo e apertadíssimo do rio Beira, chegámos a São Frutuoso, com sol mado já, mas encolerto pela nevoa. Junto da venda do Lupar, houve paragem, a tradicional paragem.

Assim se viaja pela Beira, desde que há estradas e carros.

Uma dilipencia é um símbolo. É muito curioso, ao entardecer, sentar-se numa pessoa num banco da Estrada da Beira: ao longe aparece um carro enorme; dentro, num lupar para seis passageiros, não oito; já, é

um verdadeiro trono humano, uma pirâmide de gente acamada, ondulando conforme as irregularidades da estrada e descrevendo ângulos assustadores; no tejadilho uma rimma encaixada de malas, de sacos, embrulhos, barris, mobília, páus, vassouras, caixotes; e por baixo, junto ao eixo, vê-se pendurada, muitas vezes, uma caixa de madeira, um fisco com vinho, um embrulho! Tudo aquilo desliza, puxado por três animais, aos solavancos, tombando às vezes assustadoramente, mas nunca caindo, assim como um ébrio, aos bordos, por uma estrada téria.

Vê a gente aparecer aquilo ao longe e assim entrar na cidade; daí a nada, outro, depois outro, outro em seguida e ainda mais outro... Vêem de Arganil, de Góis, de Leusã, de Penacova, de Tábua, de Poianes, enfim, do alto distrito todo.

Ara num carro destes, dessas arcas de Noé, é que nós iam para Arganil. E assim que se viaja ainda para a Beira quando se não tem um automovel ou o Progresso ainda não fez passar por lá o comboio civilizador. Apenas, no nosso caso, havia uma diferença: é que dentro do carro iam quatro pessoas em espa-

ço próprio para seis; fôra, outras quatro ou de
cabiam sete e no tejadilho apenas duas peque-
ras malas e um miótho de feuo para os caua-
los. Eis a diferença, grande é verdade para
a comodidade dos viajantes mas que nem
por isso encurtava a viagem, a terrível dis-
tancia de 60 quilómetros.

Estávamos, pois, em S. Fructuoso, lapa-
rejo pendurado na encosta, á esquerda; já Ti-
mamos, ao menos, andado 10 quilómetros,
louvado seja o Supremo Architecto!... Sem-
pre eram duas leguas já passadas.

O gado descaucou dez minutos, um quar-
to de hora se tanto. O alferes Brito e Silva admi-
rava as ribas e encostas como alentejano que
nunca viu senão as planícies a perder de vis-
ta da sua provincia.

— Isto é lindissimo, dizia-me ele e
olhar a curva violenta do rio. A serra de Ossa,
lá em baixo...

Foi porém interrompido nestas consi-
derações e comparações que de certo sairiam
cheias de profunda filosofia daquelle carcereiro pe-
nitenciado, pela chegada dum outro cham-a-bancas
com officiais de Infantaria 24 e ainda outro
com os de Infantaria 7. Houve cumprimentos

de parte a parte e daí a pouco os carros lá re-
quiaram, estrada fora.

O nosso ia á frente porque é preciso que
se diga que a Infantaria 24 ainda sempre atrás
do 23. Nunca deixaria passar esse carro cheio
de oficiais pés-de-boi, miõnos, calados, Kristes,
a maldizer a parte, adeante deste outro eude
se ouvia falar, mas falar alegremente, cheio de
rapazes com vida, contentes com a perspectiva
do exercício. Ainda me lembro das manro-
lras do Buzaco, quando o combate do 2.º dia se
suspendeu; o fogo parou dum e outro lado e
amigos e inimigos deposeram as armas. E por-
quê? Porque Infantaria 24 estava tomando o
café..."

(4 - Julho - 1906)

E assim, o carro do 24 atrás do do 23,
lá fomos seguindo a longa estrada, constante-
mente ás curvas. Passámos ás Púbas (a casa
do Brasileiro) eude eu dormi uma noite, dois
anos antes, dia por dia, numa casa tagada
que havia um pequeno alpendre. Passá-
mos Segáde, o ramal de Louã e Ponte Velha
eude houve novo descaço.

"1) Ver neste vol.º pag. 125-126.

baía uma cacimba terrível como a
 agouirar chuva; os oficiais desceram e eu pes-
 sei em como já lá iam dois anos e meio des-
 de que ali passára numa terrível noite de de-
 zembro, molhadíssimo e em como ali, numa
 venda da estrada, nós bebemos aguardente e
 nos aquecemos um pouco a uma fogueira que
 crepitava. Foi ali, na Ponte Velha, há dois anos
 e meio... Como o tempo passa e como tudo
 vai mudando! ⁽¹⁾

Enquanto ia pensando e recordando, o
 cocheiro procedeu á mudança do gado e em lugar
 do tres cavalos fortes que fizeram o caminho
 desde Coimbra, atrelou tres mulas pequenas,
 suas médias e nervosas, com belo aspecto. E lá
 seguimos de novo estrada feia.

Passou-se por Val-do-Vaz, com as cari-
 las pitorescas metidas no meio de arvares; en-
 trámos na grande recta de S. Miguel, passá-
 mos á Casa Vermelha e daí para a frente a
 vista abrangia o magnifico vale do Póiores, ex-
 tenso, plano, muito rico, com uma ou outra
 modoa negra de pinheirais. É uma coisa linda;
 o nevado, então, prometia descolrir; tudo

⁽¹⁾ Ver no cap. II deste volume.

aparecia mais claro, mais nitido; e os farraços da nevoa começavam a atravessar rapidamente os ramos dos pinheiros mais altos.

Teu, como conhecedor da região ia apontando á esquerda:

— Ali está S.^{to} André, hoje Vila Nova de Poiares... Ali a Ferreira, a Uindinha... mais alem, quem?... a Trisca Situa... Aqui á direita, S. Miguel... lá está a igreja...

E assim foi deante. O carro seguia pela enorme recta, deixando para traz o cruzamento com a estrada do Louredo para Góis e a aldeola do José Ferrão, onde teu o seu solar audivo; e por fim, com o começo da subida e por detraz da aldeia de S. Miguel, apontei as altas e abruptas penedias por onde passa o caminho sinuoso do Alente que leva até Arganil.

E a subida começava por entre pinheiros; iamos subir á serra de S. Pedro Dias, a serra que se protelava até ao Mondego e que se não fosse a interrupção do ribio de Entre-Benedos, seria uma continuação da do Buçaco. Olhei então para traz: o vale de Poiares apparecia de novo, de haixo de outro aspecto; charnei a atenção dos companheiros e todos concordaram em como tudo era lindo, tanto mais que

o sol já de quando em quando aparecia aqui e além, alegrando a paisagem.

Em breve chegámos ao alto, uma explanada seca, apenas com muito exequioto, escuro. A vista então, ali, é surpreendente sem exagero. Se para trás ficava o lindo vale de Poiares, para a frente adivinava-se o vale sinuoso do Alva; e para além, as altas serranias da Beira, agora douradas pelo sol que aparecia por entre a neves esfarrapada.

Com laixo, o curso sinuoso do Alva, por entre cheiros, conservava ainda, por cima, uma longa fita de neveiro; mas lá se via já a casa da hospedaria e a fonte chamada da Mucela.

Com o helido no panorama solerto, sem contestação, não dei pela descida; da serra ao vale não ainda uns quinhentos de estrada em zig-zagues, transpondo fendas, galgando gargantas, correndo encostas cobertas de urze. Voltas sobre voltas sempre e o sol dourava os pinheiros das serras. Que helera em tudo!

Por fim, o carro meteu por um bocado de estrada plana; transporemos a histórica fonte de pedra, alta e larga; e os dois carros pararam á porta da velha e muito conhecido.

da hospedaria da Ponte da Mucela onde iriamos comer um almoço reparador.

(19 - Julho - 1906)

Estávamos, pois, na Ponte da Mucela, na histórica hospedaria, á espera dum momento e reparador almoço.

O Andrade farejava já na corinha o que havia para comer como bom gastrônomo e eu lancei a vista para o esplendido aspecto da paisagem, toda verde nos campos, emoldurada no escuro das serranias em volta. Céu, verde deiramente belo! O Alva curveteada pelas aberturas da serra, de acude em acude; e enquanto o almoço não vinha eu fiquei-me na velha ponte de pedra, a olhar para a água que corria, a ver as serras em volta, a ouvir o riso alegre dos oficiais na casa de mesa da velha e respeitável hospedaria.

Passava das 9 horas quando ressoou o grito retumbante e de contentamento:

— O almoço!

Tudo convergiu para ali e em volta da mesa cumprida juntáram-se dezassete oficiais com fome...

Veiu a tradicional acorda com ovos fritos, o chauriço com ovos, o frango guisado, o

calerito de cabidela, o queijo da serra, a brôa espoada, o café forte e cheiroso, e tudo — levantado seja o Supremo Architecto! — se comeu completamente.

Os mulheres que serviam á mesa abriam a boca de satisfação:

— É' porque gostam! É' porque está bem cozinhado o aluocinho!...

E com esta narina bondosa, iam acarre-tando para a mesa travessas sobre travessas.

O baetao de Andrade, sempre alegre, mas a quem eu ia enchendo o copo traiçoeiramente, dava vida aquella reunião de tropas: os de Inf.^ª 24 sempre cabisteixos, apenas curiam; só os do 23 se mostravam bem dispostos, resistentes — como aliás se portaram até o fim. O meu major do 24 que presidia era o aborrecido em pessoa; olhava para nós com riso triste e parece que essa tristeza era o padrão pelo qual se regulava a tristeza dos outros do meu regimento.

Só o Andrade, já por fim com alegria artificial q. o vinho lhe inoculara e que manti-nha tudo bem disposto. Fez um discurso interessante ao major do 24 que não gostou muito da confiança... Fez um discurso á dô.

na da casa, muito tenso, lastimando a morte do marido recentemente.

O almoço acabou já passava das 11 horas e lá fora o calor apertava. Sobre o verde dos campos, o ar tremia como diz o povo; e um capitão do 23 teve a triste e malaventurada ideia de querer seguir logo para Arganil. Mesmo que Vestos, Doccis, é claro, como devia ser; mas lá fomos, seria meio-dia, com calor terrível, pela estrada fôra no meio de poeira sufocante.

E eu lá ia pensando, no observatório do tejadilho do carro, naquele terreno histórico onde o embate dos franceses com os aliados de Wellington deveria ter derramado sangue generoso e inocente. Ali, apoiados um na serra que Vinhamos transposto, o outro no Mucelão (para mais adiante) os dois contendores, a França e a Inglaterra, vieram mais uma vez ás mãos na esperança sempre da vitória tão abalada f.º um e tão prodiga para o outro. Sangue de franceses, ingleses e portugueses correu ali, por esses terrenos que hoje constituem uma linha de invasão espanhola. ⁽¹⁾

(1) Como se não ainda estava longe dos trabalhos que mais tarde fiz acerca da retirada de

A moderna arte da guerra diz que o caminho de Massena em 1810 não se faria hoje; de Belerico, o invasor do século XX não seguiria o caminho da direita mas sim a de esquerda e, deixando á sua direita as grandes barreiras do Triz e do Buçaco venceria pelo vale do Mondego, transpondo melhores obstáculos até se alargar pelo fértil, esplendido e espaçoso vale que junto á cordilheira vai da Leusã, por Miranda do Corvo e Pelmela para o sul. Por aí sim, como quere a nova arte que seja a invasão estrangeira que se dirija a Lisboa. Por aí seguir Massena, mas na volta, quando pelas costas viria o inflexível Wellington, constante e energico, a contrariar - lhe os planos.

Olhando as serras, olhando os vales, eu considerava como a moosa Beira é um reduto invencível para quem não dispõe dum grande exercito; cada vale é um obstáculo, cada monte, cada serra um reduto formidavel; e se hoje o caminho do Buçaco é impossível

Massena em 1811. Nessa altura da vida ainda encarava a acção da Ponte de Melca mais ou menos debaixo da natural impressão romântica. (Nota em Dezembro de 1957).

simel para o invasor, o da Mucela ser-the-ia
 torna enorme e insuperavel dificuldade.

E' preciso passar ali, ver como aqueles
 montes se elevam como barreira altiva sobre
 os vales quase simetricos, quase paralelos,
 para se comprehender como seria difficil uma
 marcha desde que pela frente houvesse gente
 decidida a cortar o passo, Serra a Serra, bar-
 ranco a barranco, penhasco a penhasco, sem
 nenhuma resistencia tenaz e seria. E depois, os mon-
 tes elevam-se perpendicularmente á direcção
 do carrinho; á esquerda a cordilheira corta o
 passo por ali, á direita o vale do Mondego en-
 tre muros abruptamente penhascosos, é im-
 praticavel; de modo que o carrinho é só em
 frente e nessa frente as serras elevam-se re-
 reas e limpas de arvoredo, aceduladas qua-
 remente, sem certos rufidos, como um gi-
 gente que se atravessasse inesperadamente
 na estrada.

Em frente dessas serras ha pouco mais
 que o dilema: ou passar-theos por cima ou vol-
 tar para traz

Fazendo estas graves reflexões¹¹, fui pas-

¹¹ Reflexões que, embora com certa base

sauído pelo Mucelão, pequena aldeola entre pinhaais; ha direita ha maleiros fundos, a esquerda ri erguer-se por entre os pinhaais a chaminé de tijolo de uma falerica de cerâmica de q. é gerente um polvintio do D.º Ribeiro⁽¹⁾; e mais alem parcelavam-se as depressões do Mondego, o sítio de Entre-Demedos e a Serra do Buçaco, muito comprida, a estender-se para frente.

Numa volta, chegámos ao alto do Mucelão; aí — que vista soberba! — o olhar logo abrange a norte: o caramulo com seus pinheiros característicos; a Serra de Estrela, esmeralda, esbranquiçada; ao nascente, a Serra da Gata e a da Bebola e o cónio do Colcurinho onde está a capela da Senhora das Dores (Aldeia das Dores); e para sul, a Serra da Moura, a do Espinho, a Chafrinheira. Que coisa bela!

Em baixo, entre arvoredo, via-se o lugarinho da Moita, o futuro ponto de concentração dos exercícios.

O sol já apertava bastante; a poeira levantava-se ~~constantemente~~ infindamente.

na altura em q. foram feitas, necessariamente, mesmo assim de uma ou outra correção. (Nota em Dezembro de 1957)

⁽¹⁾ Joaquim Rib.º da Cunha.

sem o vento a afastar; não corria uma aragem para refrescar.

Começou a descida até á povoação.

(13 - Julho - 1866)

Na Moita, voua parapeou á porta duma locanda; em frente, lá estava a serra, a descida vada serra da Moita onde aeriam os exercicios, com a capelinha branca de S^{ta} Eufémia e a outra da Senhora da Serra; e á direita via-se a grande baixa por onde segue a estrada para Arpanil, a faiscar ao sol, branca, poeirenta, ~~incommodativa~~ incommodativa.

Começámos, então, a sentir algum cansasso; já tínhamos percorrido 50 quilómetros e o calor era excessivo. E o resto da estrada, o ramal chamado da Moita, passámo-lo nós calados, suados, com peso nas palpebras, de sejosos daquilo acalhar.

Agora, a estrada já não era a da Beira, a grande estrada real; era estrada mais estreita, poeirenta, sempre a descer em longas curvas desenhadas. Por fim, passámos o Sarzedo e entrámos na grande ponte de pedra sobre o Alva; a aldeia lá estava ainda, minha conhecida dos outros anos, pendurada entre verdura sobre o rio que corria perene, com

aguas limpidas; lá estava a azinha caracteris-
tica que ha dois annos notára; tudo começava
a ser mais meo conhecido e eu quanto olhava
e explicava aos vizinhos do tejadillo, o carro per-
corria a grande recta plana pelo vale, passava
a capela romanna de S. Pedro — e eis-nos á en-
trada de Arpanil, tal qual como ha dois annos a
vi, metida num recanto de colinas encoberta
ás vistas curiosas.

Passámos por debaixo dos grandes álamos
da entrada e á direita, logo, a casa do Abel Per-
digão, um excellentê companheiro do meu
tempo das eleições na vila. Olhei: a irruã, crea-
tura meiga, de olhos claros e simples, estava á
janela; cumprimentei, e o carro meteu-se
acima, por entre casas pequenas onde appare-
cia uma ou outra cara conhecida.

Vi logo as filhas do secretario da admi-
nistração, duas meninas sem graça nenhuma;
o juiz Campos, de lousa para lousa revolta;
o Galvão, amanuense da Fazenda; a Taber-
dinha, uma menina de tristes olhos negros; o
Garcia, secretario da Camara apresentado, etc.
Eu cumprimentava cortezmente e o carro pa-
rou na praça onde logo se juntou gente para
ver quem vinha, com a curiosidade propria

duma terra pequena, se eu vida, mas para a qual as manobras de quadros iriam ser excepcional acontecimento.

2.º

De como uma escola passa a ser uma caserna. Movimento desusado. Uma vila pacata. Uma noite de S. João e uma manhã do mesmo santo. Apresentação ao coronel e o discurso do general. Retrato das duas alturas e ideias do que iria ser o exercício.

(13 - Julho - 1906)

Saltamos do carro, desentranhando as pernas; gente conhecida aparecia e eu ia falando a uns e a outros quando me chamaram: era o estado-maior dos exercícios que nos queria guiar aos alojamentos.

Por esta expressão «o estado maior» eu alteraço apenas, malta a verdade, um tenente de Infantaria com o curso do estado maior, meu conhecido antigo, companheiro do regimento, das manobras em Braga e agora chefe espiritual do Partido Oeste nestes exercícios de quadros. Era o Peixoto, enfim, o Peixotinho!

— Adeus Peixoto!

E o Peixoto abraçou cortêsmente o meu
desto costado do oficial de fileira seu mereci-
mentos que o levassem a aspirar aos cordões
brancos...

E o nosso grupo de Infantaria 23 junto
com o do 24, cheios de jaca, transpirando
muito, lá foi subindo sua acima para o lar-
go do Paço onde os capitães ficaram na velha
hospedaria chamada «do Paço»; os subalter-
nos, guiados pelo meu espiritual Peixoto⁽¹⁾
seguiram para o largo da feira diaria onde se
eleva o novo edificio da Escola Primaria.

At centro do edificio as habitações dos
professores; aos lados, duas grandes salas, de
grandes janelas rasegadas, com muita luz e
muito calor. Uma das salas para os subalter-
nos de Infantaria 23, a outra para os do 24;
seis camas havia em cada uma, para as
quais toda a população grada da vila havia
contribuido: uns com lençóis, outros com co-
bertores, etc. etc.

⁽¹⁾ Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha, já fa-
lado neste volume. Afinal, uma cavalgada ho-
je general reformado que fujie não me conhecer
quando cruzamos em Lx.º (Nota em Decemb.º 1957).

Estávamos, pois, instalados. O calor era muito e todos sentiam a necessidade do fresco, mas tudo era quente. Nas habitações dos professores ainda ficavam alojados o comandante do Partido e o seu estado-maior, havia o mesmo calor, de modo que saí e fui beber refrigerantes e falar a uns e outros conhecidos.

Vi então como Arpanil estava exactam^{te} como os teatros em dia de recita sensacional: á cunha. Estava tudo cheio: as hospedarias, as escolas primarias, o quartel; o Juiz tinha seis officiais em casa e outros habitantes ofereceram quartos que se encheram. Havia um general com o estado-maior; um coronel com estado-maior; officiais de Infantaria para dois regimentos, de Artilharia para um grupo de batteries, de Cavalaria para um grupo de esquadrões, de Engenharia para uma companhia; e ainda os havia de administração militar, do corpo de saude, veterinarios, etc. Só faltavam soldados, os officiais davam para uma brigada mixta.

E além disso umas 100 praças de Cavalaria com igual numero de cavalos.

Arpanil nunca se viu em tais alturas: por toda a parte se viam officiais, soldados, impedidos com cavalos. Agora era o capitão de Ca-

valaria, o lindo José Felix, que abalou o coração das ayarileuses; depois, o tenente Faustino, um belo fantasma, de bigode crespo, fútil, estúpido e malcreado; depois o alferes de Artilharia Fernando⁽¹⁾ de quem as meninas gostaram muito, pela elegancia e inocidade; ainda o ten. Antunes... Enfim uma serie de figuras que dava movimento e causava as delicias do jogo ayarileuse.

Aproximou-se a hora de jantar e eu tive a satisfação de ver que quase toda a gente grada da terra, com quem das outras rieras lidara, foi cumprimentar-me, oferecer um quarto para ficar melhor alojado, com amabilidades que me espantavam.

Fui jantar, pacatamente, á hospedaria do velho reformado Martins e de ficara das outras rieras; e assim caiu a tarde e eu fui para o largo da fonte gozar o fresco das grandes arvores enquanto passavam e repassavam soldados com cavalos e o sol ia fazendo desaparecer os coentornos tristes das serras por ter o vale tão fresco e tão verde, além, a per-

(1) Deveria ser o Vasco Fernando de Vera, desaparecido misteriosam. há anos. (Des. 1957).

der de vista, por rolar a alegria dos milha-
rais já crescidos.

(14 - Julho - 1906)

A tarde ia caindo e a noite que surgia
era a noite de S. João! Eu conversava, já lus-
co-fusco, com o Dr. Coimbra, com o sub-ins-
pector, com o P.^o Adelino e outros,⁽¹⁾ mas o meu
pensamento fugia...

Na minha terra, a essas horas davam-
se os últimos taques nas fogueiras, tudo se
preparava alegremente para a dança dedica-
da ao santo folião dos últimos tempos e que
em vida nada teve de folgarão. E eu lembrá-
va-me de tudo, via os preparativos, via as lêi-
caras todas garridas, com aventalzinho com
barras de veludo que mais parece umia tanga
de fantasia do que peça de vestuário; via os fu-
trics, de gravata espaventosa, lésde tarcido,
a puxarem dum espelhinho para se mirarem.
E a noite caía, naturalmente; a conversa es-
friava e daí a pouco, seriam quase dez horas,
subi lentamente, preguiçosamente, para a es-
cola onde a minha mãe já estava e onde come-

(1) Errom o Dr. Augusto Coimbra, advogado e
o P.^o Adelino Dias Nogueira.

zei, finalmente, deitar-me com sossego e preparar-me para dormir.

Nisto, chegaram os campanheiros; o Andrade, cada vez mais alegre, quiz tentar brincar de cadeira, mas o Bastos, homem de certa idade, oficial prático, simplesmente fê-lo deitar e dentro em pouco adormecemos profundamente. Na tranquilidade cálida daquela noite eu regra alegre e folgazã — enquanto ao longe, lá para o fundo da vila, apenas se ouvia um leve rumor de cantigas de modesta fogueira serrana. E eu adormeci, vendo na imaginação, a minha terra, a essa hora cheia de descantos, ouvindo as cantigas triviais das brincadeiras que para o ar, para o céu escuro e quente lançariam, numa tradicional costumeira pagã, os louvores e piraças ao pobre santo que curar:

São João por ver as moças
Fez uma fonte de prata.
As moças não vão á fonte,
São João todo se mata...

E ao acordar, chamado pela voz suave do tenente-coronel Brack-Lamy, eu ainda me lembrei, vendo que eram 5 horas e meia da

manhã, que a essa hora, em Coimbra, ainda os ranchos dançavam na Fonte do Castanheiro depois de beberem a água remidada...

Assim, na perspectiva enigmática de um exercício de quadros, eu passei a noite e manhã de S. João; a voz melíflua do tenente coronel é que veio desfazer a pontadela evocativa dos folgados na m.^a terra:

— Vá, meusinos! São horas da agremiação!

Eu, fingindo que não percebera que era ele, bencei por entre o sono:

— Ora você não podia estar calado?

Depois, Jedi desculpa, disse que julgava ser o tenente Bastos... Todos se riram e não tivemos outro remédio senão levantar.

Havia fresco na sala; as janelas ficaram abertas e o frio natural da manhã nevosa entrava á sua vontade. Era quase um viva-que. Lá fora, no terreno, havia mercado; a cagele da Senh.^a do Montalto estava encoberta; e por todo o vale a nevosa corria, esparrapando-se nos pinheirais das encostas.

Final, o general saíra para visitar o outro partido e só voltaria depois do alusço; e eu lastimeí aquele gresso do Brack-Lamy

sem ter averiguado se o homem estava em
mão. Podia dormir mais um bocadinho, que bem
necessário era.

Mas, enfim, fomos passear pela vila,
vimos chegar o destacamento de Cavalaria,
cerca de noventa cavalos. Lá me escolheram
um para mim, o n.º 13, de Cavalaria n.º 8, ~~montado~~
montado dum clarim, russo, bonito e segun-
do o tratador era mauuco... O numero é que
era fatídico, o numero 13!... E depois, o
tratador era o n.º 26 do 4.º esquadrão; ora 26
é o dobro de 13... Tudo parecia conspirar
contra mim, mas decidi-me a arrostar com
a superstição e confiei na minha ciência de
cavaleiro...

(18 - Julho - 1806)

Na convicção, pois, de que o cavallo era
bom e o cavaleiro melhor fui almoçar e só
ao ½ dia fomos chamados ao coronel Massa-
no, de Infantaria 15, comandante da brigada
que constituiu o nosso partido.⁽¹⁾

Deu-nos as instruções, as ordens e pa-
peis impressos do modelo oficial para as cor-
respondências; deu-nos as cartas do terreno

(1)

e o tema do exercício, impresso. Foi amavel, correcto; mostrou-se cansado e nós viemos com as mãos cheias de papelada.

Dali fomos á casa da Câmara, em cuja sala das sessões o general nos recebeu a apre-
sentação e fez o seu discurso, tanto, Tristonho, seu vida. Disse-nos o que era o exercício, pe-
diu a coadjuvação de todos, estrejou os olhos
e no fim deu uma razãoada a cada um.

Quer o general quer o coronel pareciam
escolhidos de propósito para serem reformados.
O coronel Massano é um esqueleto vivo; o ge-
neral é nem mais nem menos o que os da Ca-
mararia chamavam: o Ventura, o Com methote

O Massano é homem m.^o inteligente,
muito salutar, de grande competência profes-
sional; é alto, seco, nariz um tanto adunco,
perfil energico e simpatico; tornou-se attraen-
te falando eutara nós vejamos que a pele lhe
está sobre os ossos como num esqueleto a que
vestissem pele adequada. As doenças torná-
ram-no invalido e hoje, o lieutenant official de
tempo antigo é uma ruina. Não monta a
cavalo, anda a pé com visivel esforço, de mo-
do que os exercícios foram para ele, ineguel-
mente, um tremendo sacrificio.

O general ⁽¹⁾ é homem que renuncia, na sua vida, a todo o valor que não fosse a sua honradez e, como militar, o seu bom comportamento. É baixo, de abdomen saliente, costas pouco directas em consequência da idade, olhos pequeninos de miopia, para causa do que usa óculos. A primeira vista tem o aspecto simpático de boa pessoa mas a ausência completa de figura para general.

De facto, o officiaes de Cavalaria chamá-vam-lhe, com certa propriedade, o Sentura, o bom netote... ⁽²⁾

Eram estas as duas altas entidades de baixo do comando das greis a correr o exercício: dois invalidos a quem o fizado não deixava montar a cavallo e o medo acompanhava na mesma negação hipica. E pensando neste caso, em como os nossos homens agalvados independentem^{te} do seu valor intelectual, estão na sua maior parte invalidos, seguis por uma rua da vila quando vejo... o quê? O meu cavallo, o n.º 13, o tal mansuário, o

(1)

(2) Salvo erro, era o nome dum monologo muito em voga nos tempos dos nossos Pais, a que o actor Taborda deu celebridade. Salvo erro, refito.

tal paciente, aos pulos, aos galões, aos ci-
ces, sem o tratador conseguin domá-lo! Gri-
xei ao tratadôr:

— Esse cavallo é que é o meu?

— É sim, meu alferes...

— Está bom! entãõ isso é que é o tal
mansinho, o tal cavallo boa-pessoa?

Confesso que me ri e, ao mesmo tem-
po, não desgostei. Ao menos, pensava, vou
experimentar-me como cavaleiro... E com
estas considerações ponderosas, chegou a hora
do jantar, coisa muito de apetecer durante to-
das e quasquer manobras.

Estas começavam no dia seguinte e es-
perava-se que viessem dar razão ao ministro
novo.¹⁾ De facto, eubera, á primeira vista, os
exercícios de quadros pareciam coisa inutil,
pão contudo, incomparavelmente, de mais
utilidade que as manobras com tropas. Nós,
sozinhos, identificamos-nos mais com o ter-
reno, compreendemo-lo melhor, pensâmos
mais friamente; enquanto que, com tropas,
apenas ~~se~~ procurâmos não desmanchar o
conjunto no grande espectáculo, muitas vê-

¹⁾ Ant.º Carlos Coelho de Vasconcelos Porto.

zas politico, no qual temos um papel insignificante de companhia sem iniciativa e não raro muito viciado.

Por isso esperava tirar algum proveito dos exercicios cujo tema era o seguinte: o inimigo entrara pela fronteira da Beira-Alta e batiera o nosso exercito em Belarico; este retirara para a Mucela mas deixou na Serra da Moita uma tripada como guarda de recataguarda com o fim de, naquella excelente posição, tomar o passo ao invasor.

Este, por sua vez, manda como guarda avançada uma tripada que se encontraria com a nossa na posição citada, onde se travaria o combate.

Na sua linha geral era este o exercicio a que ia assistir e do qual poderia, com mais ou menos consciencia, avaliar as vantagens taticas e estrategicas da Serra da Moita.

No primeiro dia apenas se estabeleceriam os postos avancados, far-se-iam explorações, reconhecimentos, instalação das reservas, dos postos sanitarios, etc. No outro, então, haveria o combate no qual se iria ter o papel de comandante de companhia encarregada dum contra-ataque decisivo.

Assim, contente com o meu papel, deitei-me sossegadamente, sentindo o vento fresco cortar a sala da aula e a refrescar o ambiente quente. E vendo surgir as estrelas, brilhantes, adormeci.

3º

Como começaram os exercícios. A
noite no missão e como a executai. De
como os inimigos meu pequeno são
meus e de como, mesmo em combate
se pode dormir sossegadamente, a
partir dos pinheiros. O regresso e o
meu da papelada.

(22 - Julho - 1906)

Seriam três horas da manhã quando nos acordaram. Lá fora tudo escuro e as estrelas brilhavam o que era sinal de calor.

Levantámo-nos e comi um pouco de comida. No campo sentia-se certo movimento de soldados, oficiais, cavalos; o tenente-coronel apareceu outra vez, para verificar se estávamos ainda a dormir; e assim, ainda não seriam 3 e meia já nós estávamos na rua, sob o céu a esbrulhar-se com a luz da manhã. Não havia névoa; o sol ia aparecer dentro em pou-

co e teríamos certamente uma manhã terrível de calor.

No larço, em frente da hospedaria, estavam os cavalos; tomámos café, comemos qualquer coisa e cada um procurou a sua montada.

— Soldado 26 de Cavalarias 8!

O 26 apareceu logo á chamada, com o cavalo, aulos sonantões, calças baixas. Alguns oficiais já desciam a rua e eu montei, binoeu-lo a tiracólo, depois de metter nas bolsas do regimento papéis em branco e pautado, um Regulamento de campanha, uns tapés de côr, cartas do tenente e não sei que mais.

Desartei os estribos, tornei as rédeas, unii os joelhos e fiz seguir o cavalo, muito se retirar de mim, como quem, dum a rér para sempre ia quebrar o enguiço do numero 13. No larço já estava eu só; desci rua abaixo, a passo, a experimentar o cavalo, com as cautelas devidas.

A Tabardinha, com olhos sonantões, estava á janela, sempre maréna e romântica; as Torres espreitavam pelas cortinas e lá ao fundo da rua, ao pé da igreja, estavam em grupo os officiais e ao lado a força de ar-

deuanças, isto é, soldados de Cavalaria com feto de terim e lança com bandeirola: azul para a Infant.^a, encarnada e branca para a Cavalaria, etc.

A cada oficial correspondia uma ordenança, com a bandeirola correspondente á arma a que pertencia; o tenente que comandava a força distribuía conforme chegavam e eu, já no fim de todos, recebi o sold.^o n.º 146 de Cavalaria, um rapazão forte, feio, de cara grande sem expressão, sempre muito direito, muito consciente do seu papel, firme como a lança e sempre á distancia regulamentar. Se eu ia a passo, ele ia a passo; se trotava, ele trotava; se metia a galope, ele sempre a galope; se eu estacava de repente, o 146 sempre de cara erguida, tronco direito, lança na posição, estacava tambem com todo o juízo prussiano. Tinha poucas falas; era preciso perguntar uma coisa duas vezes para dar meia resposta. Era respeitador e fiquei gostando do seu serviço.

Quando o tenente o chamou e me disse — Vais apresentar-te ao sr. alferes... ele esporeou o cavallo, estacou atrás de mim, firme, apurinado e disse apenas:

— Presente, meu alferes!

Os officiais já seguiam pela estrada e eu lá comecei tirar o meu cavallo do meio dos outros com oportunas esperadas e ~~meu~~ reuni-me ao grupo que ia a passo, ressegadando pela fastidiosa estrada para a Moita.

Havia conversas alegres; o Plomeu Christo tinha ditos de espirito; o capitão de Infant.⁹ y Ribeiro de Almeida era tambem de bom humor e assim se chegou á Moita onde já estavam todos os outros officiais. Seriam 5 horas e meia e o sol já apontava um pouco sobre a serra.

Apareceu logo a seguir o Chefe do Estado Maior, o major Terrillão que da parte do general tinha dizer q. podiamos seguir para os nossos destinos ao mesmo tempo que passava na estrada um carro com pechecas: as filhas do Dr. José da Costa de Vasconcelos delgado e outras meninas arquiteuses.

Eu deixei seguir todos, antes queria ir sozinho e quando vi que estava só, segui a passo pela estrada, com a ardeurança á distancia regularmente e, pela primeira vez, jurei pela carta e diguei-me mes para onde teria de ir.

Primeiro, deveria transpôr a serra, seguindo a estrada da Beira; depois iria adiante até á Cabaia do Mouronho; a seguir carta-

ria á direita e faria, por essa estrada fôra, mi-
nuciosa exploração até onde me parecesse. Es-
tava inteirado da minha missão quando chegá-
va ao alto da serra; meti a carta na bolsa do se-
lim e olhei então seu frente: que beleza!

O cavallo sentia os setros a distancia, que-
ria galopar; e como no alto havia grupos de se-
nhoras, fiz-lhe a vontade: galopou á rédea vol-
ta pela estrada fôra até ao começo da descida. O
ponto de vista para a frente é unicamente admi-
ravel: a serra de Estrela eleva-se aos nossos
olhos, lá adiante; á esquerda, o Caramulo e en-
tre um e outra, uma serie de serras, de vales,
em conjunto surpreendente. Parei, então, o ca-
vallo para ver; e em baixo havia um grande
vale cheio de verdura e arvoredo.

A serra da Moita é arida; mas nos de-
clives começam os terrenos cultivados. Encau-
sei-me o aspecto do panorama e só daí a um
bocado é que fiz a vontade ao cavallo que esta-
va impaciente por andar. Uns officiais de Ar-
tilharia, perto, tomávan as suas posições e
eu comecei a descer, passei a Veuda da Serra,
onde encontrei mais officiais, segui pelo vale
entre pinheiros e milharais até á Catraia do
Mouronho onde recebi do commandante do Pique

té ali estabelecido as ordens necessarias. E a verdade é que ia encastado com o cavallo, manso, com trote, não tinha reparos, era, enfim, um cavallo á altura... E depois de receber do capitão Gaulão as ordens, segui ainda pela estrada da da Beira, notando, satisfeito da vida...

No cruzam.^{to} com a estrada do Mouronho parei; e ainda me lembrava muito bem de que para a frente o terreno era coberto de pinhais com raras culturas; não havia campo de tiro de modo que ainda segui pela estrada até á povoação chamada Pórsa onde encontrei um tenente de Cavalaria, q. vinha a galope e me disse que o inimigo andava perto, na pessoa de um outro subalterno de Cavalaria.

Ficámos admirados porque a ordem era para o contacto se estabelecer só ás 6 h. e meia e seriam, quando muito, seis horas. Voltei, pois, para traz e volti pela estrada districtal do Mouronho que era, verdadeiramente, o principal objecto da m.^a missão.

Analisei tudo, tomei os meus apontamentos, vi o mais que podia ver e estava resolvido a ir ver o grande palacio antigo do Mouronho em cujos jardins havia, nos tempos dos donos fidalgos, um labirinto curioso.

Para a direita tudo grinhalis deuros; para a esquerda o terreno atayava-se em culturas de milho; e em frente, meio-escuras ainda com as ponturas da manha, as grandes perreiras. Bonito conjunto.

Ato cirno duma ladeira suide me pareceu que não era necessario continuar a exploração, parei. Havia perto uns grandes canthos, muito copados, sobre umas alminhas de pedra muito tobeas. Resolvi desmontar e ali, á sombra fresca, tendo findado a minha missão, colegei os apontamentos que tornára rapida mente sobre o cavallo, e coordenei-os para com mais facilidade poder fazer o meu relatório.

(24 - Julho - 1906)

Estava, parem, sossegadamente, á sombra, a gozar vontade para de novo me meter ao sol, embelido na beleza da paisagem tão variada e imponente, tal como Trés de Castro (salvo seja...) na Fonte dos Amores

« posto em sossego,
dos meus aros colheudo o doce fruto »

quando ao fundo da estrada, na curva, quase em arculo recto, vi aparecer um cavaleiro, a passo. Olhei atentamente, dei o binoculo

e vi que era um official de Cavalaria do partido inimigo e não trazia ardeurança. Logo que se aproximava, fui-o conhecendo: era um alferes do meu curso, o Ant.º Pereira da Cunha e Costa, um rufião terrível, de Lipóde á Kaiser, Loureiro, real-creado, etc. etc. Já o não via desde que saí da Escola do Exército, de modo que, ao aproximar-se, ouviram-se duas exclamações ao mesmo tempo:

— Oh Belisario!

— Oh Cunha e Costa!

Ele apressou-se e sentou-se á pomela ao pé de mim; e como se estivessemos ainda na Escola do Ex.^{to}, disse-me ternamente, com cara de atrapalhado:

— Se tu me ensinasses a fazer o relatório...

Ainda era o mesmo! o mesmo ignorante da Escola. Pi-me e senti mais uma vez a superioridade da Infantaria...

E a bem, sem querer saber que era um inimigo, ensinei-lhe a fazer o relatório, disse-lhe onde estavam os postos do meu partido e onde era o coração de vedetas que ele, como capitão de Cavalaria, de exploração tinha de reconhecer — mas que, como bom official de Ca-

malária, se considerava incompetente para o fazer. Porque é necessário notar que os bons oficiais da arma prezam-se de serem ignorantes. Só sabem de cavalos...

Meia-hora, pouco mais, durou o arrestio. Montámos, de novo voltámos pela estrada: ele para se reunir ao partido antes de darem pela conversa com inimigos; eu para dar conta da minha missão. Descemos a estrada, ao principio devagar, mas ele, talvez para ver o que eu dava como cavaleiro, começou a apertar e eu pouco os cavalos desciam, ladeira abaixo, á desfilada! Eu, como sempre, fugi não dar por tal, como homem habituado; e só no cruzamento da estrada da Beira é que parámos. Despedimos-nos, ele foi para um lado, eu voltei para o outro.

- Encontrei então o capitão Goulão num pinhal, na Calvaia do Mouronho, onde estava levara o piquete; e ali, á sombra fresca dos pinheiros eu tive a consolação de me apertar e de me deitar ao esufrido sobre a caruma e sentir o fresco da aragem do norte. O capitão, ao lado, escrevia os seus apontamentos e as ardeanças seguravam os cavalos. Eu, a pouco e pouco, senti fechar-se-me as palpebras...

O que é ter a consciencia tranquila!

Nisto, senti-me relaxado: chepei-me ao ouvido a trepidação lúgubre, para nascer, dois passos de cavallo, tal como aos indios americanos que escutam no chão os ruídos de ao longe. Mas, de facto, daí a um bocadinho, na direcção indicada, apparecia o tenente Bastos e a ardeança; e eu continuei a dormir...

Era agradável aquella sonorancia, ao fresco dos pinhais. Dizia eu, suavemente, para os dois officiaes:

— Ora no céu esteja quem inventou o descanso...

Uma ardeança, porém, interrompeu a beatitude dizendo:

— Lá vem o nosso general!

Dei um pulo e, reverentemente, fomos ao seu encontro. O chefe do estado-maior interveiu-se das nossas missões, discutiu-se com certa brevidade e lá seguiram ao seu destino. E eu voltei a deitar-me ressequidamente.

Estava passado o primeiro dia de exercicios; o sol quente e a poeira é que nos incomodavam e quando montámos, eu e o Bastos, para subirmos ao alto da serra, seriam 9 horas, o sol era já ardente. A estrada, sem som-

lira, era enfadonha; na Venda da Serra reunimos-nos que já tocára a alto, do modo que subimos à Serra da Moita, perguntámos se poderíamos regressar e começámos a descer por um atalho, para encurtar, directos à estrada. E andámos os 8 quilómetros, sem encontrar sombra, a passo, com sol de rachar e a atmosfera abafadíssima. Como iam juntos o capitão Goulão, o Bastos e um outro oficial do 24, tinha eu e o Brito e Silva de ir também a passo, no mesmo ravel passo, com as costas ao sol e os olhos a fechar-se com o brilho do pó branco da estrada.

Passámos o Sarzedo, atravessámos a ponte e ao chegar à vila eu e o Brito e Silva, com a devida vénia, largámos o grupo e ao troté, com as ardeuranças atrás, fizemos a entrada poluemente, por entre a curiosidade dos habitantes. E parámos à porta da escola como lordes ingleses à porta do seu palácio.

(26 - Julho - 1906)

Será escusado dizer que tive de mudar completamente de roupa. Seria agradável um banho, mas isso não era possível. Limitei-me a vestir roupa enxuta e fresca e a ir aluciar. Alucio alegre em que predominou a

troca humorística de impressões, crivada muitas vezes de finas ironias.

Depois do almoço, pararam, e' que começaram a parte mais maçadora dos exercícios: o relatório. Sim, era necessário um relatório, um ligeiro desenho do terreno — uma coisa que não nada ás que os outros teriam que entregar, dava um colossal monte de papel. Uma enorme papelada!

Como na Escola estava muito calor, fui com o Bastos a um estabelecim.^{to} de um sujeito conhecido; e ali, a uma mesa, ao fresco, escrevemos os relatórios e eu fiz os dois ligeiros esboços do terreno, a lapis de cãr, um para mim, outro para o Bastos que não tinha queda para desenho...

Bebeamos refrescos enquanto trabalhávamos; e depois de entregarmos os ~~nos~~ relatórios, talvez os primeiros que se entregaram, voltámos á Escola e ressegadamente estendemos-nos sobre as camas, sem farda, procurando, na quietação e no dever cumprido, a ideia da frescura que a atmosfera não dava nem a sala tinha.

Os outros companheiros discutiam e questionavam ainda ao fazer os relatórios; e

eu, recebendo-me bem, gostava aquella man-
 eira de nos trabalhar sem eu trabalhar...

E a pouco e pouco, sem querer, senti
 que adormecia.

4.º

Um dia de passeio. Conferencia pa-
 cata dum general bom velhote. Pas-
 seio sentimental pela várzea, ao cre-
 púsculo. Teatro e namoros.

O dia seguinte foi dia de passeio; mais
 do que um dia de passeio, um dia de bom hu-
 môr. O tenente-cor. Brack-Lamy, segundo o
 costume e bem escusadamente, lá foi com sua
 fala mansa dizer-nos:

— Merinos! são horas...

Tínhamos que ir para a conferencia em
 que o general iria fazer a critica dos exercicios
 da vespera. Ele, o chefe do Est.º maior e o ad-
 junto, passaram a noite quase em claro a ler
 a papelada; e agora ia enfim servir-se a gran-
 de voz acerca da efficacia ou não efficacia destes
 exercicios, da perfeição ou imperfeição dos tra-
 balhos. Na mesma sala da Câmara, serviria-
 mos a ultima palavra...

Ventura, o bom velhote, como estudan-
te que vai fazer exame, leu um papel que na-
turalmente foi escrito pelo chefe do Est.º maior.
Leu e malgum pontos com difficultade por causa
da letra e terminou dizendo que, em geral, tu-
do lhe agradara muito, que nós tinhamos mes-
trado excelente boa vontade, que eramos todos
muito inteligentes, muito trabalhadores, etc.

Foi conferencia pacata. E nós saímos
todos com a convicção de que eramos, de facto,
muito inteligentes e trabalhadores e de que ~~de~~
ele, o bom velhote, nada tinha de esperto...

E enquanto o calor fazia derreter tudo,
nós, os subalternos do 23 estendidos sobre as
carnas, á vontade, conversávamos e esperá-
vamos que o sol descesse e deixasse algum pres-
co á terra. Discutiu-se, falou-se acerca de
muitas coisas enquanto lá fora o sol aper-
tava por essas serras e pelas estradas.

Que dia sossegado! Desde as 11 h. da
manhã ás 6 da tarde, estendido tranquila-
mente, ouvindo falar em coisas alegres, con-
tando anedotas, riendo e vendo rir...

Foi o melhor dia dos exercicios...

Só á tarde, enquanto o sol começava
a desaparecer por detrás da mata da Miseri-

cordia e a vila de Argavil começaram a ter alguma sombra é que nós nos levantamos, já com alguma vontade de jantar.

Depois do jantar, com a boa companhia do P.^e Adelino que contava histórias, melancolicamente, fingindo que fumava um charuto, eu, envolvido em vaga melancolia e em vaga recordação de há dois anos, durante a diligência que então ali fiz, metemos vila abaixo e seguimos estrada de Folques para.

Que deliciosa, melancólica tarde! Passada a capelinha de S. João, na recta que atravessa a varzea, que tristeza que senti!

De quê?... Não sei. O Tom triste do vale, o Tom triste da serra, o Tom triste dos telhados da vila de onde subia um fumo ténue, eram impressionantes. A tristeza do escurecer e a contemplação da paisagem eram tais que deixei apagar um charutinho que ia fumando, olisquei o P.^e Adelino a parar e fiquei-me a olhar, como nos bons tempos românticos de estudante de Coimbra, sem que me extorcia a ver correr o Mondego por entre os chopos verdes...

Fiquei-me a olhar, sem saber o quê: a paisagem enfeitou-me sem dar por isso.

(28 - julho - 1906)

Parece que tinha, insensivelmente, voltado aos tempos idos em que a simples linha flexuosa dum campo alto, curvado sobre o rio, me impressionava a imaginação. Sentia-me poeta...

De facto, o escurecer era belo e, em pouco, o luar puziu sereno, limpo, esplendido e os pequenos salgueiros da ribeira que passava, começaram a dar somprida pomera sobre o milho verde. Ao longe, umas raparigas que voltavam do trabalho, cantavam dolentemente em terças, em belo conjunto, umas canções serranas. Havia garbadas alegres no grupo alegre das raparigas; e lá passaram por nós foice ao ombro, cesta á cabeça, fartas de trabalho, mas com a alegria sábia dos campos e das serras a transbordar-lhes do coração.

Respeitosamente, ao passarem, calaram-se e disseram

— Muito boas noites...

— Boas noites, meninas.

E logo adiante o câro continou monótono, mas com a alegria daquelas vozes juvenis a correr pelo vale, em ritmo lento, sem grandes relevos, que desaparecia suavemente.

A pouco e pouco, vencido por uma e indefinível tristeza, voltei à vila. Porque era, não n'ó sei; sei que tristeza sem causa aparente se apoderou de mim; e ao entrar na vila, por pé da casa do Dr. José da Costa de Vasconcelos Delgado, ouvia-se alegremente tocar piano, rir e dançar.

Felizmente, no teatro, havia espectáculo; uns musicos e prestidigitadores davam sessões variadas; e daí a pouco lá fui, ladeira acima, com quase todos os subalternos de Luísa. Há 23 para o teatrinho, uma sala pequena, com galeria alta para sentadas, em toda a volta. Grupos de damas passeavam, com vestidos claros, segurando sedas como em cidade; e eu, já lá dentro, apesar do pôr-do-sol, vi chegar tudo o que há em S. Paulo de mais fino, de mais chic, de mais distingue, de mais smart...

Ato fundo, ao canto da galeria, fixavam os olhos creíulos da Tabardinha; e eu, através da pontalencia, sem escandalo, comecei, cá de baixo, a receber-lhe as minhas homenagens de preito e admirações, modestamente, sentimentalmente, como quem vinha de se deixar passar da enorme tristeza do crepúsculo, e da natureza forte das serranias beirões.

Do canto, ao fundo da galeria, os olhos negros da Tabardinha trilhavam a' luz de acetilene da sala, como dois carvões acêsos... E eu tive vontade de lhe cantar, cá de baixo:

« Os teus olhos negros negros
São gentios da Guiné... »

mas não: antes de acabar o espectáculo o rônco teve mais força que o amôr... Sai com os compaheiros e regaladamente dormi até ás 3 horas da manhã — que é o mesmo que dizer que só dormi umas 3 horas, pouco mais. ⁽¹⁾

.....

⁽¹⁾ Ficou incompleta a história dos exercícios não sei já por qual razão. Não se perdeu muito e aqui ficou largamente cobriada por quarenta e tantas paginas, foi porque a descrição não deixa de ser documento curioso e típico do que era um exercício de quadros naquele tempo contado com bom humor. E além disso é prova de que eu, sempre que me metia a escrever coisas idênticas me prendia com os aspectos da natureza.

Já li não sei onde se ouvi não sei a quem que o escritor português pouco se preocupa com as descrições da natureza e quando as faz ou é em breves linhas como em Camilo ou teoricaamente, por mero deleite literario como em Eça de Queiroz. Ora eu, sem querer meter-me no n.º dos escritores portugueses, nunca deixei de me ocupar com os efeitos da natureza que atravessava.

V.I

« Itaque ante implicitur aliquo certo genere cursumque vivendi, quam potuit, quod optimum esset judicare. »

Cicero: de Officiis, lib. primus, § XXXII.

Reverendo...

No verão de 1906 comecei a pensar, como já tenho dito, em me safar da vida do exercito. Iria tentar a Eupentharis civil como recurso.

Mas... Aqui estou novamente a repetir: essa resolução teria base, isto é, seria resolução derivada de serias reflexões e de plano bem amadurecido ou era ainda a mesma fatalidade que me fazia andar dos encontros, sem noveis bem fixo?

Confesso que me não lembro já bem do que se passou no meu espirito. Certamente a imaginação Krauthau e, como de costume, Krauthau real.

Escreveu Ortega y Gasset que a Imaginação é o poder libertador que o homem possui⁽¹⁾; e eu naturalmente aspirava a libertar-me da vida regimental, da cadeia seguida de serviços obscuros, sem qualquer cunho elevado, do ambiente de baixo nível em que me sentia sem adaptações. Havia um ou outro oficial que talvez me estimasse, que tivesse, enfim, um pouco de compreensão; mas, no modo geral, a minha simpatia pelas letras, simpatia que eu não deixava de manifestar, sem querer, com a naturalidade própria, causava certo ar de desdém que não era, até, de certa troca — evidentemente encolerto por maneiras avançadas.

Ao escrever estas notas, apesar de dizer que não mais falarei neste aspecto da minha vida no regimento, sem querer insisto nele em tom de má vontade. O leitor futuro (se isto tiver leitores) poderá julgar melhor de minhas requições. Infelizmente não era — e isso fez-me mal como já, nos tempos de estudante, com os outros brincadeiras de campanheiros a que creio me referi anteriormente.

(1) La rebelion de las masas (9.ª edição) cap. XIV, §VI, ff. 183.

Bem. Vamos a ver se sou capaz de não voltar a insistir em tal ponto que, na verdade, me é desagradável porque, em consciência, sempre julguei não merecer semelhante tratamento.

Dizia eu que me não lembrero bem se a resolução de largar o exercito foi tomada a seguir a reflexões ponderadas. Bem feito a memoria não me reproduz já com fidelid^{de} o meu estado de espirito; mas diz o Povo que pelos Domingos se tiram os dias santos e assim hoje quero ver que a fantasia me deu largos e faccis horizontes e me juntou o futuro com tintas alegres e sedutoras.

Seriam dois anos em Coimbra para as cadeiras de preparatórios; e depois o curso de Engenharia em Lisboa ou no Porto. Pensei eu como realizaria tudo isso sem pedir licença illimitada em outra situação que me não prendesse ao serviço? Nunca me teria mostrado as dificuldades que encontraria para me manter durante uns cinco ou seis anos num balanco de tão máo equilibrio?

Estou convencido, passado ~~o~~ meu século, que me afasta dessa quadra, de que mais uma vez (e não seria a ultima) eu me deixei

sualemente arrastar nas asas de doce e fácil ilusão. De que antepassado me viria esta qualidade que me fazia sonhar acordado tanta e tanta vez — e que ainda hoje, quase velho, me sacode subtilmente?

De certo não seria dos avós mineiros, gente positiva e terra-a-terra; possivelmente a mistura de gente do mar de Vila do Conde e do Barreiro e de um ou outro algarvio, me deixaria no sangue essa terrível tendência para o sonho.

André Gide escreveu que « on ne perd pas ~~le~~ tout à fait son temps, en rêvant... »⁽¹⁾ Assim será. Mas eu, ao ler ha tempos esta frase pensei de mim para mim, que, comigo, se não deu isso. Terei que perdi sempre o meu tempo e o sonho só me deixou a boa lembrança da Ilusão — que ainda é das boas coisas do mundo.

E por essas e por outras, é que hoje com a rethica, esse maravilhoso repellido neres e facilmente, em circumstancias que poderão parecer consequencia de senilidade: por exemplo ao ouvir a Pastoral de Beethoven como ha

⁽¹⁾ Alors dit-il en les jeux sont faits, pp. 129

dias me aconteceu, ou a ler certas poesias do Miguel Torga. E' possível, de facto, que seja já a possibilidade a lançar as garras; mas tambem poderá ser o resultado de tanta coisa que tenho suportado e de todos os erros da m.^a vida a que não conseguí fugir.

Sensibilidade talvez exagerada, mas que corresponde bem ao estado de espirito. Ao ouvir a Pastoral de Schubert - me de que Beethoven foi um infeliz, muito tempo incompreendido, sempre a lutar com um destino adverso quando, se a humidade fosse conjuncto normal de rês, deveria ser homem acarinhado, protegido, colocado ao abrigo de dificuldades. E ao ler versos de Torga, penso que o poeta é outro que se debate com o destino e, como creio já ter dito e escrito nestas laudas, creatura a quem o Génio deu asas a quem o ambiente actual não deixa bater como queriam. Quando vejo uma criança como ainda hoje de rua, descalça e esfarrapada, com vivêra no olhar e desambaracada no falar, sempre em mim a lembrança dos sonhos da mocidade ao ler as redondas papinas de Kropotkine ou de outros anarquistas que queriam conquistar a Igualdade e a Felicidade para todos. Etc.

Dagui virá a minha sensibilidade a que se junta a tristezza resultante do reconhecimento do erro de toda a m.^a vida. A Ilusão, a Fantasia, o Sonho!

Triste condição a da existencia vulgar dos humanos!

O Carlos da Maia, do Eça, recapitulando a vida, em alguma conversa, dizia para o amigo Eça:

— Falha-se sempre na realidade aquella vida que se planejou com a imaginação.

E depois o Eça, querendo explicar afirmações que o amigo classificára de românticas, exclamou:

— E que somos nós? Que temos nós de desde o collegio, desde o exame de latim? São românticos: isto é, individuos inferiores que se governam na vida pelo sentimento e não pela razão...⁽¹⁾

Bela síntese... Individuos inferiores... Não ha duvida: é o que tenho sido, individuo inferior que se deixou sempre governar pelo sentimento e não pela razão.

(1) Eça de S. Carlos: Os Maias, 11.^a edição, vol. II, pag. 483-484.

Mas estão a afastar-me do assunto. Vou
nos pôr ordem na narrativa.

Depois de varias duvidas levantadas na
secretaria da Univerid^d. porque as certidões que
apresentava eram de actos feitos em regime de
estudos anterior; e depois de um requerimento
a S. Magestade solicitando a mudança de regi-
me, lá me matriculei em Calculo Diferencial
& Integral, Quimica Organica, Fisica, 1^a parte e
Deseenho matematico, 3^o anno, numa 4^a feira que
era o dia 19 de Setembro de 1806.

A matricula fez-se como aluno ordina-
rio em Calculo e Fisica; e como voluntario na ca-
deira de Quimica. Não me lembro das razões
desta differença; sei que foi assim porque consul-
tei apara o Anuario e lá vi ~~em~~ a classificação de
que até me admirei.

Estava de novo estudante universita-
rio, mas a minha indumentaria é que era
diferente: a capa e a batina estavam substitui-
das por uma farda — e havia oito annos a
mais e posição social ~~comparada~~ diversa. Por
professores tinha o Sidonio Pais nas matemá-
ticas, o dr. Alvaro da Silva Basto na Quimica, o
dr. Henrique Teixeira Bastos na Fisica e o Mey-
des Pinheiro o « Fr. Gerundio » no Deseenho — e

lembro - me bem de que ao entrar nas aulas, eu sentia - me como que estranho, um pouco envergonhado, no meio de rapazes que andariam por dez anos a menos na idade e quase todos desconhecidos.

Enfim, lá fui, mas sentindo qualquer coisa de novo que me deixava ligeiramente inquieto. Hoje, revendo essa quadra e essa tentativa de mudança na vida suscitada, é que compreendo, talvez, o que era essa vaga inquietação. Faria consequência do que antes deixei dito acerca do predomínio da Imaginação sobre a Razão camarinha; um caso que presentimento de que essa tentativa era mais um fogacho da Fantasia do que um sério e objectivo intento.

Encontrei desses dias do começo do ano lectivo umas notas escritas com ligeireza, que traduzem mais ou menos o espirito do momento. Cuido que ficaram aqui bem transcritas.

Ei-las:

«16 de Outubro:

«Já fui á Univerosidade. Tudo alegre, tudo ar de festa. Vestidos alegres de senhoras,

ar alegre de visitantes e alegres abraços de estudantes que de novo se encontram. Houve a oração chamada de sapientia; houve distribuição dos prêmios; houve discursos...

« Os sinos da Torre alta tocaram festivamente; a charaneta, eucarizada, tocou festivamente; a bandeira azul e branca da Torre tremulava festivamente...

« Era tarde alegre e leve alegre. »

.....

« 22 de Outubro: »

« Ontem á noite, tinha a calera acabada de tocar pela segunda vez quando eu accendi de novo, passados seis anos, o meu antigo candieiro de azeite de abat-jour verde. Sei si alguma coisa de estranho em mim...

« Saudade? Desgosto? Contentamento? Ódio?... Não sei. »

« Sei que não foi nem uma vaga, indefinível impressão moral que eu, depois de tão longo e variado intervalo, coloquei sobre o aro amarelo do candieiro o meu abat-jour verde...

« Há seis anos, sim, que eu não o acendi. Se uma vez por outra me servir dele, essa excepção não interrompeu o tempo, enor-

me intervalos de seis anos. Testudamente, propriamente dito, todos os dias que a sua luz se alastrava pela mesa, mais cheia de crônicas e manuscritos que de livros matematicos, eu tinha a dolorosa impressão de que mais um dia passava sobre a minha cácula irreductivel e de que o final do ano, sempre incerto, seria para mim mais triste derrisão.

« Eu olhava indifferente para esses livros cheios de formulas, de equações, de combinações transcendentes de Algebra ou Geometria analitica; e os meus olhos, com tédio, fugiam pela minha fóra, olhavam os outros livros: as crônicas, os meus manuscritos... Olhavam tudo, até as folhas succulentas de noticias dalgum jornal diario, como refrigerio, como alívio protector da espantosa aridez da Ciencia...

« Depois, era a minha imaginação que voava, que pulia e deseia confar-me o vôo e deixava correr os ponteiros do relógio. E tudo isto o caudieiro aluminaava, porolentemente, tristemente; a noite passava, vinha o sono, vinha a ideia poderosa e irresistivel da cama e eu, indolentemente, sem força de energia sufficiente, sem a vontade necessaria para me impôr sobre o organismo, deixava-me

arrastar pelo tédio, pela cácula, quase como autómato... Fechava então os livros e muitas vezes os deixava abertos para o sol os encontrar mais estudiosos do que eu, levantava-me da mesa, passava ao quarto de dormir e deitava-me com o unico e inutil protesto que me fazia dizer intimamente: "isto assim não pôde ser!" E terminava por dar corda ao despertador para no dia seguinte me levantar mais cedo para estudar...

« Seis anos! Passáram-se seis anos: fui para a Escola do Exército, para Mafra, para Braga, Arganil, Peniche, Serra da Estrela; subi de postos, fiz serviço regimental, comandi tropas em manobras, em diligencias; levantei autos, fiz guardas de honra, presidei eleições... E agora, passado o variadissimo intervalo, em que tanta coisa me aconteceu desde o mamero galante de qualquer Lisboa até á pedrada eleitoral do entusiastico eleitor do Paiaes, volto de novo a acender o paciente, ponho lento caudiceiro de azeite e a estirar a vista sobre livros de paginas traçadas cobertas de calculos algébricos complicados.

« Como muda o mundo, como muda o espirito humano... Por isso eu ontem me

surpreendi impressionado ao fazer cair o
quarto na meia-jornada do abat-jour ver-
de; instintivamente, tanto é o poder da sug-
estão! os meus olhos já meio cerrados de
fúria, percorreram como outrora a mesa em
busca de melhor coisa que as páginas do cal-
culo diferencial e, também instintivamente,
senti um... quase medo de ser hoje chamado
de ter de falar, como noutro tempo, acerca da
lição do dia.

« O caso, para, parece é diferente; a tra-
dição, o conservantismo, a indolência natã,
superstionáram-me; a idade e os tempos é que
são outros. E a verdade é que tenho aqui ao la-
do a Química Orgânica.

« Deito, pois. São 11 h. da noite. »

.....

« 24 de Outubro:

« Tenho a mesa assobentada de papéis:
uns são coisas militares, antigas; outros são
apontamentos de mecânica racional; outros
de química orgânica e outros ainda com ris-
cos do mais transcendente dos calculos mate-
máticos. Conjunção mei generis de sciencia, des-
de o calculo aperfeiçoado e hiper-metáphi-
co de Leibnitz, até ao mais prosaico disti-

lader de alcool ordinario. E' curioso, pois, que eu, que me posso alcinhar de méo-estudante, escreva nota lizeiras sobre a papelada estendida; e' como o rinal dum descauço meu por descauço, tal como o antigo catre de meugas peritentes cuja dureza espantosa tem brava sempre o sacrificio a que se rotavam.

«Tal qual, meu tirar meu jár...

«A cada movimento desta folha de papel corresponde uma infiridade de movimentos da papelada que está sobre a mesa de mogno envernizada. Aqui pái a formula algébrica do movimento; ali o binomio terrivel de Newton; ao lado, espantosamente, surge a formula estúpida dum hidro-carboneto ciclico!... E eu, que me vou a desviar para outros pensamentos, volto, immediatamente, apressadamente, ao terreno iurato da Ciencia onde os cardos cresem ás dezenas e as raposas aedam ás centenas. E' como o fradinho peritente: qual na imaginação mortificada lhe aparecia ao coupe, tenuemente, indistintamente, um vulto gentil da sua passada e remota mocidade, como clarão frouxo, logo a dor aguda dos cilícios vinha afugentar essa visão acariciadora.

« Assim eu: mal me distraio, mal me esqueço da ciência, logo os cilícios me aparecem sob a forma alveiosa de uma soma de números irracionais ou a dureza do cálcio me faz sentir carilosamente sob a forma hilaritante do álcool metílico a 75% . . . »

« No entanto, boa parte é esta parcela da vida para um intervalo que seja de dois apontamentos; e eu, que de novo enveredei pelo campo científico, concilio assim o dever de estudante agora exemplar com uma ou outra feia da Imaginação incorregível e inquietá. »

Enfim, estava de novo estudante universitário. Aos poucos comecei a travar relações com um ou outro condiscípulo e a fazer novas adaptações ao ambiente — se bem que a sentir alguma dificuldade em recommençar no estudo . . .

Soubi-me desacostumada e o balcão principalmente exigia cuidados e alguma continuidade com os estudos anteriores que eu, francamente, já não encontrei. Procurei, com algum trabalho, entrar naquela difícil ciência e aqui surgiu certo desâ-

nimo se não foi, até, desilusão. Como iria em vencer a tarefa se há seis anos me desligara das matemáticas e estarrava agora com obstáculos que não sabia logo vencer?

Com a Química, bem estava; era tudo questão de estudo; mas o Calculo começou a dar-me cuidados e afreusões. Venceria?... E se não vencesse, como sair dignamente da alçada em que me metera?

Conselei a preoccupar-me com o futuro. Um dia o Sidonio Pais chamou-me á lição; e embora me aguentasse menos mal, a lição não foi o que devia ser. Saí da aula um pouco aborrecido, pois em minha consciencia não devia apresentar-me em nível inferior já não digo aos ursos, mas aos estudantes bons. E saí convencido disso.

Desde fazia figura era na aula do Desenho; aí, numa carteira comum com Aureliano Lopes de Mira Fernandes (que viria a ser o grande mathematico de renome europeu) fazia os desenhos perfectos merecedores de alta classificação. Mas... a cadeira era simplesmente auxiliar e não era com a possível distinção, como vinge no 2.º ano, que eu venceria o ano lectivo.

Presseuſia, nesta reviravolta da vida, que se iria paſſar qualquer coisa eſtranha. Não o digo agora, depois de tanto tempo paſſado; mas lembro-me de que vive esse mes- ſentimento

Mas enfim, lá ia ajudando mais ou menos satisfeito com os cursos, especialm^{te} com o de calculo que era composto de 20 es- tudantes entre os quais alguns rapazes de va- lor com quem me dei muito bem.

Sérios, comprometidos dos seus deveres, eram certamente o Luis de Mira Feio e o Francisco Xavier Vaz Pacheco de Castro — este ultimo, talentoso e excepcionalmente arguto e subtil mereceu que se lhe chamasse o « espirito gentil » do curso. E' hoje engenhei- ro m^{to} distinto em Ponta-Delgada, sua terra natal. O Mira Feio, alentejano, creio que vive em Lisboa funcionario superior de qual- quer ministerio.

Muito vivo, impetuoso, tambem inte- lizante e alma aberta e sincera, o Pedro de Al- cantara de Andrade Marais, açoreano da Ilha Terceira, superheiro como aqueles. Falecido ha já alguns annos. Reflectido, agudo, espi- rituoso, o Luis Esteves de Aguiar, bom e

rijo Trausmontano que se formou em medi-
cina e morreu ainda novo; tinha a particula-
ridade de falar latim macarronico com a maior
facilidade.

Estes quatro acompanhavam o grupo com
quem mais me dava e eram, na verdade, rapa-
zados de escol.

Os outros eram uma mistura de bom,
de razoavel e de mau: o Carlos Augusto da
Costa Mota, comtencioso, depois medico, in-
felizmente já falecido; excelente rapaz, serio,
com quem depois me dei muito. O Francisco
Alberto de Almeida Ribeiro Saraiva, pobre ra-
paz, namorado, pretencioso, hoje medico em
Vizeu; o Pedro José de Melo, um indifferente
muito bem educado, como o Rui Henriquez
dos Santos, bom conversador, atencioso, sem-
pre preocupado com seus estudos colares, que
hoje encontro varias vezes sem saber bem o
que ele faz. O Fortunato Pires da Rocha, ca-
çador e corralão que morreu ha poucos annos
no posto de capitão-tenente salvo erro. O Vasco
de Carvalho, beato, membro da "democracia
cristã", e de outras aggregações superiores m.^{te}
catolicas, é hoje brigad. reformado do Artilha-
ria por motivos politicos... O Augusto Emi-

liano da Costa, futuro medico e poeta algar-
vio de valor. O António Pais de Saude e Cas-
tro, meu primo afidalgado, impertinente e tolo 7.
julgo ser hoje um dos actualizados membros da
Associação dos Arqueólogos, sempre na linha
com communicações e conferencias.

E já agora, q.^a terminar com as remi-
niscencias, não quero deixar de citar um cer-
to João Crisostomo Antunes J.^o, discipulo dos
jesuitas, creatura apapada e pãrna, com ares
de methaco, muito reservado. Fui encontra-
lo em Castelo-Branco, no periodo de 1914-15,
alferes de Infant.^o 21, sempre o mesmo dissi-
mulado, insignificante, subserviente, com
os mesmos ares de methaco. Hoje é tripa-
deiro de Infantaria por obra e graça da Igreja
e em especial da Companhia de Jesus.

E o ano lectivo foi correudo...

E já agora cantarei que foi em 17 de
Dezembro desse ano de 1906 que se inaugu-
rou a linha férrea para a Leiria. Deixei até
umas notas de occasião que vou transcrever
para memoria. Escritas no mesmo dia,
deverem ser verdadeiras; as impressões deve-
rão ser autênticas.

« Foi hoje a inauguração da linha ferrea da Lousã. Escusado será dizer que fui a Miranda do Corvo.

« Por entre enorme multidão que estava na avenida do Bais, o comboio partiu de Coimbra, atravessou a melhor avenida da cidade, á maneira americana, sem resguardos. Seguiu pela Arregaça, Calhalo', subiu ao Ariceiro e entrou no tunnel da Partela. Parou no prim.^o apeadeiro: festas, musicas, foquetes. Seguiu para a ponte sobre o Mondego, passou em Beira onde houve manifestações; e meteu pelo apertado vale do Dueça, galgando uma ponte, logo um tunnel, a seguir um grande aterro para de novo entrar em tunnel para logo a seguir atravessar outra ponte.

Em cada apeadeiro ouviam-se rivas, a gaita de folos, o zabumba; e transposta toda a encosta da serra do Sr. da Serra, appareceu numa curva a estrada de Coimbra a Miranda; e o comboio alterando o movim.^{to} entrou na ponte sobre o Dueça, mais alta, de certo, que 40 metros; seguiu-se, sem interrupção o tunnel, logo a seguir outra ponte e ao dobrar da curva para a esquerda, o hino da

Carta, tocado por uma garrida filarmónica, fez-se ouvir: era Miranda q. mostrava o regozijo natural.

«Contentas de pessoas aclamavam; vários interesses; eu desci e toda a gente conhecida aparecia a falar. Miranda do Corvo rejubilava!

«O comboio seguiu para a Lourã e eu, depois de passear, de ver, de fazer visitas e de quase jantar em casa do novo juíz onde com as irmãs jantava a Sarazinha do Corvo,⁽¹⁾ eu voltei de novo no comboio, á tarde, e cheguei a Coimbra ao anoitecer, contente com o passeio e satisfeito com a ideia de lá ir. Que tudo que aquilo estava tudo!»

Ors o ano lectivo, como acima disse, ia correndo até que em 28 de Fevereiro de 1897, com a reprovacão no acto de conclusões maguas do Lic.^o José Lupenio Dias Ferreira, releventou a celebre questão académica que tanto barulho fez e tantas preocupações deu ao João Branco então na presidencia do Ministério. Tenho ainda presente na memoria

⁽¹⁾ D. Sara Dimentel, da 2.^a do Corvo.

essa tarde do ultimo dia de Fevereiro; eu-
 versava com meus discipulos sentado num
 banco junto da araucaria central do Pátio uni-
 versitario — no tempo em que o Pátio tinha
 bancos e tinha arvores.

Sabia-se que o acto de conclusões qua-
 zas estava a correr tempestuoso e havia nu-
 meros da sua vontade docente contra o concor-
 rente; mas calculava-se que houvesse, como
 era habito, uma aprovação com elarificação
 baixa para indicar decentemente a recusa
 da faculdade. De modo que a reprovação pu-
 ra e simples foi um rasbitto...

Seuimos a vozearia levantada na Via
 Latina; havia grande aglomeração de rapazes
 e ao aproximar-me notei que, naquella grita-
 ria havia mais alguma coisa alem do simples
 protesto de momento. Estão ainda a ver al-
 guns rapazes voltando frases de indignação;
 estão a ver o Lic.^{do} José Lupenio quase logo
 de entrada levantado aos ombros dalguns ra-
 pazes mais fortes. E toda aquella multidão
 de academicos desceu a escadaria atraz do
 grupo central que levava o reprovado e en-
 fiou pela Porta Terrea, seguiu pela Rua Lar-
 ga fora e desceu para a Baixa, sempre

acompanhada e aumentada por numero-
sos rapazes atraídos pelo vozear.

Em casa do José Eusebio, na Arrega-
ça, houve discursos inflamados e alguns, em-
bora improvisados, eram cheios de justas cen-
suras e acertada critica.

Assim começou o grave conflito que
eu vivi com certo entusiasmo e do qual fiz
minucioso relato em volumoso Diário que se
segue a este volume.

E como se verá não encerrei matricu-
la, enfileirei-me no numero dos chamados
intransigentes.

Não sei se fiz bem. A tarde juntha-
me ao abrigo da auda revolucionaria e no
fim de tudo faria os meus actos com uma per-
na ás costas porque os actos verdadeiramente
não foram exames, foram autênticos «per-
dões de actos»; e embora tivesse dificuldade
nos annos seguintes em seguir os estudos, sem-
pre ficava com as cadeiras a meus pés que me
poderiam servir.

Mas... eu senti sinceramente a re-
volta dos rapazes; irmanei-me com eles
e também o meu temperamento me levou
na onda, sem plano, como sempre, á tona

dos sucessos. Eu estava, nesse movimento de protesto, perfeitamente em ambiente próprio; não sei se me passaria pelo espírito (não me lembrero já, francamente) a ideia de me libertar da situação que se me afigurava difícil, como estudante, por esta saída da intransigência; mas se isso me acalentou o receio, a verdade é que o tumulto de protesto, a atmosfera revolucionaria que se respirava, deveriam polir-se á pouco « elegante » e talvez pouco digna maneira do salutar que da má posição.

Quero crer que mais uma vez venceram em mim a tal especie de indolencia que me deixava andar ao sabor dos acontecimentos e tambem a sincera adhesão ao povo revolucionario — além da repugnancia (de q. me recardo bem) em curvar a cabeça perante as exigencias de João Franco e acanhar com todo o servilismo que os rapazes manifestaram quando se afastaram do primeiro impulso de protesto e até com os outros officiaes estudantes que se não portaram lealmente comigo, como se verá.

Enfim, o exame de consciencia e' difficil de fazer. Não me quero defender nem

acusar-me. O que sei é que vivi aquella quadra com a sincera convicção de que havia latente, em todo ~~o~~ o movimento, um impulso revolucionario a que não poderia ser indifferente. E lancei-me na batalha sem fazer pedido como se verá no volume q. se segue.

Estou a escrever estas linhas quando passa o cinquentenario desses successos; neste meio tempo passaram-se muitos outros e eu envelheci cinquenta annos. . . Hoje, verdadeiramente, não sei se fiz mal se fiz bem; todavia o que penso agora é que, ao menos, com todos os diabos! passei uns meses dentro duma roda de rapazes alegres, cheios de vida, de espirito revolucionario e espinha direita que me deu a illusão dos meus 18 annos, quando a farda estava ainda loupe e a fantasia tinha vãos de alcauce.

Sentia-me bem, parece que conservára-me ainda a ~~o~~ caudura dos 18, quando os outros rapazes desse tempo me chamavam o ingenuo «caudestavel» — cujo nome adoptei nas sociedades secretas. Ainda lembro com alguma saudade esse grupo de rapazes avarquizados, de cara enxada e voz altiva, que se deixam vencer honradamente.

Esse retorno aos livres tempos de rapaz sem preocupações foi excelente. Já que pesavam um pouco as restrições da vida regimental, com toda a sua monotonia e toda a sua insignificância.

Não esquecer, pois, matrícula. E quando se acabou a inactividade temporaria concedida, apresentei-me e fui colocado no Batalhão de Caçadores 3, em Valença do Minho — como noutro volume seguinte se contará.

Acabo, pois, aqui a ligação destas memórias com os diários já escritos em tempo próprio. Até aqui reconstitui, tanto quanto possível, a minha vida desde os tempos recuados de que é possível lembrar, com altos e baixos, é claro, devidos ao desejo de não demorar muito a efectuações do trabalho. Todavia impuz-me a tudo a veracidade e sinceridade ao meu alcance.

No entretanto, nestes capítulos que abraçaram o 7.º período da minha vida regimental em Coimbra, episódios houve que não seria má ideia lembrar e que não a seguirei, um pouco á solta, porque não caberiam exactamente (ou se os não pudessem incluir) no fio

da narração que atrás estabeleci. São pois
esses episódios, separadamente, o que, ver-
dade, verdade, lhes não tira o valor.

*

Nos meus primeiros tempos de alfo-
res, á tarde ou á noite, frequentava muito
uma tabacaria de nome Andrade, salvo erro,
na rua Ferreira Borges, em prédio que ardeu
aí por 1922, hoje pouco mais ou menos onde
está a Pastelaria Central ou a Casa das Galardi-
nes. Era caixeiro da tabacaria um rapaz sim-
patico de nome José Crespo que depois ficou
com o estabelecimento e veio a morrer no
incendio mais tarde.

Frequentava assiduamente a casa o
general reformado Francisco Augusto Mar-
tins de Carvalho que fôra em 1902 conpellido
á reforma pelo facto de ser franquista e o Pi-
nentel Pinto ter feito limpêra no exercito.
Era filho do velho jornalista Joaquim Mar-
tins de Carvalho, bom cavagrador, um pou-
co recordar, mas suprazado e centro dum
grupo de frequentadores que eu, umas vêz
por outra, abordava com o Bernardo Pedro de
quem já aqui falei e com quem, nesse tempo

se dava muito comigo — bom companheiro embora com ideias muito p.^a a direita.

Ora aconteceu que certa noite, a de 2 de Dezembro de 1805, a meio da conversa acirram-se tiros na rua, m.^{to} perto, quatro tiros repletos uns atrás dos outros. Surpresa, gente correu, uns fugindo outros acudindo, gritos para um lado, gritos para o outro, o que foi, o que não foi... Em pouco tempo a acida cresceu, havia enorme barbaquinho; um carro passou á defilada e sem eu ter tempo de saber de que se tratava, vejo passar por diante de mim uma acida de gente e no meio, de olhar calmo ao mesmo tempo que admirado de tudo aquilo, um cabelo, barba crescida e maltratada, um rapaz novo, agarrado pelo actual administrador do concelho, por um estudante e por um policia.

A acida passou rua abaixo, para os lados de Sausão e só então se veio a saber que o Dr. Sausa Refoios fôra atirado por umas balas lançadas pelo tal rapaz, á queima-senha, pelas costas. O Refoios cambaleou, caiu enquanto que um estudante atravessando a rua num salto, evitou que se desse o 5.^o tiro e prendeu de encontro á parede, violento

tarmente, o assassino. E o medico foi levado para casa, na Partagem, a escorrer sangue.

O meu capitão Domingos de Freitas que estava na talacaria á conversação, ficou exaltado e saiu logo; era amigo e correligionário do Refoios e foi palear noticias.

Depois, mais perseguidos os animos e averiguados por meneseres saube-se que o assassino andára em Coimbra, ha annos, e se formára em medicina, sempre com a preocupação de que o Dr. Sousa Refoios o perseguia. E como dêsse sinais de desarranjo mental foi internado no Hospital do Conde de Ferreira, no Porto.

Ora foi este rapaz que passado Gastão de tempo, saído do manicómio como mais ou menos curado, veio a Coimbra, cujo, andrajoso, com mau aspecto, para cumprir a sua vingança. E na verd.^a, naquela noite, encontrou o seu antigo professor a conversar na Calçada com o Dr. Luciano Pereira da Silva e desfechou-lhe os tiros á queima-coupo, pelas costas, que lhe atupiram o unico rim que tinha. Foi levado para casa em estado gravissimo; quantos medicos havia em Coimbra, todos correram á residencia. Plume

movimento enorme de carros; estudantes de medicina corriam ás farmácias e voltavam em carreira.) O Dr. Daniel de Matos, um velho amigo do doente e a quem bem conhecida, chorava como uma criança; a sua alta capacidade medica ficou reduzida a zero perante a triste realidade e pela commoção que o inimigo e o inutilizou.

Uma bala resvalára pelos pulmões e costelas e alojou-se no fígado, escanzalhando-o; o unico rim atropido tambem complicava ainda mais o problema. Ele, lucidamente, esclarecia os medicos q. o rodeavam e pedia para chamarem o Dr. Custodio Cabeça, o grande cirurgião de Lisboa que, de facto veio logo no comboio da noite e esteve em demorada conferencia.

Infelizmente, por mais esforços que a ciencia fez, o caso era irremediavel; a operação em que ainda se pensou tornou-se impossivel; o Dr. Cabeça voltou para Lisboa desenganado; e no dia 4 de dezembro, ao amanhecer, o Dr. Sousa Ribeiro succumbiu aos estragos produzidos pelas balas.

Em Coimbra houve consternação natural ao mesmo tempo que se comentava

com acrimonia o facto de se deixar acudir ás pobres creaturas como esta, saídas do mercúrio com tendências rixpaliuas.

Ara todo este episódio eu que quase fui testemunha⁽¹⁾, meu aqui contado para me referir ao seguinte: na noite desse dia 4 eu que o Dr. Refoios morreu, fui ao Carneio-geral comprar pelos; quando cheguei estava ao posto respectivo um padre que não conheci que apresentava um telegramma. Parece que tive um palpite e olhei para o telegramma; como tinha boa vista li nitidamente que era dirigido para o Collegio de S. Fiel, na Beira Baixa e dizia apenas estas palavras: Já morreu e assinava-o um nome qualquer que não tive tempo de ler.

Olhei então para o padre; era-me desconhecido, mas devia ser da Companhia de Jesus... «Já morreu!...» Era o aviso para S. Fiel de que morreria o adversario que

⁽¹⁾ Não se estranhe certo numero de porreções que aí ficam. A descripção é baseada em parte na memoria, em parte em apontam.^{to} que na occasião tomei. Não ha, pois, fantasia... E não referi, por esquecim.^{to}, que o Dr. Luciano P.^o da Silva, ao sair o primeiro tiro fuzil para daum tiro de uma loja, abandonando o companheiro.

escrevera o celebre Relatário acerca do surino ali ministrado, relatário que tanto Barutho fizera aos vinte e tantos annos antes e que tanto mal causara ao surino da Companhia. (1)

A satisfação com que o padre escreveria aquellas duas palavras e a alegria com que seria recebido o telegramma!

Eu fiquei-me a pensar como, na verdade, é tenebrosa aquella milicia do Senhor; e dias passados, quando se contou que o louco que dera os tiros fôra discipulo de S. Fiel, quiz comprehender como tudo aquillo é mysterioso e quase inacreditavel! Por que artes subtilis se teria chegado aquelle fim tragico?

Não sei dizer mais do que isto: o padre, desconhecido em Coimbra, tapava pelos fios a noticia: «já morreu!» Meu inimigo a quem nos caíra mysteriosamente pela mão culpadora dum louco...

*

Falei acima no general Francisco Augusto Martius de Carvalho frequentador da Tab

(1) O Collegio de S. Fiel no Laurical do Campo e o de N. S. da Conceição na Covilhã. Afrontamentos

caria Andrade. De facto, o velho militar era quase assíduo á noite, depois do jantar; morava então ao cimo da rampa da rua do Corpo de Deus, á esquerda, numa boa casa antiga onde, em tres salas grandes, tinha a preciosa livraria que herdára do pai.

Comecei a frequentar-me a casa pouco depois, do m.^o ainda da Escola Pratica de Mapa quando comecei a notar em mim o gosto pela Historia; conversava muito e como tinha excelente memoria, contava muitos episodios dos seus tempos e até episodios historicos em especial do periodo liberal.

Facultava-me os livros com agrado, nunca me recusou qualquer especie de sua livraria e até me deixava trazer para casa algumas se via que as notas levariam muito tempo a tirar.

Uma vez, contra a minha expectativa, cedeu-me um manuscrito relativo á Guerra Peninsular que eu desejava copiar na integra e que ficou em casa uns dois dias. Parece que isto foi caso, senão unico, pelo menos de es-

notas o jesuitismo no distrito de Castelo Branco.
(Coimbra, 1883).

tema raridade. E tinha razão. Queixava-se ele de que a livraria sofrera uns desfalques devidos á liberalid.^d do pai que emprestava facilmente especies raras que muitas vezes não voltavam. Esse procedimento « de muito boa gente », como ele dizia, tornava-o avaro.

Na sala de entrada em que tinha a secretaria e onde trabalhava, havia outra secretaria, em frente, para os consultantes que eram muitos. O periodo do liberalismo era o forte da livraria e ele tinha certo orgulho em dizer que tinhaem muitas pessoas de fôrça consultá-lo. E era verdade.

Recordo-me de ver lá um dia o dr. Anítonio Ferrás a quem fui apresentado. O Ferreira Lima veio tambem uma vez a Coimbra para a consulta. E muitos outros que ele citava e de que me não lembro — além de correspondencia aturada hoje guardada na Biblioteca da Univ.^{rsid}. de Coimbra na totalidade pelo menos em grande parte e na Biblioteca Municipal de Coimbra.

Quando pensei em fazer 2.^a edição do meu Dicionario Bibliografico Militar solicitei-me auxilio que eu dei abundantemente e constantemente. Muitas e muitas folhas de

papel cheias de notas bibliograficas the ia em-
 Kregar a casa; o general ficava sempre mui-
 to contente e agradecia parecia-me esse seu piu-
 ceridade. No volumoso processo manuseri-
 to hoje guardado no Arquivo Historico Mi-
 litar e, pode dizer-se, abandonado, devesse es-
 tar coladas muitas dessas minhas notas que
 eu regia na copia e juntava ás folhas por
 ele escritas.

Ha anos o genro dele, o juiz dr. Gil-
 bertão de Aragão pensou em publicar o meu
 manuscrito e a esse respeito teve conversas, re-
 gundo me disse, com o Santos Costa; mas
 como ganhava logo de entrada o desejo de que
 fosse eu o arparizador, prefaciador e anota-
 dor da obra — o projecto ficou em nada a
 que tambem não seria estranha a inercia do
 coronel Faria de Moraes já então director do
 Arquivo Hist.^o Militar. ⁽¹⁾

Quando, ai por 1912, pensei no meu
 trabalho acerca da accção da Cruz de Mauros,
 travada em 1828 entre liberais e miguelistas,

⁽¹⁾ Referi-me a esta diligencia do dr. Gil-
 bertão de Aragão no volume do meu Diario cor-
 respondente aos annos de 1948-1951. Guardei as cartas
 do dr. Aragão no lugar proprio.

foi naquela livraria acolhedora que encontrei
quase todo o material de informações. Espé-
cies raras, algumas talvez únicas, tive o pra-
zer de consultar para esse trabalho que foi a
minha estreia no tal genero que o general
Beixira Botelho havia de chamar « caso no-
vo e unico... »⁽¹⁾

Como já disse, Martins de Carvalho era
cavaqueador ameno e agradável, por viéses
caustico. Gostava de dar a sua ferroada de viés
seu quando, principalmente depois da ~~revolução~~
proclamação da Republica — regime com que
não simpatizava. Mas perdoava-se-lhe tudo
pela graça e certa delicadeza com que o fazia e
pela generosidade com que abria as suas es-
tantes aos estudiosos.

Os ultimos anos da vida passava-os
no seu escritorio, impossibilitado de sair por
causa do coração; os medicos proibiam-lhe
a subida da ladeira da rua do Corpo de Deus
e ele então vivia-se com o estar recitado
viéses a uma janela gradeada a ver quem
passava; e se acertava passar pessoa com

(1) Publicado na Revista Militar, vols. 55
a 70, anos de 1913-1918.

cida na sua, era certo uma serie de perguntas e conversa animada para entreter.

Eu gostava de lá ir a casa. Recebia-me sempre alegremente. E quando morreu, com os seus 80 annos, tive bastante pena dele e veio a fazer-me falta porque a livraria dispersou-se em leilão que foi muito concorrido e as colleções principais foram dispersas e ainda porque elle proprio era preciosa fonte de informações que nunca negava.

Dizia-me o professor de ginstica e meu velho amigo Augusto da Costa Martins, que Coimbra perdia uma das suas figuras caracteristicas. Tinha bastante razão.

Não herdara do pai o espirito patuleia. Era muito conservador e seguira sempre a politica de João Franco desde que este se afastara do Partido Regenerador; mas nessa posição politica mantivera o devido e correcto ajuntamento.

Tinha a impressão de que me estimava e daí a natural vontade de deixar no papel estas palavras que reputo justas e que, neste declinar da vida, se envolveram em uma e auariga saudade.

*

Não quero esquecer, também, o velho
compañheiro já falado no meu Diário na al-
tura em que narrei, há uns dois anos: o
Agafrito Pedroso Rodrigues.⁽¹⁾

Com ele se deram episódios de que ain-
da muitas vezes me recardo.

Era rapaz de merecimento. Mas, como
deixei dito, amimado e crescido em ambiente
de adoração, creceu o que hoje se chama o com-
plexo de superioridade que, aos poucos, fez
com que alguns outros rapazes se fossem
afastando.

Além disso, certas relações que contraiu
com rapazes ou literatos como o Arnibal Soa-
res ou de prosapia fidalga como o Vicente Pi-
nheiro de Melo, mais vaidoso o fizeram.

Gornigo, bem estava porque as minhas
relações com a família suêda era considerado
como a ela pertencendo, não deixavam que ele
se mostrasse superior; mas a verd.^{de} é que
com o tempo a nossa intimidade esfriou
muito e, se falávamos sempre afavelmente

⁽¹⁾

Vol.^o de 1954-1955, a pag.^o 272-279.

não havia a velha fraqueza e espontânea infirmitade com que nos tratávamos em rapazi-nhos.

Depois, em 1903, ainda era estudante, concorreu com uma peça em verso a que deu o nome de Auto Pastoral a um concurso aberto pelo jornal O Dia, de Lisboa. Era uma peçazinha em verso de sete sílabas com saber autêntico, género bucólico e de entrecho simples; e o certo é que mereceu ser classificada em prim.^o lugar. O prémio, além dum desenho a péfia de Columbano Bord.^o Pinheiro, foi ser representada no teatro D. Amelia pelos prin-cipais actores: o Eduardo Brásão, o Augusto Rosa, a Damasceno e o Henrique Alves em récita especial e solene e ainda ser impressa em volume por conta daquele jornal.

Na verd.^e o caso foi justamente talado e deu motivo ao natural envaidecimento da família. Principalmente a prima, D. Bea-triz Pedrosa que com eles vivia e era, por as-sim dizer, quem governava a casa, não ocul-tava o seu orgulho.

Dra entre os companheiros com quem mais lidava o Agapito e lhe insuflavam vaidade, contavam-se o Vicente Pinheiro de

Melo e o Dr. Simi Bernardes de Miranda; frequentavam a casa, comiam excelentes jantares (a D. Beatriz era cozinheira primorosa) e fumavam também bons charutos que a munificência paterna lhe prodigalizava.

Como eu não fazia caso com estes louros não sei se seria tomado á conta de invejoso; ouvi algumas raras referências aquelles dois rapazes: a quem a D. Beatriz chamava com certo ar impoente «os verdadeiros amigos.» E tão verdadeiros eram que, na altura da recita sobre eu que o Auto foi representado, a familia seguiu toda para Lisboa, hospedou-se no Hotel de Ryplattera, esquina dos Restauradores para a rua do Principe⁽¹⁾, hotel caro ao tempo, e levou consigo os dois «verdadeiros amigos» que foram de graça á capital e se sentiram bem com a hospedagem também gratuita — pois o bom Valentin José Rodrigues apesar de cauteloso com os seus arcanos, na conjuntura não olhou a despezas.

Na noite da recita, a 19 de Novembro

(1) Recentemente demolido para dar lugar a um prédio moderno da Câmara Municipal.

os dois rapazes lá estavam no camarote da família, como «verdadeiros amigos» a gozarem o triunfo do campañeiro. O Vicente Pinheiro de Melo se me não espara, apesar de ter a sua casa na rua de S. Domingos á Lapa (palvo erro) parece que ficou no hotel Saluer por insistencia do Agafrito que assim se vangloriava da amizade do filho do conde de Arucos, secretario particular do Rei. Tudo jóde ser neste mundo.

No regresso, quando fui á casa do Largo das Aruceias felicitar toda a familia, a primeira coisa que me tanto eu quanto reservado voltou a repetir que os dois campañeiros assíduos eram «os verdadeiros amigos» como se eu que não abusei da bondade dos pais do Agafrito e não era capaz de ir de graça ver a festa ou de comer, beber e dormir de borta no hotel de Hyplaterra, fosse considerado como indiferente ou invejoso. É claro que fui não perceber e deixei passar em julgado o desabafo.

Mais tarde, tres annos depois, levou á cêna em D. Maria outra peça dramatica em verso, Bôdas de Lia que foi representada por bons actores: Adelinea Alraunches, Fer-

reira da Silva, Augusto Melo e outros. Isto deu-lhe conhecimentos com alguns actores e actrizes de que ele tirava certa vaidade; e cada vez se afastava mais da velha familiaridade comigo.

E para ver como ele era explorado pelos « verdadeiros amigos » vou contar dois casos q. agora me ocorrem e que são autênticos — como aliás tudo o que aqui conto.

Uma tarde, indo eu á Baixa, em algumas horas de férias se me não supavo da Páscoa, encontrei á porta do Café Lusitano o Aggito e o Vicente Pinheiro de Melo. Este ia para Lisboa, nessa noite, passar as férias e dizia com toda a naturalidade para o outro:

— Eudás tu não mandas uma lembrança para a Angela? Olha que ela aprecia-te muito e é sensível a essas coisas...

A Angela referida era a grande actriz Angela Pinto. O Pedroso Rodrigues, puxando uma fumaca do charuto (porque só fumava charutos e bons) sentiu-se lisoupeado de-mais a mais na presença dum pobre diabo como eu. Para mostrar, parecer, que a vaidade o não tocava respondeu com ar que forcava por ser natural:

— Ora... A Augela... eu porta-me lá contigo!

— Estás enpanado. Pergunta sempre por ti e considera-te muito.

E o marôto, ao dizer isto, olhou de soslaio para mim. O Agafrito, então, decidiu-se e lá fomos todos tres a uma confeitaria que havia (e ainda ha) dummas senhoras que tinham a alcunha de cujiadinhas, ao cimo da Praça do Comercio já no recanto quase em frente duns passos da igreja de S. Bartolomeu.

Aí começaram a escolher doces de ovos (que eram excelentes), arrufadas e mais não sei o quê com que encheram uma elegante cestinha e deveria ter custado um dinheirão. O Agafrito, reutilizado pelo incómodo que o Vicente ia ter com a condução do presente, desfazia-se em agradecimentos e queria encher outra cesta para a familia ctuosa. O Vicente, porém, não quiz, disse que a Augela ia ficar radiante e batendo no ombro do Agafrito dizia-lhe com ar agrotado:

— Felizão!... felizão!...

O Pedroso não cabia na pele, embora fizesse indiferença.

Ora como eu reparasse no ar agarrado e nas repetidas olhadelas que o Vicente me deitava, a certa altura em que o Agafrito se afastou, perguntei-lhe:

— Diga lá, Dinheiro de Melo: a Angela interessa-se assim tanto pelo nosso Pedrosso a ponto de merecer essa barrigada de doces?

O Vicente sorriu-se e respondeu a minha-voz:

— Ela mal o conhece... Estes doces, leve-os eu, realmente, mas como coisa minha... A Angela pela-se por estes doces e eu agora estou á dependura e não os podia comprar...

Eu sorri-me para corresponder á confiança; mas fiquei-me a pensar no que são «os verdadeiros amigos.» E é claro nunca contei isto a quem quer que fosse até ha pouco enquanto o Pedrosso Rodrigues foi vivo. Agora, aí fica para memoria.

«Os verdadeiros amigos...»

O Pedrosso era inteligente; mas a vaidade e as lisoujas que os magalhães lhe insinuavam faziam-no cair nestas e nestas arrisocas picarescas.

O outro caso que me propuz contar foi passado tambem por essa altura em que o Arnial Soares se dáva muito com ele.

Este Arnial Soares tinha então certa aurea porque publicára ha pouco (em 1903) um romance Amoroso das Mercês que teve bastante éxito e levou o prefaciador Carlos Matheio Dias a dar o autor como successor de Eça de Queiroz. Era um rapaz magro, um tudo nada bilioso, mas com o olhar muito vivo e conversação interessante. Era poltre e dizia-se que andava em Coimbra devido á protecção pecuniaria dum padrinho, capitalista ou lavrador rico de Almeida ou de Pinhel, não me lembro.

Antes de continuar devo dizer que em uma pastelaria «Teles» na rua de Ferreira Borges, quase ao chegar á Parapeim, havia uma maquina á porta, nessa altura um tanto ou quanto novidade que fornecia taboas de chocolate deitando-se em cima por um pequeno orificio, uma moeda de dez reis ou de vinte.

Uma vez tarde, depois do jantar, (nesses tempos os jantares eram cedo) indo eu até á Baixa, encontrei o Pedroso com o Arni-

lial Soares á porta do Café Lusitano (onde hoje está, salvo erro, o Café Nicola) e ainda outros rapaz de quem já me não recordo. Bem-versáramos quando passou, vindo dos lados do Arco de Alameda onde residia para a rua do Visconde da Luz, o negociante Miguel Braga, com ar feliz, rosto avermelhado de quem jantára bem e com um charuto poléme na boca.

Este Miguel Braga por alcunha o Pó-jó, era paramenteiro e homem considerado na praça; tinha alguma influencia politica e creio que era pessoa mas creatura sem instrução. A sua passagem em frente do Lusitano deu nas vistas ao Amiral Soares que ficou a olhar para ele enquanto ia fazendo um magro cigarro; e quando o homem desapareceu voltou-se para o Agapito que estava sentado em um banco á porta (porque, pelo aleijão na perna tinha difficuldade em se manter muito tempo de pé) e disse-lhe tristemente:

— Ora vê lá tu... O Miguel Braga vai ali bem jantado e a fumar um bom charuto... E afinal o que é ele? Um pobre diabo estúpido e ignorante, sem qualquer valor na Sociedade...

E continuando a enrolar o cigarro:
 — É a triste verdade é esta: aqui estou eu que tenho algum merecimento, a quem a crítica ainda há pouco aplaudiu e... o que é que nós? Estamos aqui a enrolar um miserável pavante...

E com ar de revolta resignada:
 — O mundo está muito mal organizado!...

O Pedroso, com solenidade, meteu a mão ao bolso traseiro das calças, puxou dum boa charuteira, abriu-a e sem dizer palavra e em atitude que parecia de protecção, apresentou-a ao polve sucessor de Boca de Luciros... Este, guardou cuidadosamente o cigarro, tirou um charuto da charuteira, acendeu-o, puxou deliciado umas fumaceas e a fisionomia mudou-se-lhe de tristera para evidente satisfação.

Ainda estão a ver a cena muda, pois realmente, durante um bocadinho, não se falou. O Anibal Soares entregou ao gozo de saborear o charuto; o Pedroso solene, com ar superior; e eu a apreciar o episodio, fingindo que não percebi a marosca. E daí a pouco o Anibal Soares, ao ver o Pedroso distraí-

do ou a falar com alguém, disse-me com um raso sorriso malicioso e a meia voz:

— Como viu, este Agafito é admirável... Lembra aquela megalina do Teles: dei-lhe um cirna com uma lagrima e saiu por baixo um charuto...

Eu ri-me complacentemente e pensei que este Arnibal Soares, sucessor falido do Boca de Queiroz, também devia pertencer ao grupo dos tais « verdadeiros amigos.»

Ora não resisto à tentação de aqui deixar cópia de uma carta que escrevi a m.^a mother em 13 de Outubro de 1905, contando um episódio curioso relativo ao Pedrosso Rodrigues. Aqui fica sem tirar nem pôr:

«... Fui até-então à Figueira da Foz. Foi uma quase aventura. E por causa de quê?... É fácil calcular: por causa de uma interessante menina, dezanove anos, olhos garços, cabelo negro, insinuante, distinta...

«Oh!... Felizmente não fui eu quem a foi ver. Não! isso seria incrível. Quem a foi ver foi um rapaz meu amigo, o Pedro-

po Rodrigues, velho amigo na florescente idade de 22 para 23 anos.

« Durante o mês de Setembro parece q. se apaixonou na Figueira por uma linda lisboeta; ele é poeta e já bastante louvado como tal — e não há nada para as mulheres como fazer versos... Naturalmente cantou-a em poemas, em vilancetes quinhentistas, em frases talvez heroicas e ela... deixava correr os seus lindos olhos garços atrás dele com a vaidade própria de quem se sente alvo dos cantos duma afinada lira. E não há creatura mais vaidosa do que a Mulher...

« Ela ia-se embora na 4.ª feira e ele queria ir dizer-lhe adeus; mas... como ir á Figueira sem em casa saberem, especialmente sem o Arcebispo da prima Beatriz dar por isso?

« Recorreu á minha humilde pessoa: que o convidasse eu para ceiar e eu iria também á Figueira... dito e feito. Mandeí uma carta ao pai Valerim convidando o filho para ceiar — já que não vinha juntado comigo no dia dos meus anos... E á hora do comboio frio lá estávamos na estação.

« Mas de repente surge meu pai que ia para o duto; levantou-se nova dificuldade

para explicar a nossa estada ali; e o Pedroso dizia - me ao ouvido:

« — Que Tragédia! que Tragedia!...

« Mas tudo se arranjou e o refrido lá se quiu, velozmente, contando o delicioso passeio duma noite de luar. O tempo era pouco: chegáramos ás 7 h. e meia e o comboio para volta partia ás 10: Teríamos de fazer como ingleses, poupar o tempo como o dinheiro. O Pedroso, porém, para poupar tempo desperdiçava dinheiro.

« Partimos ao galope duma tipóia pela Figueira dentro até ao Bairro Novo, logo que o comboio nos deixou pôr pé em terra; o carro voava pelas ruas calçadas; e ao chegar a certa altura salttei para a rua e deixei-o só. Que fosse em paz, eu lá estaria na estação á partida para Coimbra, ás 10 horas.

« Fui aos casinos, aos cafés, escrevi postais ilustrados a uma mãe d'um deles, sendo ao lado uma tiuda provinciana, da camada de Outubro, toda apertada num vestido naturalmente feito em casa. Depois passei pelas ruas movimentadas, observando, olhando sem curiosidade de maior. E quando seriam nove horas e meia comecei a descer, vagaro

zadamente para a estação, encaminhando os passos pela rua onde deviam estar os dois apaixonados.

« E lá estavam. Ele, encostado á parede, serenamente, com o monoculo assentado, o ~~bonnet~~ bonnet da moda sobre a nuca, mesma attitude litteraria; e ella, na janela dum rez-do-chão alto, toda galante, com a cabeça encostada á mão, curiosamente delereçada.

« Eu, ao passar, quiz vê-la. Olhei de postais, mas não vi uma jedra no passeio e dei uma topada! Murmurei para com os meus botões: que tragédia, que tragedia!

« A noite estava uma beleza; o mar sereno, sem quase uma ondulação; a lua fazia brilhar as aguas numa longa faixa prateada. E eu passei serenamente, olhando o mar, a terra, a Serra ao longe como um negro e o farol do Cabo Mondego, de luzinha trémula, ao longe, por entre lipirissimas névoas. Estava uma beleza de noite.

« Desci. A doca, cheia de navios pequenos, de barcos, de caiques, estava toda também; e ao sul estendia-se a insua enorme que liga com os campos planos e arenais da grande zona oeste de Portugal que vai do Ca

lo Mondego ás ribas movimentadas dos arredores da Nazaré. Passávam carros; um americano destilou. Os candieiros trémulos, em longas filas paralelas, derdiziam, encanando-se ao tempo, a conhecida regra geométrica. O guarda noturno passava e á esquerda, na grande rua 10 de Agosto havia ensaio duma filarmónica. E misto cheguei á estação.

«Faltava um quarto de hora; comprei bilhete e fui ver o comboio. O Pedroso ainda não chegara. Passei na plataforma, á espera, olhando o relógio inflexível da estação. Dose minutos... dez... oito... cinco, quatro... e ele sem chegar! Perde o comboio, o quarto, e como hade ele ir para Coimbra?

«Esqueceu-se, virá a correr por aí fóra, terá havido alguma questão, alguma desordem? Isto de namorados!...

«Nisto, ao tempo, na rua do Príncipe que fica mesmo em frente do cais da estação, vi duas luzinhas pequenas; em pouco cresceram, cresceram... senti o rodar dum carro... devia ser ele! Olho para o relógio: dois minutos!

«Corri lá fóra, ao tempo; ao chegar á porta aparece á curva, desenfreado, um carro; o cocheiro vinha em cabelo, festivava os

caualos, fê-los dar a volta rápida e, com mãos de mestre parou o carro quase repentinamente. Aliviou-se a portinhola e ao ver pair velozmente o meu companheiro, não reprimi, com o classico gesto oratório de arguer a mão direita, a exclamação:

« — Que tragedia! que tragedia!... »

« Entrámos á pressa; mal ele conseguiu o lithete e as tres badaladas soáram, argentinamente, na pineta da estação. O Pedroso, ofegante ainda, sentou-se pesadamente nas almofadas do meio da carruagem; pôz uma mão em cada encosto e diz-me com certo ar de ~~triumfo~~ triunfo:

« — Oh que tragedia! que tragedia... »

« Muito entretido, não dára pelas horas nem quando numa loja em frente soáram as dez! Despediu-se, correu á cocheira onde mandára estar o carro pronto, mas... nada! Bateu, chamou e... nada! Desesperado, entrou e viu uns homens a dormir; acordou-os, tinham-se esquecido!

« Começáram, apressadamente a engatar o gado; tostão para um lado, tostão para o outro, lá se afrontou tudo meus segundos. E aí vai o carro á desfilada pelas ruas, em

carreira vertiginosa; a certa altura, num ar-
rauco dos cavalos, o chapéu do cocheiro caiu;
mas o Pedroso, de dentro, só via pelo postigo da
frente as alas do caraco do homem, voando, ~~voando~~
voando, como asas dum grande ave.

«Chegára a tempo, felizmente. Por isso
me dizia, puxando uma fumaça dum excelente
tabaco:

«— Sua tragedia, Belisario!... Sua tra-
gedia!

«E o comboio seguia. Eu, deitado dum
lado, comodamente, fumando também um ta-
baco que o Pedroso me oferecera generosamen-
te; ele, do outro lado, recostado no lugar cen-
tral, começámos então com uma conversa
pegada que principiaudo por confidencias a
respeito da sua Alice (chama-se Alice, a bel-
dade) terminou por restauração palestra li-
teraria.

«Até onze horas e meia chegámos a Cim-
bra. Precisáramos não faltar ao fim para que
o couvidei; e, pacatamente, como bons compa-
rheiros, fomos ceiar no quarto dum restaurant
á luz estufante dum bico d'auer. Trocáramos
impressões de literatura; discutiu-se o valor
de Gabriel d'Annunzio como dramaturgo e de

Vitar Hugo como poeta; cantaram-se polé-
micas de Camilo Cast. Branco; cezuráram-
se os roubos literarios do Eupenio de Castro e o
encontro de ofrimões de Oliveira Martins e Ale-
xandre Herculano.

«Nesta tarefa innocente levámos, ressega-
damente, até ás duas horas; na rua havia mui-
to ruído que levantava meus de joeira; eu
senti para minha casa e ao deitar-me, com
vontade de descaço, e ao apagar a luz, ain-
da murmurei, meio porolento, meio caça-
do, o estribilho da noite:

« — Sua tragedia, que tragedia ... »

O episodio não tem valor. Não deixa,
parece, de ter certa graça. E além disso não fica
mal nesta compilação de memórias. A chama-
da « pequena Plistoria » não perde com isso.

*

E já que, acima, falei do Arnal Soares,
sempre quero deixar aqui outro episodio
que dá bem a medida deste rapaz que tinha ta-
lento mas não tinha caracter.

Como era pobre vivia em Coimbra, se-
gundo se dizia, á custa dum padrinho rico;

mas nas alturas do 4.º ano, salvo erro, esse pa-
drinho morreu e as mesádas acabaram. O Aní-
bal dizia-se então e fazia-se passar como re-
publicano, acamaraava com os revolucioná-
rios muito á vontade e isso levou certos ami-
gos que não sei quem foram, a apresentar ao
Dr. Bernardino Machado a hipótese de o rapaz
ter de abandonar os estudos por falta de meios.

O Dr. Bernardino Machado era creatura
bondosa e sensível a estas aflicções e abriu ge-
nerosamente a bolsa para auxiliar o Aníbal
até á formatura; e tenho ideia de ouvir dizer
que esse auxilio foi grande apenas garantido
por declaração do devedor.

Orá o Soares, depois de formado, largou
para Lisboa e meteu-se no jornalismo; e ape-
sar da diferença de idades, a grande Adelinea
Alvares embeicou-se por ele e não esteve
com cerimoniaes, passou a ser sua amante
de casa e pucarinho.⁽¹⁾

Não sei dizer como se fez a evolução
nas ideias se evolução houve; só sei que o

⁽¹⁾ Depois de escrito este capítulo, encontrei
na Revista Nova, n.º 1337, a pag. 127, um artigo do Ca-
mará Reis acerca do Sr. João Birmões, em que este epis-
ódio da vida do Aníbal é contado com graça.

Amibal se passou para o franguiismo, de começo acobertadamente, mas depois ás claras. Nesses primeiros tempos o Diario Ilustrado começou a deliciar com o Dr. Bernardino Machado, com certas baldas, red'cularizando, etc. O illustre professor, ainda então em Coimbra, não gostava; contava - me meu cunhado Costa Ferreira que os quellôs e ecos do jornal que era então o órgão franguiista, o incomodavam e o intripávam por não saber de onde partiam.

Encarregou alguém em Lisboa de saber quem era o autor e veio a descobrir - se q. o autor era, meu mais meu neto, o Amibal Soares que se safára para Lisboa, se bandeára com os adversarios e, ainda por cima, não dára qualquer atenção ~~com~~ a respeito da divida (que deveria ser paga) — divida que, diga-se desde já, nunca foi paga.

Meu cunhado disse - me que o Dr. Bernardino Machado sentiu - se com a ingrati-
dão e com a vilania.

Um dia, passado algum tempo, vinha ele com meu cunhado para casa, o juadio que está ao cirno da rua de Alexandre Gusmão, do lado esquerdo de quem sobe e ao fundo da rua

de Tomar á direita de quem desce, puzendo que
 seu frontê para o Arco de S. Sebastião. Quase
 ao chegar ao portão, surgiu do lado da rua de
 Tomar o Amibal Soares que, ao deparar com o
 Doutor, não occultou o embarço; todavia diri-
 giu-se com ar correcto, de certa humildade, pe-
 diudo desculpa de ainda não ter dito qualquer
 coisa a respeito das suas obrigações, etc. etc.

O Dr. Bernardino não lhe estendeu a
 mão; abriu peremptoriamente e depois respondeu
 com o ar amavel que sempre tinha:

— Então, Amibal Soares... Que se ha-
 de fazer?... Custa muito a ganhar a vida hon-
 radamente, não é verdade?

E, encaminhando-se para o portão da
 residencia com seu cunhado, continuou com
 a voz suave nesta altura cheia de veneno:

— Adeus, Amibal Soares: realmente
 custa muito a ganhar a vida honradamente...

O Soares, disse seu cunhado, está-
 va livido; ficou parado, a ouvir; e o Dr. Ber-
 nardino, depois de entrar o portão e ao vê-lo
 ainda no mesmo sitio, disse-lhe movam. te
 com o mais affectuoso sorriso:

— Então, Amibal Soares... A vida custa
 muito a ganhar honradamente...

Entraram em casa. O Dr. Bernardi-
no continuou com a conversa que trazia da
rua e não falou no incidente; mas o Costa
Ferreira notou - the certo nervosismo que ju-
gurava encobrir.

O Costa Ferreira, meia hora depois da
cêna, contou - me em m.^a casa e eu não a
esqueci. É aqui fica para proveito e exemplo
futuros...

Dois ou tres dias depois, o Diario Ilus-
trado, nos sueltos políticos, A redobrou nas
Xocas e achincalhamento do Dr. Bernardino
Machado. Era a desforra...

Na verdade, a vida custa muito a ga-
nhar honradamente.

*

Não devo esquecer tambem, para ter
ruinar este capitulo, que no periodo que vai
de 1904 a 1906 fiz uma parafrase, para não
chamar parodia, á celebre e celebrada beia
dos Cardeais do não menos celebre e celebra-
do Jules Dantas.

Tenho ideia de que pensei no caso
ainda em Mafra, no tempo de aspirante, ao
tempo em que a beia, desde Março de 1902 da

na successivas representações e axo a varias parodias ou imitações. Porém, só em Coimbra, mais tarde, comecei com a tarefa que me deu muito trabalho e, em certos passos, tornou-se um verdadeiro quebra-cabeças.

Consta a parafraze duma ceia de três generais, cerca de 1826 em que cada qual contava o feito guerreiro em que ganhara a Torre e Espada que deviam ostentar ao peito. Os generais eram: um de Cavalaria correspondente ao cardeal espanhol; outro de Engenharia, correspondente ao francês; e o ultimo da Infantaria que corresponderia ao cardeal português.

O verso era quase calcado sobre o da peça do Dantas e finalmente em 29 de Setembro de 1806 dei por concluida a tarefa que ficou guardada e copiada no volume manuscrito onde reuni toda a versalhada de que tenho aqui mais ou menos falado.

De não sei quando, a um ou outro amigo a quem contava o atestado, eu lia a obra mas o manuscrito voltava para a gaveta modestamente.

Até que um dia... quando se procurava arranjar fundos para pagar o Lampadário que a 5.^a Divisão ofereceu para o túmulo

do Soldado Desconhecido, já me não recardo quem foi que lembrou a representação da Leira dos Generais num espectáculo que se me parava. Eu fiz, naturalmente, objecções e mostrei as dificuldades da sua representação; além disso, a fala final do general de Infantaria estava feita com ironia, para não dizer Troça a certos heróis.

O médico Alfredo de Matos Chaves, ensaiador "sucartado" de quase todas as recitas de amadores, veio ver a obra; ~~eu~~ lida, disse-me que gostara e que se eu modificasse o final em sentido sério, ficava coisa aceita e faria efeito.

Cocei, então, a cabeça... A modificação exigia novos versos e, paucamente, fazer versos a sério...

Mas insistiram e eu então arranjei variante «patrioteira» com certa exaltação de Infantaria...

Foi isto em Janeiro de 1921, era eu então 2.º comandante do Grupo de Metralhadoras n.º 2, onde estava capitão de uma das baterias o Augusto Casimiro. Este não gostou da escolha porque queria que se levasse uma peça do cunhado Jaime Cortesão; fez até certa

oposição e leu-me - me bem de que, queran-
do eu mostrar-lhe a modificação feita na cê-
na final, ele esquivou-se como poeta « de ver-
dade », mas com pouco grosseiraria^{te}, a ouvir
versalhada dum poltre diabo que mal escrevia
prosa. Eu achei graça e não me ofendi...

O certo é que a peça lá foi representada
por oficiais novos, bem dispostos e que embora
amadores se mantiveram á altura. Eu fiz
a condição de se não dizer o nome do autor e
nos programas aparecer como tal um certo
« Ex.^{mo} Sr. Silva Correia » — o que se fez e
se respeitou.

Foi levada á cêna na noite de 20 de Ju-
nho de 1921 com certo aparato e mecos real re-
presentada pelos seguintes oficiais creio que
ainda alferes: José da Cruz Ribeiro (no pa-
pel do general Gonzaga), Henrique Baptista (no
do gen.^{al} Vilas-Bôas, do Euzenharis) e Arnal-
do Vitor Marques (no de Braz Manuel, do Ca-
valaria); os impedidos que eram tres foram
os oficiais Fernando de Oliveira Leite, Antô-
nio Barbosa (depois notavel professor liceal
e continuador da obra do dr. Luciano Pereira
da Silva) e José Fernandes ~~Marcelo~~ Moreira q.
foi meu carpente noutros tempos. O ponto

era o alferes António Trindade, rapaz inteligente, rara capacidade para as matemáticas, morto muito novo devido ao excesso de alcoolismo e tabaco.

Os jornais foram discretos, isto é, nem gostaram nem deixaram de gostar; pouco foram além da notícia simples. Na noite da recita o general da divisão que era o Braz Maurinho de Albuquerque foi ao camarote onde eu estava com a família cumprimentar-me o que significava um acto de delicadeza mas ao mesmo tempo que entrara no segredo do nome do autor da beia...

É sempre quero contar um caso que não deixa de merecer menção. O deputado Casimiro, como disse, fez certa oposição á beia; contavam-me os actores que uma vez ou outra fazia certos comentários desfavoráveis; mas o melhor foi que no dia da representação, ao subir o palco para a minha peça, ele, sentado numa cadeira das primeiras filas, abriu aparatosamente um jornal e quero crer que não lesse, mas somente para dar a impressão de que lhe era indiferente o que se passava no palco. Esta acção foi notada por muita gente e eu, do camarote, vi

Tudo muito bem. Até ao fim, conservou o jornal que era de grande formato, na sua frente, ao alto, incomodando até possivelmente os vizinhos do lado de Trás.

Achei certa graça e não lhe fiquei a querer mal por isso; apenas disse para comigo q. a acção não foi correcta, teve até bastante "de-elegancia", e mostrou como a mesquinhez também ataca os poetas...

Depois, no ano de 1925, ao organizar-se novo espectáculo militar para adquirir fundos para o monumento aos mortos da Grande Guerra, voltaram a pedir-me a Coia e lá foi levada na noite de 10 de Junho com cenário muito melhorado e de mais efeito.

Os actores foram os tenentes Henrique Baptista e José da Cruz Ribeiro que entraram na primeira representação e o tenente Florêncio de Assis Gonçalves no papel do general Braz Manuel, o do Cavalaria, porque o Vitor Marques se recusára por qualquer motivo sem valor. As ordenanças ou impedidos foram os tenentes Barbosa e Oliveira Leite que também entraram na representação anterior e um novo, o Fausto Fernandes Dias que satisfez correctamente.

O ponto voltou a ser o mesmo António
Trindade e o ensaiador, e' claro, o entusiasta
Dr. Matos Chaves — meu zodia deixar de ser.

Os rapazes fizeram todo o possível pa-
ra darem certo nível á representação e, de no-
vo, o Matos Chaves se esmerou. E aqui está
como eu conseguí êxito como autor dramati-
co desconhecido e, de mais a mais, com peças
em verso...

Coisas da vida.

Depois, uns bons anos passados, quan-
do estava em Penafiel lá veio á calha, nova-
mente, a Coisa.

Havia na terra um grupo cômico Martê
formado por carpentões do regimento, que dava
recitas uma vez por outra para fins beneficen-
tes. No ano de 1933 quiz dar um espectáculo
em beneficio do Copre de Pensões ás Viúvas e Or-
fãos da Guerra e alguém que sabia da minha
peça lembrou-se de a fazer representar.

E assim foi novamente á cena no tea-
tro de Penafiel em 9 de Abril, representada
muito regularmente por tres carpentões, com
cenario feito expressamente por um artís-
ta espanhol um tanto ou quanto boémio que
lá vivia não sei por que motivo.

Chamava-se ele German Iglesias, era de origem galega, segundo se dizia e tinha realmente certo valor.

Reflexiu-se o espectáculo em 11 e 27 do mesmo mês e, o que é mais curioso, a Geia foi ainda levada, em 30 do mesmo mês, ao Teatro Fausca Moreira da vizinha vila de Felgueiras, espectáculo a que não assisti.

O espectáculo era preenchido por uma opereta em 3 actos, O Filho do Republica, género dramático. Refiro-me a isto tudo no volume do Diário correspondente aos anos de 1933-1937 e guardo os programas na devida colecção de documentos.

Cimbra:

21 de Maio a 19 de Junho

de 1957.

VII

« Uma das minhas rapaziadas
foi ser pedreiro livre. »

Alex. Glenculano: Cartas, ed. de
1911, vol. I, pag. 10.

« Nec mihi vera legi puder
est... »

Vilulli Elegiae, Liv. III, eleg. II, v. 7.

Este capítulo vai ter certa dificuldade
em ser preenchido com parmenares e veracida-
de. Desde a minha iniciação na Loja Acade-
mia Livre que atroz ficou marcada com certo
bom humor, não tomei grandes notas e agora,
passadas mais de cinco décadas, a memória
começa a recusar-se.

Guardei em seu outro apontamento e
alguma documentação e, até, grande numero
de documentos foram copiados em dois volu-
mes de bom papel de linho para acompanhar

um outro de texto que só ficou no princípio como se viu; ⁽¹⁾ mas esse trabalho todo parou cêdo mercê dos varios sucessos da vida e agora, depois de tanto tempo decorrido, já não poderei talvez levar a tarefa de fio a pravo.

Vamos, todavia, a ver se sou capaz de reconstituir o quadro da minha actividade como Pedreiro Livre, quadro que teve varias peripécias curiosas e que demonstra a fragilidade, naquele tempo, da organização municipal e a pouca sinceridade com que grande parte dos homens nela ingressaram.

Como disse atrás, encontrei-me, em 11 de Novembro de 1899, no meio de rapazes e operarios conhecidos e alguns amigos com os quais me senti á vontade.

De começo, nas primeiras sessões, ia observando, notando todo aquelle ceremonial que embora com um outro ridiculo, mas metódico e rigoroso, não desagradava ao meu feitiço ordenado. O Manuel Videira, veneravel, levava o seu papel a sério com disciplina e cordura; o bacharel Manuel Augusto Martins que era o Juiz

(1) No cap. V, pag. 250 e seq.^{tes} do vol.º I.

Orador, maubinha, que na Loja quer na republica, certa supremacia que era acabada por todos. Assim eu, modesto aprendiz, fui vendo e ouvindo estes dois proceres e colheu do elemento para formar juizo acerca do ambiente e do valor da instituição. E recordo-me de que não me foi desagradavel, de começo, o conjunto alem de que era tudo para mim novidade de mistura com certo exotismo.

É claro que, nos primeiros tempos, o meu papel era o mais possível reduzido; durante as sessões sentava-me no banco de trás, da coluna dos aprendizes e ali ficava a ver o que se passava e a ouvir o que se dizia. Fui assim absorvendo a "atmosfera" maçônica; e o ano lectivo de 1899 a 1900 foi passando suavemente, de mistura com as preoccupações de estudante cáculo a que atrás já me referi.

Passado o tempo regulamentar passei a mestre ou seja ao grau 3.º da Ordem; com este grau dado não sei já quando, havia mais umas regalias de que me não lembro mas seriam a base para nova ascensão que, com franqueza, comeccei a desejar. (Varitas, va

mitatum!...) O esmagamento das sessões precedia-me muito as atenções e os trabalhos dávam-me a impressão de que alguma coisa de útil se conseguiria no sentido geral da oposição aos desígnios ultramontanos que andavam bem á vista mesmo á daqueles que não ligavam grande importância ao assunto.

Fui-me pois habituando, aprendendo e aprendendo; e a verd.^{de} é que, até eu deixar Coimbra para entrar na Escola do Exército, tudo correu normalmente, sem quaisquer atritos ou desinteligenças que podessem levar a questões.

Quando pai de Coimbra tinha simplesmente o grão 3.^o ou de Mestre; e com esse grão um dia apresentei-me no Grande Oriente a qualquer pessoa a que podia assistir. Deveria ser a sessão de 1 de Fevereiro de 901 da Grande Loja Simbólica, confarame-me uma carta que o Ven. Manuel Videira me escreveu e eu guardei. (1) Costumava receber aviso dessas sessões que eram muitas e deixei essas avises copiados por simples

(1) No vol. I das cópias da documentação a 4.^a atrás aludi; doc.º n.º 3

curiosidade nos volumes citados como se fosseu esiza de valor. ⁽¹⁾

Ora dava-se o caso de eu não ter em Lisboa trajo civil e o Grão-mestre por então o Luis Augusto Ferreira de Castro, official de Engenharia e professor na Escola do Exército, que eu não conhecia; e a m.^a presença na pessoa e fardado de 1.^o sargento cadete, parece q. não agradou muito eu causeu estranheza pela novidade. E daí, re a memoria que não falta, fui convidado pelo José Pinheiro de Melo, grande dignitario a quem me tinha apresentado logo que cheguei a Lisboa, a apparecer no meu escritorio do Bairro Alto — por sinal que era uma casa de panhones.

Estou ainda a vê-lo, homem robusto, pesadote, já de cabelos brancos, com aspecto bondoso e afavel. Recobreu-me muito bem e disse-me que o motivo do convite para ir falar-lhe fora o Sapientissimo Grão-mestre achar preferivel que eu comparecesse ás sessões do Grande Oriente em trajo civil e, amavelmente, tentou explicar a dilpencia com motivos de caracter militar.

(1) Vol. I, doc.^o 5 e seguintes.

É claro que, como não tinha em Lisboa traje civil e nem o podia vestir na escola, não voltei a sessões com ritual só esporadicamente ia ao Grande Oriente quando era necessário tratar de qualquer assunto de que a Loja Acad. Liure me encarregava.

Conheci nessa altura o dr. Anselmo Xavier que se foi discursar na tal sessão de 1 de Fevereiro. Ainda me lembro bem do seu tipo romântico, simpático, com a oratória muito cheia de lirismo, de palavra fácil e frase muito cuidada.

Também conheci o José Maria de Moura Barata Feio Terenas que vivia perto da Escola do Exército no edificio onde tinha, salvo erro, a Inspecção ou Direcção das Bibliotecas da Câmara, no Largo do Mestre; e algumas vezes, em intervalos de aulas, ia surreptitivamente, com a farda de serviço interior, escondo um pouco com as paredes procura-lo para lhe falar. Tinha também figura romântica e embora apenas com os seus 50 anos, a cabeleira caída descuidadamente era já branca, assim como o bigode farto bem tratado. Usava gravata à la Vallière; conversava bem e animadamente; mas o

olhar vivo, de certa agudeza, vistos hoje ao fim de quase seis décadas, é que me tirava talvez a impressão do espírito romântico recebido de entrada. Conservei dele todavia uma boa lembrança, e nunca mais lhe falei depois de sair da Escola; nunca pensei até em me aproximar dele de 1910 em diante — quem se pelo acaso que sempre tive de me aproximar dos que sobem e porventura já não me conheceriam.

E para lembrar mais um nome que depois teve larga nomeada, direi que também conheci o Artur Augusto Duarte da Luz Almeida, maçom categorizado e chefe revolucionário que mais tarde teve decisiva influencia nas organizações secretas que levaram a proclamação da República. Em Março de 1901 por qualquer incumbência de Academia Livre procurei-o já me não tendo se na residência se na Biblioteca da rua da Injeja que ele dirigia.⁽¹⁾ Tinha fisionomia franca, testa ampla, palavra fácil e, debaixo de certa delicadeza de maneiras, revelava a vontade firme e tenaz que depois

(1) Cfr. doc. n.º 9 do vol. I cit.

meantime. Já não sei o que me levou a procurar Luiz Almeida que veio a tornar-se laudario e nunca mais voltei a ver. Depois de 28 de Maio foi intensamente perseguido e morreu pouco tempo passado deixando a esposa na miséria, sustentada apenas pela solidariedade de alguns velhos camaradas.

Ora como não podia deixar de ser, a união ou boa harmonia na Loja Academia Livre abalou-se como é próprio em reuniões de rapazes. Foi isso pelas alturas de Maio no Rio de Janeiro pelo incidente ocorrido na sala dos cafés da Universidade com o tempo do Porto Don Ant.º Barros quando este foi padrinho do café. Não me recordo já de quem. Parece que a parsiada reaccionaria queria fazer qualquer manifestação ao tempo, aliás, segundo a tradição, espírito liberal de velhos missionários de África; isso custou e a parte liberal e republicana da estudiantada, nessa altura em grande maioria, pretendeu responder com outra manifestação.

Algum tempo antes a Academia Livre fizera uma representação que deveria ser entregue ao Parlamento, escrita pelo José Maria Dias Ferrão em estilo forte e com grande ro-

deus históricos, para pedir a execução das leis de Pombal e Aguiar relativamente aos jesuítas.⁽¹⁾ Já não sei se a representação foi entregue ~~o~~ o que sei é que a encontrei no arquivo da Loja quando fui chanceler-arquivista e de lá a copiei.

Estava pois latente o protesto e os amigos andavam um pouco excitados quando surgiu a ameaça de manifestações ao velho bispo Barros. Veiu o dia do capelo em Abril e os rapazes da Loja desencadearam uma manifestação de desagrado ao Barros que causou um tumulto grande na sala nobre. Os reaccionarios que na verd.^a a não tinham por vocado, responderam com certa energia como era natural e, diga-se, logico.

É claro que na Univ.^{rsid.} abriu-se o inquerito e levantaram-se os autos consequentes; e na Loja conferiu carta que recebi e copiei do Mario Duque e José Ferrão⁽²⁾ levantou-se a suspeita de que estes dois não foram á sala dos capelos e traíram a solidariedade devida por medo ou por cautela.

(1) Ver doc.º n.º 2 do vol. I cit.º

(2) No mesmo vol.º, doc.º n.º 15.

Dequi nasceu real-estar e desse real-estar veio a saída da Loja dos dois amigos acompanhados de outros dois resolvidos a formar novo quadro maçônico. E nesta conformidade escreveram-me a dita toypa missiva a que alludi solicitando a m.^o adesão e ao mesmo tempo a minha interferencia junto do Ant.^o Aurelio da Costa Ferreira para que este desistisse da entrada para a Academia Livre e aceitasse o nosso convite.

Pelos documentos conservados e copiados vê-se que causei a adesão do Costa Ferreira ⁽¹⁾ o que alegrou os desidentes. ⁽²⁾ E assim se formou um novo quadro a que deram o nome de Liberdade e foram filiar no Grande Oriente de Portugal, desidente do Grande Oriente Lusitano Unido.

Era o Grão-mestre o Conselho: Peito de Carvalho, par do reino e, nessa altura, Director geral das Alfandegas; fôra amigo do rei D. Luis e, segundo as más liguas, seu alcáide privado. Contavam-se, até, varias anedotas relativas ás aventuras amorosas

(1) - Doc.^o n.^o 16 do vol. I cit.^o

(2) - Doc.^o n.^o 17 do mesmo volume.

do rei; não seriam todas verdadeiras mas a verdade é que andavam de boca em boca.

O veneravel da nova Loja seria o José Ferrão; eu seria um dos vigilantes; o Mario Dupre irmãos oradores, etc. etc.

Na Academia Livre o meu requerim^{to} eu que pedia o quite, bem como os outros, deu azo a processos fundamentados em falta viva de desobediencia, revelação de segredos, etc. Parece que deram o castigo com a minha saída e, demais a mais, sem poderem exercer punições disciplinares porque os dois Orientes não se correspondiam.

Como se vê, a harmonia reinava entre os Irmãos...

O Mario Dupre escreveria-me a dizer que havia «os maiores desejos de trabalhar» e todos andavam animados; em 23 do mesmo mês de Maio recebi intimação do Veneravel da Academia Livre dando conhecimento do processo pendente que corria contra mim «por motivo de delitos contrarios ás leis e regulamentos maçonicos...»

E pronto... Acabou-se aqui o primeiro capitulo da minha aventura maço-

mica; e, como se vê, posso termina-lo com
 meu viva á boa harmonia e á boa união en-
 tre Irmãos...

x

Em 22 de Junho desse anno de 1901 in-
 stalou-se provisoriamente no templo da Loja
Aliança de Coimbra a nova Loja Liberdade
 «com todos os cerimoniaes da liturgia» como
 informou o amigo José Ferrás.

Eu tinha então o gráu 5.º que ainda me
 fôra concedido na Academia Livre e Viva de
 pagar 3:000 reis pela carta patente e quejau-
 das alcavatas.

Segundo apontamentos que guardei, os
 fins que havia em vista, ao fundar a Loja,
 eram complexos. E talvez não seja inutil
 a transcrição de uma minuta curiosa para se
 avaliar mais exactamente o que eram os po-
 nhos da rapaziada desse tempo — ponhos
 que, para ser justo ao fim de algumas décadas,
 não sei se em todos seriam desinteressados.

Mas vamos lá... Aqui fica a minuta
 tal como a guardei; e já ao fim de tantos
 annos não posso afirmar de quem era a letra.

« O papel da Loja : o que temos a fazer: três os pontos : 1.º Pensar e propor melhores reformas, elaborando projectos, etc.; 2) pôr em acção desses projectos os viáveis. 3) pela nossa situação neste vale, assimilar elementos que proporem os princípios da nossa fé deus e formarem um núcleo importante no futuro !

« Relativamente a esta função : talvez a mais importante muito há que fazer.

« Critérios na escolha dos profanos qua-
lidades exigidas :

- « 1.º Seriedade - segredo - lealdade.
- « 2.º Honradez.
- « 3.º Boas intenções.
- « 4.º Inteligência clara.
- « 5.º Instrução bastante.
- « 6.º Carapem. (erro dizer-se que necessitamos homens valentes, carecemos mais de homens instruídos do que de valentes. No século XX uma sociedade que segue ao sentimento de fraternidade não precisa de homens de valor físico mas sim de valor moral e intelectual. Nós não fazemos revoluções; queremos a paz e a união de todos os homens, etc.)

« Necessidade do conhecimento profundo do carácter do neofito.

« Das iniciações

« Desarmonia dos rituais com o progresso do século.

« Erro da Igreja católica no conservantismo exagerado; tendência para o progresso.

« Abolição das provas físicas de terror como a corda ao pescoço, os pés descalços, etc.

« Necessid.^{de} dos interrogatórios desenvolvidos.

« Necessidade do conhecimento do carácter, inteligência e instrução do profano.

« Inoportunid.^{de} do interrogatório sobre religião, salvo como meio do conhecimento moral.

« Inconveniente do conhecimento das ideias políticas. Art.^o 1.^o da Constituição.

« Art.^o 1.^o, 3.^o e 4.^o liberdade de consciência.»

Como se vê, teoricamente, tudo está bem; boas intenções, de certo, em grande parte dos rapazes; mas o pior é que dessas boas intenções diz o Povo que está o Inferno cheio. E eu, como estava em lista nos fi-

mais do 1.º ano do curso de Infantaria, não podia acompanhar de perto os trabalhos — q. aliás com a proximidade dos exames e depois com as férias, foram suspensos.

Verdadeiramente, a Loja só começou a funcionar regularmente em Outubro seguinte, embora de começo sem Templo próprio; este foi inaugurado em 14 de Novembro desse ano de 1901 « com a decência que é peculiar "às nossas limitadas forças" » como dizia o comunicado para o Grande Oriente. E na verdade o veneravel José Ferrão escrevendo-me nesse mesmo dia, dava-me parte da cerimonia e pedia-me para eu lhe mandar o pagamento de duas quotas que eu tinha em divida e desculpava a sollicitação com a frase: « porque ha cá m.ª falta... »

Pela documentação que guardei vê-se que procuraram augmentar o quadro e lá se vêem nomes que depois abandonaram a Maçonaria e tomaram rumo muito diferente. Conseguei guardar uma relação dos Irmãos desta Loja Liberdade pela qual se vê a variedade de rapazes que foram admitidos não sei se bastante levemente; essa relação está junta aos documentos no no

lume I já referido e contém variadas indicações. Hoje esta relação ou mapa tem certo valor para se avaliarem as mudanças de alguns indivíduos durante a vida.

Um dos rapazes de mais peso na Loja era o Francisco Martius Gyilo, estudante de medicina, activo, nada tolo mas chicaneiro como todos os demônios. A sua acção foi sempre metódica e activa mas também sempre pronta para segredos, desconfianças, queixunhas de cá-cá-ná-cá, melindres por isto e por aquilo. As cartas dele que conservei e deixei copiadas⁽¹⁾ deixam ver isso muito bem; são até documentos preciosos para ver como se trabalhava dentro da Maçonaria em Coimbra «para bem da Humanidade...»

E depois... havia também a vontade de subir nos graus; logo no começo do ano lectivo, quando se retomáram os trabalhos da Loja, aparece a ideia de os fundadores serem elevados ao grau 18.º ou seja de Cavaleiro de Rosa-Cruz. Este Martius Gyilo, então, não pensava noutra coisa apesar de eu e outros lhe dizermos que não eram os graus supe-

(1) Doc.º n.º 28 e seq.ºs no cit.º vol. I.

riores o mais necessario para trabalhos de verdadeira utilidade.

A vaidade das insignias impressionava muito e, nessa altura, dava cartas em Coimbra o Fausto de Quadros, estudante de Direito que fundára a Loja Patria de que, se me não enganar, era veneravel.

Este Fausto de Quadros, falecido ha pouco no cargo de Desembargador aposentado, era tipo muito curioso, mixto de vaidade e de espirito autoritario que encoleria com distincta correcção de maneiras; creio já ter fallado aqui desse meu contemporaneo e participo em passados capitulos destas minhas folhetes memoriaes. Na Loja dele tudo era formalitario, protocolo, cerimoniaes, salomate-gues; o seu feizo espectacular complicava as coisas mais simples; como veneravel rodeava-se de uma liturgia complicada que ia ás fronteiras do ridiculo. Gostava das coisas assim e havia quem o acompanhava nessas manifestações de exterioridade que nada significavam.

Era, contudo, emprendedor e trabalhava; conseguiu pôr na rua um jornal O Liberal cujo prim.º numero saiu em 13

de Janeiro de 1902 sob responsabilidade do velho maçom e republicano José Augusto Pereira de Vasconcelos — periódico que em Março requinte, segundo me escreveu o Fausto "iria « fazer resto » com qualquer cautela de q. que não tenhamos já.⁽²⁾

Ora isto vem a propósito da boa vontade do Martins Grito em ser Cavaleiro da Rosa Cruz. E na verd. em Março desse ano de 1902 o grão 18.º veio para os fundadores da Loja no numero dos quais me contei.

O Ferrão, noticiando o caso diz que o Costa Ferreira, então veneravel da Loja, andava bem e a contento, apenas « pouco experiente quer em ritual quer em diplomacia a que nós, em tempo, chamávamos "marioladas" »⁽³⁾ Esta frase define bem o espirito que reinava na rapaziada: era necessaria a experiencia da diplomacia a que se dava o nome de « mariolada... »

(1) Doc.º n.º 39 da cit.º vol. I.

(2) O Liberal saiu como disse, a 13 de Janeiro e ainda durou até 9 de Novembro do mesmo ano. Tinha boas colaborações e era jornal interessante e variado. Ver o livro Jornais e Revistas do Corinário de A. Carneiro da Silva, a pag. 82

(3) Doc.º 41, ~~no~~ no cit.º vol. I.

Eu era novo, tomei certo entusiasmo e sincero pela Maçonaria e, com franqueza, como não queria parvir - que dela, não media bem o que havia de interessante em muito e achava graça a estas tarachas do José Ferrás nem ver o que havia nelas de fundamental para avaliação de certas mentalidades.

Paralelamente, o Marbuis Grilo não concordava com o procedimento do Costa Ferreira que, segundo aquelle, se deixava arrastar «pelos conselhos de tolas cabeças»; e em um caso relativo á Tuna Académica de que ele, Costa Ferr. era presidente, se mantivera de modo a desagradar á Loja onde havia muitos tunos dedicados e amijos das viagens alegres á Espanha; e assim, esse procedimento ameaçava o desmembramento da Loja... Além disso o Marbuis Grilo accusava o Costa Ferreira de ter ideias prefelicitas (sic) e ter por conspiradores o dr. Teixeira de Carvalho e o Arthur Leitão, medico.

As coisas, porém, compozeram-se; a Tuna sempre foi á Galiza; mas o fermento das discordancias e questionculas ficou não só dentro da Loja mas tambem entre as officinas do vale a que a celebre questã do

Cesário e o apedrejamento do coubois em que regia o celebre conselheiro Bartho não dar certo incremento.

As cartas de Martius Gyle continuavam a dar-me a impressão de desorganização interior da Loja. O Costa Ferreira não seria, na verdade, homem para se impôr com energia; tinha grandes qualidades, sem dúvida, mas faltava-lhe, talvez, o espirito pratico necessario para lidar com tal variedade de rapazes. E depois, o caso do Cesário com os credores externos, apaixonou a opinião excitada pela campanha republicana e deu azo a manifestações de estudantes que a policia logo atenuou a manejas maçonicas — o que parece tornou suspeita a Loja e os seus principais componentes.

O Costa Ferreira foi visado e teve allies que me contaram em carta ⁽¹⁾ entre ellas certo mal entendido com o José Ferrás que julgo exartitou em missão que o levou a Lisboa, ao Grande Oriente. Enfim, uma emulhada constante cujos ecos me chegavam a' Escola por cartas de uns e de outros.

(1) Doc. 47 do cit.º vol. I.

Por essa altura fui autorizado a iniciar, em comissão, o meu condiscipulo na Escola, Hellder Arreunado dos Santos Ribeiro que anteriormente eu tinha proposto para a Loja; e lembro-me bem de que uma noite, passeando no corredor largo que ao tempo ligava os tres edificios do internato, eu iniciei nos « nossos augustos mysterios » o rapaz vivo e inteligente que depois, com o tempo, veio a ser figura predominante no regime republicano, ministro da Guerra e da Instrução e actualmente... coronel do Estado-maior reformado e empregado na fabrica de conservas do Manuel Pinto de Arreunado em Matosinhos. Para um lado e para o outro, ao longo do corredor, eu expuz mesiadamente os fins da Maçonaria, a sua razão de ser, a forma dos trabalhos, como se fazia uma iniciação, etc.; e assim o Hellder Ribeiro, o futuro « jovem turco » foi admitido na Loja Liberdade e tomou o nome simbólico de Felbo Moniz. E segundo vejo numa carta do Martius Grilo, teve de pagar 4:500 reis — quantia nesse tempo, para estudante, bastante elevada.

O Martius Grilo continuava com os seus arreunfos; e por causa da successão do

gráu 18.º a certo olheiro case que nós ambizavauamos, e entendia que só deueriamos autorizar a concessão de do Grande Oriente de seu a nós, fundadores, o gráu 30.º! Caso contrario sairiamos da Loja e fundariamos outra... Sempre a eterna questuncula e a eterna vaidade das hierarrias.

E o ano lectivo ia correndo e eu a ver que teriamos nova embulhada e não a poderia evitar. Uns e outros queixavam-se-me mutuamente e queriam que eu me impozesse ao contrario; e eu, aborrido pelos trabalhos finais do curso e proximidade dos actos, ia-os entreteendo com promessas e com eu outro paliativo.

Passados estes cinquenta e tal anos não sei já capaz de contar as coisas mais meadamente. Este capitulo terá de ir assim um pouco ao solavanco.

E' certo que os trabalhos continuaram e a Loja chegou a ter uns trinta e tantos olheiros e a perspectiva de fundar alguns trianquitos⁽¹⁾ No proprio Grande Oriente havia certo optimismo proveniente de algumas Lo-

⁽¹⁾ Ver o Quadro da Loja no cit.º vol. I.

jas do Grande Oriente Luiziano saíram da obediência e filiaram-se ao Grande Oriente de Portugal, a uma das quais pertencia o Dr. Bernardino Machado; mas também é certo que as pequenas querelas levantadas, falta de sinceridade e desinteresse em grande numero de rapazes, dava o mesmo resultado que as cartas q. eu recebia na Escola bem mostravam.

Mas... surgiram as férias grandes; e a intripalhada descaucou pelas férias e pelas férias. Em Outubro, no dia 25, realizei com os trabalhos a que assisti.

Nessa sessão, por sinal, foi reprovada a admissão do Agafito Pedroso Rodrigues por 4 esferas pretas — reprovação que não seria injusta, apesar de uma das informações do ritual lhe chamar «pensador que de certo...
 "será para nós de regozijo recebe-lo em nos"
 "so peito e para ele de utilidade encontrar-se"
 "num campo honesto de Verdade e de Luz...»
 Mas o Pedroso Rodrigues não era homem para acamaradar com sinceridade; sempre o considerarei um insincero e por consequencia seria um mau elemento. A vida, depois, provou bem o meu juizo a seu respeito; ra-

por habil, sem duvida, muito bastante, interessante na conversação, mas sem sinceridade de qualquer especie. Creio que não exagero.

É a-proposito da recusa do Pedroso Rodrigues, cabe aqui lembrar que havia pouca cuidado na admissão de profanos. Nesta Loja Liberdade esteve para ser admitido, por ex.^o, o José Casiro da Mata; nesta altura do começo do anno lectivo de 1902-1903 foi iniciado o Luis Ramires, então estudante de preparatorio para a Escola do Exercito, hoje general creio que reformado; e tambem nessa altura tive conhecimento de que estava filiado na mesma Loja de Lisboa o então alferes au Tenente João de Almeida que frequentava o curso do Estado-maior em Lisboa.

Passado este tempo todo, pergunto: essas creaturas eram por essa epocha espiritos liberais, republicanos, sinceros na sua entrada na Ordem, capazes de se adaptarem ao ambiente? Não sei. O que sei é que, ao correr da vida, a mudança que qualquer d'elles fez foi enorme e talvez pouco correcta.

É assim muitos outros cuja entrada por vezes era lembrada e sollicitada com ~~com~~

a única mira de ampliar o quadro meu olhar á qualidade.

E assim, com o caminhar do ano lectivo de 1902-03, a desarmonia accentuou-se. Eu estava então em Mapra, na Escola Prática de Infant.º, como aspirante; as notícias meu sempre eram concretas; mas meus amigos assim desgostavam-me.

E deu-se o inevitável acêdo no fim do ano de 1902: um grupo de rapazes pensou em formar outra Loja dentro do mesmo Grande Oriente⁽¹⁾, tudo movido pelo Grilo, o inquieto Martius Grilo, almas de todos os meandros, de questúnculas, de verdadeiras gargalhadas.

Em 9 de Janeiro de 1903, o Costa Ferreira annunciava-me a deserção bem como o secretario geral do Ordem, o commerciante José Barbosa Marinho em carta sentida e atenciosa. Dias depois, o Costa Ferreira novamente me escrevia: « Isto aqui vai de mal a pior » e conta que o Dr. Bernard.º Machado o mandara chamar para falar sobre o assunto, certamente para reforçar uma solicitação que

(1) Cfr. doc.º 70 do cit.º vol. I.

já fôra feita pelos homens da Loja Portugal de que era veneravel o dr. Francisco Fernandes Costa. E ainda pouco depois voltava desanimado a escrever, dando a impressão de que queria deixar ~~o cargo~~ o cargo de veneravel e possivelmente abandonar a Loja. Chegou a escrever: « Isto tudo é uma cançada » e ainda que nada se podia fazer com rapazes; parecia-me que a unica coisa vantajosa que se tirava destas lojas era o recrutamento de elementos de que se podia fazer escolha que depois « seriam difíceis de aparehar. »

E assim a Loja se foi arrastando.

Em 23 de Maio estive em Coimbra e assisti á sessão em que apenas estiveram sete olheiros e na qual foi aprovado o Alfredo Pimentã — então monarchista. E assim talvez se chega ao tempo de férias em que o Costa Ferreira, de Luso, no mês de Setembro, e em verso mascarónico⁽¹⁾ me dizia que estava disposto a largar a Loja e a ir para a dos dissidentes que afinal voltavam para o Grande Oriente Lusitano Unido.

Uma verdadeira trapalhada.

⁽¹⁾ Cfr. doc. 79 do cit.º vol. I.

Admirei-me de o Costa Ferreira, já então meu cunhado desde Agosto, salvo erro, tomar tal resolução. Calentou ele que eu não gostaria e escreveu: « Já sei que não gostou "e que tarce o nariz arreliado...»

Tratava-se da nova Loja Pro-Veritate, nome simbólico que, na realidade, contrastava com toda a serie de mentiras... Mas as coisas eram assim e eu vi-me cercado de solicitações. Tive a fraqueza de ceder e anuir.

Lá fui para o quadro da Loja Pro-Veritate com o meu gráu 18.º de Cavaleiro da Rosa Cruz, juntamente com o Costa Ferreira que, nessa altura, já tinha o gráu 30.º E fiquei meu pai o que se passou depois com a Loja Liberdade que, certamente, já me não leu, terminou os seus dias ciploriamente.

Em compensação, foi na Loja Liberdade que encontrei dois bons amigos: o Luis da Silva Ribeiro que se notabilizou depois como erudito etnógrafo e o José Colaço Alves Sobral, um dos melhores moços que conheci já falecido ha cerca de 30 anos quando a vida lhe parecia melhorar depois de dificuldades e não poucas más vontades creadas perante o seu carácter sério, incapaz de tran-

siências que o podessero deshonrar. Tu-
do isso tem a sua compensação.

E eu lá me deixei levar a reboque...

. x

Em 8 de Maio de 1904 fez-se a instala-
ção solene da Loja Capitular Pro-Veritate, do
rito escocês, autorizada por D. n.º 16 de 21 de
Abril anterior, assinado pelo Grão-Mestre do
Grande Oriente Lusitano Unido, ainda o mes-
mo Luis Augusto Ferreira de Castro.

Segundo o requerimento (da autoria
do Marquês Grito) a Loja queria « unir o seu
"insignificante esforço ao esforço daqueles q.
"lutam pelos sagrados ideais da Liberdade...»⁽¹⁾
E o mais interessante é que se dizia e escre-
via isto a pério.

O quadro constava de 22 olheiros mas
tinha o defeito inicial de ser heterogéneo, es-
pecialmente porque tinha certo numero de
elementos não estudantes ou sejam futri-
cas que não davam boa tipação com os aca-
démicos. Houve a boa intenção de reunir es-
tes elementos para poder influir no ambien-

⁽¹⁾ Doc.º n.º 87 a 89 do cit.º vol. I.

te comimbericeuse no sentido de evitar a des-
 armonia sempre latente entre as duas po-
 pulações; mas não deu resultado porque os
 escolhidos não eram pessoas para tão alto pro-
 posito.

Entre esses fabricas estava um dono de
 tipografia da rua das Solas (hoje Adelino Veiga)
 chamado João Maria de Oliv.º Carvalho,
 homem de acção e republicano antigo mas,
 conforme a impressão que sempre tive, um
 pouco velhaco. Nunca gostei dum sorriso
 que se permanentemente que sempre me via e q.
 não correspondia ao assunto tratado.

O certo é que no dia 8 de Maio, dia po-
 leme para Coimbra, foi instalada a Loja «em
 "lugar m.º occulto, muito forte e muito ilu-
 "minado, onde reinava a Paz, a União e o
 "Amar Fraternal» segundo se lê na acta. (1)

A instalação foi feita pelos veneráveis das
 três Lojas de Coimbra: o Manuel António da
 Costa, da Perseverança, a mais velha da ci-
 dade e de boas tradições; o dr. Francisco José
 Fernandes Costa, da Barbupal e o Fausto de

(1) Doc.º 91 do cit. vol. I. O quadro da Loja es-
 tá no mesmo vol.º, no doc.º n.º 87.

Suadros, da Pátria; a sessão correu com certo brilho e solenidade e o Martius Grito que era o orador fez o seu discurso em termos de fácil retórica: congratulou-se pela realização das aspirações de todos os seus compatriotas « que se acham arrimados do desejo de trabalhar em prol da Humanidade e desta tão infeliz e desprezada Pátria Portuguesa... »⁽¹⁾ E fez ainda considerações bonais em estilo que fez ser aproveitado.

E assim se começou a trabalhar em paz, união e amor fraternal e em prol da Humanidade...

Mas... com o impulso de entrada as coisas lá foram correndo o melhor possível; as férias aproximavam-se e verdadeiramente não houve muito tempo para se desencadear qualquer temperatura; mas no recomeço dos trabalhos, em Outubro, a doença insperita das lojas de rapazes agora agravada com a presença dum grupo razoavel de futricas, começou a mostrar os mesmos sintomas e por lá cá aquela patha as que siunculas surgiam.

⁽¹⁾ Doc. n.º 92 do cit.º vol. I.

O Oliveira Carvalho arvorou-se em capataz dos judrucas e contrariou certas decisões dos académicos; por motivo de se querer alterar a capitulação dos oleiros de fora da terra e isentar dela uns que não estavam em condições de pagar, ao que o Carvalho se opôs e a sua gente, começou luta pueril entre uns e outros.

O Martius Grito confidenciou que se arrependeu de propor o Carvalho que andava a perturbar a « paz e união »; quem recebeu a confidencia, um José Maria Ribeiro (de que já me não lembro bem) foi confidencia-lo ao dito Oliv.º Carvalho; este ficou, naturalmente, zangado e passou a contrariar em tudo a acção do Martius Grito e a accusa-lo por detrás da cortina.

Tudo tudo creou na Loja uma atmosfera de desconfiança desagradavel e nas resposões em que o elemento judruca estava em maioria, chegou-se ao procedimento pouco correcto de revogar decisões propostas pelo Grito e que estavam em execução.

Em Dezembro, o Costa Ferreira escrevia-me para Lisboa onde estava eventualmente: « Ontem, mosquitos por cordas

"no Templo de São Gílo...» e depois de contar que foi reprovada a admissão dum rapaz proposto por mim, acrescentou: «Qual São Carlos, qual Ginasio, qual Trindade!...»

E de novo surgiu entre os estudantes a ideia duma reparação amigavel, um desdolaramento da Loja em que ficassem numa os fabricas e na outra os estudantes entre os quaes eu ficaria como unica excepção. E emsegredo o caso começou a ser tratado, combinando-se só se dar parte ao veneravel quando as coisas estivessem organizadas e assentes convenientemente.

Mas... dizem que o Diabo esconde por um lado e descobre por outro: os fabricas desconfiaram de que se tramava a reparação ~~amigavel~~ mas não a consideraram amigavel e vieram pura e simplesmente a vontade de se afastarem deles. O ambiente, pois, excitou-se por pequenos pedacos de 3. não sou já capaz de me lembrar com precisão; o veneravel, que era então o medico Arnaldo Leal Gonçalves, pediu a demissão e declarou aos comissionados que o procuraram para desistir do pedido que mantinha o seu proposito especialmente

porque era inconspicuo e com o Martius
Gyilo e com o Luis da S.^a Ribeira.

Uma embreuhada dos demonios.

Por esta altura fui elevado ao grau 2.^o
chamado, no ritual, de Mestre ad ritum e
foi emprossado nele pelo velho Manuel Antõ-
nio da Costa, meu tãdo, na solrelja da sua
mercearia na rua da Calçada ou de Ferreira
Borges, meu ceremonial. Lembro-me bem
atã de que o acto se passou entre duas cai-
xas de bolachas, arrumadas em rimas; e
ele, o bom velho, leu solenemente duas for-
mulas do ritual eugrãto e eu me cousei-
nava ajoelhado sobre o joelho direito; batã-
me depois com um marteo na cabeça não
sei quantas vezes; e por fim deu-me o
abraço fraternal com certa sinceridade. E
tudo isto muito a sério, como se se cum-
prisse um rito superior.

Este bom Manuel Antõnio da Costa era
homem rão, vinha de outros tempos, fãra ami-
go do velho Athilio Roque de Sá Barreto, con-
vivãra com homens que intervieram nas
primeiras audeanças do Partido Republica-
no e outros que ainda vivãra da Patuleia.
Era, contudo, pessoa calã, pensatã, con-

iliadora e com certa dose de boa impunidade e boa fé torná-vam - no creatura um pouco fora das realidades do tempo. Considero-o sempre muito e ele, parecia - me, tinha certa estima por mim.

Mas, voltando à subreptícia da Pro-Veritate: o Oliveira Barbalho na sessão de 16 de Maio desse ano de 1805, levantou-se e disse, sacudindo a cabeleira revolucionária um tanto maltratada talvez propostadamente, que o Armando Gonçalves ao querer afastar-se da direcção da Loja seria pela incapacidade com os dois irmãos acima citados e « mais alguns outros. » que procederem com deslealdade para com a Loja ...

Ora nesta frase um tanto ou quanto ridiculosa estava eu incluído e mais o José Solral — e por isso nós dois (em no dia 18, o Solral em 19 do mesmo mês) requeremos o atestado de quíte em carta extensa e bastante curiosa.⁽¹⁾

A seguir houve intervenção do Gustavo Adolfo Bergström já me não lembro como; de que me lembro, auxiliado por

(1) Doc.º n.º 109 e 110 do cit.º vol. I.

notas soltas que encontrei entre a papela-
da, é que esta intervenção foi considerada
como traição e em virtude disto pediram
o quite o Antonio dos Santos Silva e o Ser-
gio Calisto, estudantes classificados de Medici-
na. E foi então uma debandada.

Passados alguns tempos, o Arnaldo
Gonçalves falando com o Costa Ferreira, lasti-
mado o resultado da emburalhada, confes-
sou que «estava farto deles» (os furtivos);
mas a verid. é que certos relações com o
Martins Grito, com o Luis Ribeiro e comigo.
Só muito tarde é que voltou às boas e es-
queceu.

O meu atestado de quite foi passado
só a 29 de Novembro; assinavam-no o me-
ravel Arnaldo Gonçalves; os vigilan-
tes Baltazar de Almeida Teixeira e José Ter-
mosto Marques Donato; o arador Gustavo Ber-
gström, etc. A data do atestado é avançada
em relação ao requerimento; mas a verid.
é que, desde Maio, me considerava livre
de toda aquella trapalhada e sem saber bem
o que faria com as minhas horas de meo-
bre ad vitam ou seja o grau 20.º do rito es-
cots.

Em meus de meus dias de anos, conheci tres Lojas e saí delas por motivos bem diferentes daqueles tão afropados e ... jurados de « paz, uniao e fraternidade ... »

x

Entrei para um periodo de descauco que abraçe quase tres annos.

De descauco é um modo de dizer; sem pre a lrotaeja maçonica mais em meus me levava a conversas e até a tentativas de nova filiação. Nessa altura, a agitação politica e o avanço constante da propaganda republicana davam esperanças de uma prox.^a mudança de regime; e a Maçonaria era sem duvida um cadinho excelente para abrigar essas esperanças.

Pensou-se, no grupo de rapazes que saíram da Pro-Veritate e logo nos primeiros meses de 1906, em entrar para a Loja Patria e nesse sentido se fizeram algumas negociações. A solução, porém, não era muito do meu agrado por causa dos formalismos e patacoadas do Fausto de Quadros sem « magnifico » veneravel. Felizmente, qualquer trapaçada do Martius

Grito fez com que o Fausto nos fechasse a porta com uma palavra de coices fraternal. E foi melhor assim.

Naquela officina o grupo saído da Pro-Veritate iria alterar a calva disciplinada existente e fazer dores de cabeça ao imponente Guadros. E Veríamos em pouco tempo nova embelhada e mais uma cição desagradavel. O caso ficou arremado e chegou o verão e com ele as férias. (1)

Mais tarde, vim a saber que o Fausto de Guadros não gostava da nossa admissão porque, como eramos quase todos Cavaleiros da Rosa-Cruz, teríamos na Loja uma supremacia periposa para eles. E o Fausto não gostava de superioridade e de ele estivesse. O incidente com o Grito serviu-me ás mil maravilhas para resolver o problema.

Ora aconteceu que numha noite dos primeiros de Setembro eu fui á Figueira da Foz, de passeio; depois do jantar entrei no Casino Peninsular e encostei-me a uma

(1) Ver os docum. n.ºs 130 a 132 do vol. II da coleção mencionada.